

Maria Luiza Albuquerque Corrêa

FENÔMENO BULLYING:
Características de vítimas e agressores em escolas
particulares de Belo Horizonte

Barbacena

Universidade Presidente Antônio Carlos - UNIPAC

2008

Maria Luiza Albuquerque Corrêa

FENÔMENO BULLYING:
Características das vítimas e agressores em escolas
particulares de Belo Horizonte

Dissertação apresentada ao curso de
Mestrado em Educação e Sociedade
da Universidade Presidente Antônio
Carlos – UNIPAC como requisito
parcial à obtenção do título de
Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação e
Transdisciplinaridade.

Linha de Pesquisa: Educação e
Saúde – aspectos preventivos e
intervencionistas

Orientador: Prof. Dr. Sebastião
Rogério Góis Moreira.

Barbacena

Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC

2008

UNIPAC – Universidade Presidente Antônio Carlos
Departamento de Pós-Graduação
Curso: Mestrado em Educação e Sociedade

Dissertação intitulada “FENÔMENO BULLYING: Características de vítimas e agressores em escolas particulares de Belo Horizonte”, de autoria da mestranda Maria Luiza Albuquerque Corrêa, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Professor Dr. Sebastião Rogério Góis Moreira. Orientador. UNIPAC

Professor Dr. Amadeu Roselli-Cruz. Membro efetivo. Externo. UFMG

Professora Dra. Maria Bellini. Membro efetivo. Interno. UNIPAC

Professora Dra. Marília Araújo Lima Pimentel. Membro suplente. Interno. UNIPAC

Professora Dra. Raquel Vaserstein Gorayeb. Membro suplente. Externo.

Faculdade Estácio de Sá – RJ

Barbacena

2008

Agradecimentos

Agradeço principalmente à Deus. Foi Ele, que mesmo nos piores momentos dessa caminhada me deu forças suficientes para me manter de cabeça erguida e acreditar no meu potencial. Graças à Ele, nunca me senti sozinha.

Ao Prof. Dr. Sebastião Rogério Góis Moreira, sem o qual a qualidade desse trabalho estaria comprometida, pelo conhecimento e direcionamento necessários ao percurso desta construção. Hoje, um grande amigo.

Ao Prof. Dr. Amadeu Roselli-Cruz, pela amizade e apoio incondicional, sempre muito solícito e paciente.

Aos Professores Doutores Raquel Vaserstein Gorayeb, Marília Araújo Lima Pimentel e Padre Silvio Firmo do Nascimento, por terem me proporcionado rico conhecimento científico e descontração em sala de aula. Também pela amizade fora do ambiente acadêmico.

Às minhas colegas de quarto, desde o primeiro dia de aula, Amaline Réche Marcondes Gusmão, Eliane Abdo Barreto e Maria Aparecida de Fátima Titonelli. Vocês foram mais que confidentes e amigas, foram meus alicerces durante a fase mais difícil de minha vida.

À minha mãe e minha avó Luiza, pelo apoio durante os momentos de aperto.

Ao meu pai por ter me proporcionado uma riquíssima base de conhecimentos para poder ter chegado até aqui.

Aos colaboradores Rogério José Pinto, Marco Antônio Remigio da Silva, Berenice Cruz Viterbo Prado, Adriana Quintão e Edna Maria Pena Carvalho, sem os quais, essa pesquisa não poderia ter sido realizada.

Às secretárias do Mestrado da UNIPAC, Elen Rose Cantaruti Viana, Elisabeth Maria Daher Magri Ruffoni e Wilda Paes de Medeiros Sant'Anna pela eficiência profissional e paciência no atendimento dado a mim durante essa pesquisa.

Aos estudantes colaboradores dessa pesquisa, dispondo-se a participar e enriquecer este trabalho.

Resumo

Fenômeno *Bullying*: Características das vítimas e agressores em escolas particulares de Belo Horizonte

Maria Luiza Albuquerque Corrêa

Fevereiro / 2008

Orientador: Prof. Sebastião Rogério Góis Moreira, Doutor em Psicologia pela PUC/CAMPINAS

Programa de Pós-Graduação em Educação e Sociedade – UNIPAC / Barbacena

O termo *bullying* é de origem inglesa, e adotado em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar um indivíduo e colocá-lo sob tensão. Também é um termo que conceitua os comportamentos agressivos e anti-sociais, utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre o problema da violência escolar. O fenômeno é desencadeado de forma repetida contra uma mesma vítima ao longo do tempo e dentro de um desequilíbrio de poder. Trata-se de um fenômeno social de grande relevância, e possui características peculiares que podem ser identificadas. Pode-se também dizer que o *bullying* é um comportamento cruel, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de brincadeiras que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar. Como consequência, os alunos vitimados por este fenômeno podem apresentar efeitos trágicos nas suas vidas: a exemplo, falta de vontade de ir à escola, vontade de trocar de colégio, queda de rendimento escolar, isolamento, baixa-estima, medo e ansiedade incomuns, distúrbios do sono e pesadelos, depressão e até mesmo podendo chegar ao suicídio. A pesquisa foi realizada em 3 escolas particulares da região sul de Belo Horizonte, com alunos da 5ª. e 6ª. séries, de ambos os sexos, com idades entre 11 e 12 anos, com o objetivo de caracterizar o perfil das vítimas e dos agressores. O método consistiu na aplicação de uma entrevista semi-estruturada com os estudantes escolhidos pela orientação pedagógica de cada escola. A análise dos resultados teve caráter quantitativo e qualitativo. O presente estudo concluiu que todos os alunos participantes da pesquisa foram vítimas e 60% se disseram agressores, sendo que os locais mais freqüentes onde o fenômeno acontece é nos corredores e nos pátios das escolas. O *bullying* pode ser um balizador para o nível de tolerância da sociedade com relação à violência, podendo conscientizar aspectos da importância de sua atuação na prevenção, diagnóstico, tratamento e orientação aos educadores, para lidarem de forma mais adequada com a violência entre adolescentes de ambos os sexos no ambiente escolar.

Palavras-chave: violência escolar, adolescentes, *bullying*, perfil do agressor e da vítima

Abstract

The Bullying Phenomenon: Features of the victims and bullies in private schools of de Belo Horizonte

Maria Luiza Albuquerque Corrêa

February / 2008

Advisor: Prof. Sebastião Rogério Góis Moreira, Doctor in Psychology at
PUC/CAMPINAS

Program of Post-Graduation in Education and Society – UNIPAC / Barbacena

Bullying is an english word, adopted in many countries to define the conscious and deliberated desire of mistreat a person and put him underpressure. It's also a term that judges the aggressive and anti-social behaviors, used by the english and american literature in researches about the problem of the school violence. The phenomenon is unchained in an over and over way against the same victim for a long time, under a unbalance of power. It's a social phenomenon of a great weight, that possesses peculiar features that can be identified. We can also say that the bullying is a cruel behavior, where the stronger turn the weaker into objects of diversion and pleasure, through jokes that disguise the intention of mistreat and intimidate. As result, the victims of the phenomenon can present tragic effects in their lives: for example, loss of will to go to school, intention to change school, downfall of the school revenue, isolation, low self-esteem, fear ou anxiety uncommons, disturbance of sleep and nightmares, depression and also commit suicide. The research took place in three private schools of the metropolitan south region of Belo Horizonte - MG, with students of the 5^a. and 6^a. degrees, with ages between 11 and 12 years, with the purpose of characterize the profile of the victims and the bullies. The method consisted in a semi-structured interview with the students choosen by the pedagogic orientation of each school. The analysis of the results had the quantitative and qualitative character. The present research concluded that all of the students were victims, while 60% said they were bullies, and the places where the phenomenon occur more frequently are the corridors and the yard of the schools. The bullying can be a limit to the tolerance level of the society in relation to the violence, by conscientizing aspects of the importance of the actuation in prevention, diagnosis, treatment and orientation to the educators, to deal with the appropriate form against the violence between student of both sexes in the school ambient.

Key Words: school violence, teenagers, bullying, profile of the bullie and the victim

LISTAS

Lista de gráficos:

Gráfico 1 – Meninas vítimas.....	137
Gráfico 2 – Meninos vítimas.....	138
Gráfico 3 – Vítimas do <i>Bullying</i> : total.....	138
Gráfico 4 – Meninos agressores.....	139
Gráfico 5 – Agressores: Total.....	140
Gráfico 6 – Ocorrência do <i>Bullying</i> : meninas	141
Gráfico 7 – Ocorrência do <i>Bullying</i> : meninos.....	142
Gráfico 8 – Ocorrência do <i>Bullying</i> : total	142

Lista de quadros:

Quadro 1 – Presença do fenômeno <i>Bullying</i>	003
Quadro 2 - Os piores massacres em escolas nos EUA.....	037

Lista de siglas e abreviaturas:

ABRAPIA – Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e

Adolescência

BDNF – *Brain derived neurotrophic fator*

SMAR – Síndrome de maus tratos repetitivos

Lista de sites sobre *Bullying*:

01. Ophelia Project: www.opheliaproject.org	40
02. Empower Program: www.empowered.org	41
03. ABRAPIA: www.abrapia.org.br , www.bullying.com.br	41
04. Diga não ao Bullying: www.diaganaoabullying.com.br	41
05. Educar para a paz: www.bullying.pro.br	42
06. Bullying.ORG – Where you are not alone: www.bullying.org	42
07. The anti-bullying network: www.antibullying.net	42
08. Kidscape: www.kidscape.org.uk	43
09. No more bullying: nomorebullying/blig.ig.com.br	43
10. Observatório da infância: www.observatoriodainfancia.com.br	43.

Lista de filmes sobre *Bullying*:

01. “Carrie, a estranha” (<i>Carrie</i>) – EUA (1976).....	44
02. “Te pego lá fora” (<i>Three O’Clock High</i>) – EUA (1987).....	44
03. “ <i>Forrest Gump</i> – O Contador de Histórias” – EUA (1994).....	45
04. “Diário de um adolescente” (<i>The Basketball Diaries</i>) – EUA (1995).....	45
05. “Inimigos para Sempre” (<i>Big Bully</i>) – EUA (1996).....	46
06. “Um Crime Entre Amigas” (<i>Jawbreaker</i>) - EUA (1998).....	46
07. “Nunca fui beijada” (<i>Never been kissed</i>) – EUA (1998).....	47
08. “Bang Bang! Você morreu!” (<i>Bang Bang! You’re dead!</i>) – EUA (2002).....	47

09. “Um grande garoto” (<i>About a boy</i>) – EUA (2002).....	48
10. “Pode bater que ela é francesa” (<i>Slap her, she’s french</i>) - EUA/Ale/UK (2002).....	48
11. “Elefante” (<i>Elephant</i>) – EUA (2003).....	49
12. “Tiros em Columbine” (<i>Bowling for Columbine</i>) EUA (2004).....	49
13. “Meninas Malvadas” (<i>Mean Girls</i>) – EUA (2004).....	50
14. “De Repente 30” (<i>13 going on 30</i>) – EUA (2004).....	50
15. “Odd Girl Out” – EUA (2005).....	50
16. “Apenas amigos” (<i>Just friends</i>) – EUA/Canadá (2005).....	51
17. “Lucas, um intruso no formigueiro” (<i>The Ant Bully</i>) – EUA (2006).....	51
18. “Ponte para Terabítia” (<i>Bridge to Terabithia</i>) – EUA (2007).....	52

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	01
1.1. Os objetivos que pretendemos obter com o presente estudo.....	04
2. O FENÔMENO <i>BULLYING</i>	06
2.1. Características dos agressores (autores).....	08
2.2. Características das vítimas (alvos).....	10
2.3. Vítimas/agressoras.....	11
2.4. O <i>Bullying</i> feminino (indireto).....	12
2.5. As testemunhas do <i>Bullying</i>	19
2.6. O <i>Bullying</i> entre adultos.....	19
2.7. Conseqüências da prática do <i>Bullying</i>	20
2.8. Perversão e assédio moral.....	23
2.9. Os trotes estudantis.....	27
2.10. <i>Cyberbullying</i>	30
2.11. O <i>Bullying</i> como motivador de chacinas no ambiente escolar.....	35
2.12. Sites e programas antibullying no Brasil e no mundo.....	40
2.13. Filmes que abordam o tema <i>Bullying</i>	44
2.14. Games relacionados ao <i>Bullying</i>	53
2.15. Pesquisas sobre o <i>Bullying</i> com ratos.....	55

2.16. Projeto de lei antibullying no Brasil.....	56
3. INFLUÊNCIA CULTURAL	57
4. ESCOLA, FAMÍLIA E SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....	65
4.1. Influência da mídia.....	69
5. PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO	71
5.1. O papel da escola.....	74
5.2. O papel da família.....	77
5.3. O papel dos psicólogos.....	79
6. METODOLOGIA	83
6.1. Os participantes da pesquisa.....	85
6.2. Tratamento estatístico dos dados.....	88
7. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	89
7.1. Transcrição das entrevistas.....	89
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	145
9. REFERÊNCIAS	146
APÊNDICE 1 - Carta de pedido de autorização para o diretor.....	151
APÊNDICE 2 – Termo de consentimento livre e esclarecido aos professores	153
APÊNDICE 3 - Termo de consentimento livre e esclarecido aos pais ou responsáveis legais	155

APÊNDICE 4 - Roteiro de entrevista semi-estruturada com o aluno participante	157
APÊNDICE 5 – Projeto de Lei Nº 350, de 2007.....	159
APÊNDICE 6 – Ata do 1º. Exame de Qualificação para o Mestrado em Educação e Sociedade	163
APÊNDICE 7 – Parecer do Comitê de Ética	164

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi motivada por várias questões, surgidas ao longo do meu percurso pessoal, acadêmico e profissional, que me levou a observar mais atentamente o comportamento das crianças e adolescentes no contexto escolar e social.

Meu interesse pelo assunto surgiu primeiramente pelo fato de ter sido vítima por diversas vezes, e também por ter sido o agente causador do *bullying*. No meu trabalho como psicoterapeuta, lido sempre com indivíduos que apresentam problemas psíquicos e de aprendizado relativos ao sofrimento com o *bullying*, que vem se disseminando por âmbitos cada vez mais íntimos, de forma velada e cruel.

Frequentemente chegam ao meu consultório, muitas vezes por indicação da escola, crianças e adolescentes para uma Avaliação Neuropsicológica devido a suspeita de Transtorno de Déficit de Atenção. No entanto, na maioria das vezes, os testes se apresentam dentro da média esperada para a idade, e aprofundando mais na *anamnese*, identifico que a razão do comprometimento do rendimento escolar e/ou depressão são os problemas oriundos da violência escolar, causados por um ou mais colegas.

O termo “*Bullying*” é de origem inglesa, e adotado em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar um indivíduo e colocá-lo sob tensão. Também é um termo que conceitua os comportamentos agressivos e anti-sociais, utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre o problema da violência escolar. Segundo Fante (2005), o termo “*Bullying*” é utilizado para caracterizar o fenômeno da violência entre escolares, desencadeada de forma repetida contra uma mesma vítima ao longo do tempo e dentro de um desequilíbrio de poder. Trata-se de um fenômeno social de grande relevância, e possui características peculiares que podem ser identificadas.

Continuando Fante (2005), o termo *Bully* pode ser traduzido tanto como adjetivo: valentão, tirano, e como verbo: brutalizar, tyrannizar e amedrontar. Portanto, o *bullying* poder ser compreendido como um conjunto de comportamentos agressivos e intencionais, caracterizado por sua natureza repetitiva e por desequilíbrio de poder. Geralmente, a vítima não consegue se defender devido a inúmeros fatores: por ser de menor estatura ou força física, por estar em minoria, por apresentar pouca habilidade de defesa, falta de assertividade e pouca flexibilidade psicológica perante o(s) autor(es) dos ataques). Pode-se também dizer que o *bullying* é um comportamento cruel, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de brincadeiras que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar. Por exemplo: roubar o lanche na escola, fazer “corredor polonês”¹, colocar apelidos cruéis, fazer gozações e ameaças.

O conceito de *bullying* também pode ser aplicado na relação entre pais e filhos e entre professor e aluno, através de ironias, ofensas, exposição das dificuldades de um aluno perante a classe, exclusão de alunos, chantagem e demonstração de superioridade e poder.

O *bullying* é um fenômeno que é praticado há muito tempo em todo o mundo, e que provavelmente, todos nós pudemos presenciá-lo como estudantes e posteriormente como profissionais das áreas de saúde e de educação. Muitas vezes é tratado como atos corriqueiros, ou brincadeiras da idade, mas contribui para a elevação dos índices de violência escolar, assim como o grande número de estudantes envolvidos com drogas e porte de armas.

¹ Nome habitualmente dado a uma passagem estreita formada por duas fileiras de pessoas que se colocam lado a lado, uma defronte à outra, com a intenção de castigar a quem tenha que percorrer o caminho formado por elas, tentando escapar dos golpes que lhes são dirigidos.

Na mídia, eventualmente acompanhamos notícias de ataques em escolas, onde um ou vários alunos entram atirando nos professores e nos colegas, e depois, muitas das vezes, cometem suicídio. Quase todos os casos investigados levaram à hipótese de *bullying*.

O jornalismo científico tem sido muito presente na divulgação do fenômeno. A exemplo, citamos o quadro abaixo, publicado na Revista Crescer, da Editora Globo, em abril de 2007:

Quadro 1. Presença do fenômeno *Bullying*

Existe <i>bullying</i> quando...	E não existe quando...
1. As agressões, físicas ou psíquicas, são repetitivas e intencionais, contra a mesma criança, por muito tempo.	1. As agressões são casuais ou pontuais.
2. Não existem motivos concretos para as agressões.	2. As brigas são causadas por motivos como a disputa de algum brinquedo.
3. Há desequilíbrio de poder: o agressor é mais forte ou mais poderoso que a vítima.	3. A brincadeira, mesmo que mais agressiva, é entre iguais.
4. O sentimento que causa nas vítimas é de medo, angústia, opressão, humilhação e terror.	4. Os papéis se alternam: a criança que hoje é a vítima na brincadeira, na semana seguinte pode ser o agressor.

FONTE: CALLEGARI, J. Revista Crescer, ed. abril, 2007, p.70

A agressividade e a violência juvenil são temas sempre atuais. Com muita frequência recebemos notícias de ações de gangues, de queimadores de mendigos e garotas de programa, franco-atiradores em escolas e homicidas de grupos étnicos. Isso é uma prova de que a violência não se restringe somente às classes menos favorecidas da sociedade: está presente também nas escolas de classe média e alta, atrás dos muros dos condomínios de

luxo. Infelizmente os delinqüentes raramente são punidos e seus atos nem sempre são divulgados.

O termo Violência Escolar, segundo Fante (2005), engloba uma gama de situações em que alunos discutem, brigam e se ferem, ou até mesmo formam gangues para invadir e depredar escolas, munidos de armas e/ou drogas. Engloba também a violência velada, caracterizada por um conjunto de comportamentos cruéis, intimidadores e repetitivos, contra uma mesma vítima e que pode causar uma série de danos psíquicos nos envolvidos.

Para Simmons (2004) a agressão relacional e as primeiras diferenças entre sexos começam na pré-escola, quando as crianças se tornam capazes de relacionamentos significativos; e sua manifestação, na maioria das vezes, é considerada como brincadeira da idade. Nessa fase, o *bullying* se manifesta principalmente por tapas e mordidas freqüentes, sempre na mesma vítima.

1.1 - Os objetivos que pretendemos obter com o presente estudo são:

a) Perfil do agressor:

- O que leva um aluno ou grupos de alunos a humilhar, rejeitar, apelidar e perseguir um colega indefeso? Obtém-se alguma forma de prazer com esse tipo de atitude? Qual o perfil desse agressor? Seu comportamento é fruto de algum comprometimento de sua saúde mental?

b) Perfil da vítima:

- Por quê, na maioria das vezes, a vítima não consegue se defender, denunciar, ou até tornar-se bode expiatório do agressor? Qual o perfil da vítima? De que forma o fenômeno influi em sua saúde global (física e psíquica)?

O estudo pretende mostrar tanto o perfil do agressor (*bully*) quanto o perfil da vítima, e mostrar a realidade e a gravidade do fenômeno *bullying*, muito presente em nossa sociedade, principalmente com manifestações em espaços educacionais, como a escola.

2. O FENÔMENO *BULLYING*

Lopes Neto (2005) relata que o fenômeno pode ser classificado como direto, quando as vítimas são atacadas diretamente, ou indireto, quando estão ausentes. O *bullying* direto é caracterizado pelos apelidos, agressões físicas, ameaças, ofensas verbais, expressões ou gestos que geram mal-estar às vítimas. O *bullying* indireto é caracterizado por atitudes de indiferença, isolamento, difamação e negação aos desejos, sendo mais adotados pelas meninas.

De acordo com o *site* da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência - Abrapia, algumas ações estão presentes no fenômeno *bullying*, tais como: colocar apelidos, ofender, zoar, gozar, encarnar, sacanear, humilhar, fazer sofrer, discriminar, excluir, isolar, ignorar, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, amedrontar, tyrannizar, dominar, agredir, bater, chutar, empurrar, ferir, roubar, quebrar pertences.

Segundo o autor, o *bullying* é mais prevalente entre indivíduos com idades entre 11 e 13 anos, e observa-se um predomínio do sexo masculino entre os agressores, mas não há diferenças entre gêneros quanto ao papel de vítima. O *bullying* entre as meninas é mais difícil de se identificar por estar relacionado a formas mais sutis.

Quanto à agressividade entre meninos e meninas, Train (1997) afirma que as diferenças aparecem no segundo ano de vida, e é mais provável a retaliação com agressividade por parte dos meninos do que por parte das meninas. Isso se daria devido à estrutura física de seus corpos, ao padrão hormonal masculino, e principalmente, pelo fato dos pais esperarem que os meninos sejam mais agressivos, sejam “machos”, tornando a agressividade um estereótipo masculino.

Compartilhando dessa idéia, Segredo et al. (2006) afirma que a preponderância da agressão masculina tem suas raízes, em parte, nas diferenças endócrinas entre os sexos. Tais diferenças podem determinar o uso de maior força física entre os meninos quando envolvidos em comportamentos violentos. O estudo realizado pela equipe da pesquisadora em Montevideu, Uruguai, concluiu que os meninos apresentam maior frequência na prática de atitudes violentas do que as meninas, assim como comportamentos agressivos físicos e verbais, conjuntamente com um menor controle de seus impulsos.

Para Train (1997), a sociedade exerce influência sobre o desenvolvimento da criança por meio de suas definições culturais e pela maneira como atribui papéis para homens e para mulheres. As crianças são expostas a tais tradições desde o momento de seu nascimento.

O pesquisador afirma que há 3 razões principais para uma criança agir com agressividade excessiva:

- 1 – Quando sentir que alguém está interferindo em seus objetivos;
- 2 – Quando sentir que ela ou seus amigos estão sendo criticados;
- 3 – Quando sentir que a reação é injusta ou quando sentir que uma pessoa tenha sido negligente ou imprudente.

Continuando Train (1997), na infância, as regras que regulam a vida são geralmente bastante claras, o que não acontece na adolescência. Esse é o período no qual os indivíduos constroem o significado do mundo onde viverão, período de transição em que eles devem equilibrar a percepção de si com o mundo exterior. Os adolescentes querem pertencer ao grupo, mas, ao mesmo tempo, querem se separar dele. Precisam do reconhecimento e da aceitação da sociedade, mas também precisam garantir sua individualidade. Se, para a criança bem equilibrada, essa fase pode ser difícil, para a

criança vulnerável pode ser impossível. Ela precisa pertencer ao grupo, e qualquer período de transição no qual se veja sozinha pode gerar muita agressividade.

Machado (1987) afirma que é na pré-adolescência e na adolescência que a violência pode extrapolar os limites toleráveis, apesar de se manifestar indiferentemente da faixa etária. Nesta fase, os jovens não estão preparados para derrotas e comparações, têm dificuldade para organizar seu tempo. Como vivem no mundo da imaginação e dos sonhos, tendem a apresentar pouca concentração na escola, são barulhentos e inquietos, brincam durante as aulas e gostam de desafiar os professores.

2.1. Características dos agressores (autores)

Fante (2005) afirma que os agressores são portadores de uma síndrome, denominada por ela mesma de Síndrome de Maus-Tratos Repetitivos (SMAR). O portador dessa síndrome possui necessidade de dominar, subjugar e de se impor sobre outrem mediante coação; necessidade de aceitação, de chamar a atenção para si, inabilidade de expressar seus sentimentos mais íntimos, de se colocar no lugar do outro e de perceber suas dores e sentimentos, supervalorização da violência como forma de obtenção de poder. Sintomatologia: irritabilidade, agressividade, intolerância, tensão, explosões emocionais, raiva reprimida, depressão, transtornos psicossomáticos, alteração do humor e pensamentos suicidas.

Segundo a autora, devido ao temperamento irritadiço do agressor e à sua grande necessidade de ameaçar, dominar e subjugar de forma impositiva pelo uso da força, as pequenas adversidades e frustrações se tornam motivo para provocar reações intensas. Geralmente, o agressor prefere atacar os mais frágeis pela certeza de poder dominá-los

facilmente, e consegue fazer com que outros alunos se unam a ele, formando grupos (gângues). Esse modelo induz outros alunos a buscarem proteção em grupos fora da escola com o intuito de resolver conflitos pessoais ocorridos dentro da escola e estimulando outras formas de violência, chegando à marginalidade e delinquência, uso de armas e drogas, além de envolvimento em rivalidades e disputa de territórios.

De acordo com a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência – ABRAPIA, a formação de grupos baseados em interesses comuns, e que, em alguns casos, se divergem dos de outros grupos que convivem no mesmo ambiente, pode ser o suficiente para que seja despertado o sentimento de rivalidade entre os jovens. Para a ABRAPIA, esse fenômeno, conhecido como *Bullying Gang* causa extrema preocupação porque costuma ser determinado por influências extra-escola ou pode extrapolar os domínios da escola, e se tornar o principal motivo das ações de agressividade desencadeadas dentro dela.

Para Train (1997), a maior parte dos pais entende a necessidade das crianças exibirem algum nível de agressividade, mas não são capazes de admitir que seu filho provoca os outros. Isso porque em nossa sociedade os provocadores são antipatizados. Para o autor, os provocadores têm atitudes assertivas e agressivas sobre as quais exercem pouco controle. São indivíduos incapazes de avaliar os sentimentos de suas vítimas e não demonstram nenhuma culpa. Normalmente se justificam dizendo que a vítima merecia o tratamento a que foi submetida. Ainda segundo o pesquisador, as gângues de provocadores existem porque a única forma de ligação com seus pares é pelo comportamento de provocação. Não tiveram a oportunidade de vivenciar formas alternativas de se ver em relação aos outros.

2.2. Características das vítimas (alvos)

De acordo com Fante (2005), as vítimas do *bullying* apresentam desinteresse pela escola, déficit de atenção e concentração, queda no rendimento, absentismo e evasão escolar, baixa resistência imunológica, baixa auto-estima, stress, depressão e pensamentos suicidas. Dependendo do grau de sofrimento, o indivíduo pode se prender a pensamentos de vingança, manifestar comportamentos agressivos ou violentos, prejudiciais a si mesmo e à sociedade. Sendo repetidamente exposto a estímulos agressivos, o indivíduo os insere inconscientemente ao seu comportamento, predispondo a reproduzir a agressividade sofrida ou a reprimi-la, comprometendo seu processo de socialização. As crianças vitimizadas dentro da escola sentem-se por um longo período de tempo, solitárias e isoladas, incompreendidas e indefesas. Sofrem silenciosamente de humilhação pública, rejeição, gozações, perseguições, angústias, medos e maus tratos. Esse tipo de comportamento não acontece apenas em escolas de periferia, mas em qualquer escola, sejam públicas ou particulares, ricas e pobres.

Segundo a autora, as vítimas do *bullying*, na maioria das vezes, se caracterizam pela timidez, ansiedade, insegurança, passividade, pela pouca habilidade de auto-afirmação, pela grande dificuldade em relacionar-se com os demais (por sentirem-se rejeitados), pelo fato de sofrerem algum tipo de exclusão ou de passar por situações constrangedoras. O medo constante e repetitivo bloqueia a agressividade e o bom funcionamento mental, prejudicando as funções de raciocínio, abstração, interesse por si mesmo e pelo aprendizado, auto-percepção, concentração, auto-estima e capacidade de interiorização. A vítima teme denunciar seus agressores por conformismo e vergonha de se expor perante os colegas, para que não se torne motivo de gozações ainda maiores. A

reação dos familiares tende a agravar a situação, porque usualmente amenizam a situação por temerem que a vítima sofra represálias de seus agressores, vindo a intervir apenas diante de situações drásticas, agindo quando o problema efetivamente já se instalou.

Train (1997) afirma que personalidades frágeis tendem a não ser ativas, não fazem seu próprio caminho e esperam que as circunstâncias controlem seu destino. São impotentes, o outro é sempre o responsável, o outro determina seus movimentos. Como indivíduos frágeis, não imaginam que tenham qualquer responsabilidade por seu comportamento, e seu ponto de controle está fora delas.

Os resultados de alguns estudos sobre *bullying* (Griffin & Gross, 2004; Perry, Kusel & Perry, 1988; Salmivalli, Karhunen & Lagerspetz, 1996) concluíram que as vítimas não aparentavam ser um grupo tão homogêneo como se supunha inicialmente, de acordo com Seixas (2005). Uma primeira distinção entre vítimas passivas (inseguras, ansiosas e incapazes de se defender) e vítimas agressivas (de temperamento exaltado e que retalias o ataque), foi proposta por Olweus (1978). Este último grupo é caracterizado como distinto tanto dos agressores como das vítimas, ainda que ambos compartilhem algumas características.

2.3 – Vítimas/agressoras

Cerca de 20% dos alunos autores também sofrem de *bullying*, sendo denominados por Lopes Neto (2005) de alvos/autores. A combinação de baixa estima, atitudes agressivas e provocativas, depressão, insegurança e a prática da humilhação aos colegas são suas principais características. Estes indivíduos se diferenciam das típicas vítimas por serem impopulares e pelo alto índice de rejeição entre seus colegas.

2.4. O *Bullying* feminino (indireto)

Segundo Simmons (2004), existe um tipo de *bullying* que não é caracterizado pelo comportamento físico e verbal direto, muito comum entre os meninos. Existe uma cultura oculta da agressividade nas meninas, pois a sociedade nega a elas o acesso ao conflito aberto, impondo formas não físicas, indiretas e dissimuladas de violência. A agressão é marca registrada da masculinidade, o que permite aos homens controlar o ambiente em que vivem e a sua subsistência. A popularidade dos meninos é muitas vezes determinada por sua disposição de jogar duro, por suas proezas atléticas, sua resistência à autoridade e atitudes firmes.

Um estudo realizado por Simão, Freire & Ferreira (2004), chegou a uma conclusão semelhante à da autora:

“Enquanto que a agressividade entre alunos, genericamente considerada, não é experienciada de forma muito diversa pelos dois gêneros, já no caso do *bullying* existe uma tendência para as alunas estarem mais envolvidas em situações de agressão indireta e aos alunos em situações de agressão física; quer como vítimas, quer como agressoras, as alunas envolvem-se especialmente em situações de *bullying* indireto e de agressão verbal” (p.13)

Para Simmons (2004), a cultura ridiculariza a agressão das meninas como não-feminina; espera-se que elas se tornem aquelas que cuidam e protegem, devem ser doces, gentis, cuidadosas, carinhosas, boazinhas e meigas. Diante disso, as mesmas brigam usando a linguagem corporal e os relacionamentos, ao invés de punhos e armas; se utilizam da maledicência, da exclusão, da fofoca, de apelidos maldosos e manipulações para infligir sofrimento psicológico nas vítimas. A raiva é raramente explícita, as ações, embora às vezes físicas, são mais psicológicas, o que as torna praticamente invisíveis para o olhar dos educadores. Demonstrações públicas de agressão são punidas com a rejeição social. A

menina aprende desde cedo que expor verbalmente um conflito direto com outra menina pode fazer com que as outras se juntem contra ela.

Para Maquiavel (1525/1987), o abandono de um povo é o pior que um príncipe pode esperar. Segundo o filósofo, da inimizade dos grandes, não se deve temer apenas o abandono, mas também o ataque. Mas podem se salvar procurando aproximar-se dos prováveis vitoriosos. Simmons (2004) concorda com a posição do autor, pois a cultura, ao socializar as meninas como responsáveis e protetoras, lhes ensina que serão valorizadas por seus relacionamentos, então, a agressão muitas vezes é causada pelo medo de perda ou isolamento. A autora afirma que toda criança deseja três coisas na vida: relação, reconhecimento e poder. O desejo de relação impele as crianças para a amizade, enquanto a necessidade de reconhecimento e poder inflamam a competição e o conflito. A gesticulação não-verbal, ou seja, a linguagem corporal, é uma marca registrada da agressão relacional. Em um mundo social onde a raiva não deve ser expressada em forma de palavras, a leitura da linguagem corporal torna-se um meio importante para as meninas compreenderem seus sentimentos.

Ainda segundo a autora, a palavra *bullying* evoca a imagem de um inimigo, mas ao contrário, quase sempre são as amigas mais próximas envolvidas em episódios prolongados de abuso emocional, e a maldade pode fluir secretamente disfarçada de intimidade e brincadeiras. Um fator que complica essa questão é o fato de que as meninas que praticam o *bullying* (*as bullies*) são, quase sempre, as mais hábeis socialmente, são maduras e experientes, intensamente carismáticas e sedutoras. Exercem uma espécie de atração gravitacional sobre suas vítimas, como se as hipnotizassem, deixando-as dominadas por desejos conflitantes de serem aceitas e liberadas por suas “amigas”. A vítima muitas

vezes compreende racionalmente os problemas no relacionamento, mas se vê inexplicavelmente atraída para o lado de uma *bullie*.

Tais habilidades sociais podem fazer muita diferença numa relação de poder. Assim como Simmons (2004), Maquiavel (1525/1987) afirma que em um principado novo, é necessário que o indivíduo se assegure contra os inimigos, conquiste amigos, vença pela força ou pela astúcia, fazendo-se amado, seguido, respeitado e temido do povo; que extinga os que podem ou devem ofender, que seja severo e grato, que dissolva a milícia infiel, que mantenha as amizades de modo que sejam solícitas no benefício e tementes de te ofender. No entanto, não se pode contar com as amizades conquistadas por interesse porque são compradas. Os homens hesitam menos em ofender aos que se fazem amar do que aos que se fazem temer, porque o amor é mantido por um vínculo e obrigação, e o temor é alimentado pelo receio de castigo. O príncipe deve fazer-se temer de maneira que, se não se fizer amado, pelo menos evite o ódio, pois é fácil ser ao mesmo tempo temido e não odiado.

As amizades conquistadas por interesse podem trazer diversos problemas para os indivíduos. Segundo Goffman (1982), o controle da informação sobre a identidade tem um significado especial nas relações. Toda relação obriga as pessoas nela envolvidas a trocar informações sobre uma certa quantidade de fatos íntimos sobre si mesmas como prova de confiança e compromisso mútuo, e quanto mais tempo um indivíduo passa com outro, mais chance de que adquira informações que desacreditam o primeiro. O que antes estava oculto, passa a ficar vulnerável e comprometido. Mesmo relações passageiras podem constituir uma ameaça, pois uma simples conversa entre estranhos pode revelar defeitos secretos. Essas informações podem ser usadas pelos agressores como armas para destruir moralmente suas vítimas, principalmente através de boatos, fofocas e maledicências.

Para La Taille (2002), atravessar as fronteiras da intimidade sem a autorização da vítima pode ser uma forma de humilhá-la, porque a transforma em um objeto e lhe causa uma ferida moral. A concepção do direito à preservação da intimidade e do direito ao segredo é uma conquista necessária à defesa da honra. O pesquisador classifica as humilhações em três categorias, que têm em comum a intenção de rebaixar a pessoa alvo:

a) Humilhações domesticadas: segundo o autor, domesticação no sentido de domar o que é selvagem; são as zombarias, piadinhas inventadas ou divulgadas a respeito de uma determinada pessoa; a regra é que seja passageira.

b) Humilhações violentadoras: humilhação de forma incessante, repetitiva, que ultrapassa os limites da civilidade.

c) Humilhações ritualizadas: são autorizadas em razão de determinado evento, como por exemplo, o trote dos calouros na universidade.

Ao contrário dos meninos, que tendem a provocar e praticar o *bullying* com conhecidos ou estranhos, Simmons (2004) relata que as meninas atuam dentro de um grupo de amigas, o que torna difícil sua identificação. Nessa cultura, a amizade torna-se uma arma, pois, segundo a autora, “*não há gesto mais devastador do que uma dar as costas*”. Para a autora, os relacionamentos têm um papel muito importante no desenvolvimento social das meninas, porque associam o perigo com isolamento, o medo da solidão é mais forte. À medida que amadurecem, a perspectiva de que os outros as vejam sozinhas torna-se assustadora. Movidas pelo temor da exclusão, as meninas se agarram às suas amigas como salva-vidas da vida escolar, certas de que ficar sozinha é o pior que pode lhes acontecer. Qualquer criança deseja aceitação e relação.

Segundo a autora, a maior de todas as agressões relacionais, a formação de alianças, pode promover uma menina (*bullie*) com muita rapidez, e força a vítima a

enfrentar a possível perda do relacionamento, não apenas com sua adversária, mas com muitas de suas amigas. A popularidade em si pode ser definida pela capacidade que uma menina tem de fazer suas amigas se virarem contra outra, relação marcada por força e poder. A sensação de constante avaliação cria uma visão social que freqüentemente causa súbitas mudanças de comportamento, fazendo com que as meninas se tornem diferentes dependendo da companhia com quem estão. Na corrida pela popularidade, algumas meninas transformam a amizade numa série de acordos e cálculos, usando o relacionamento tanto para destruir quanto para construir; ele não é apenas um fim, mas também um meio.

Continuando Simmons (2004), este comportamento é muitas vezes visto como uma fase natural do desenvolvimento das meninas, e conseqüentemente, as escolas não dão a devida atenção aos conflitos, considerando-os passageiros. Essa teoria do rito de passagem sugere várias hipóteses, segundo a autora:

1. Não há nada que se possa fazer para impedir que as meninas se comportem de tal maneira, porque elas devem ter uma predisposição natural para isso.
2. É necessário e até positivo que as meninas aprendam a se relacionar de tal maneira, porque esses rituais marcam a transformação de um indivíduo de uma condição para outra. Serve para prepará-las para a vida.
3. Sendo universal e instrutiva, a maldade entre meninas é uma parte natural de sua estrutura social a ser tolerada e esperada.

Segundo Lopes Neto (2005), o autor de *bullying* é tipicamente popular, vê sua agressividade como qualidade, sente prazer e satisfação em dominar, controlar e causar danos e sofrimentos aos outros. Pode ainda existir um componente benefício em sua conduta, como ganhos sociais e materiais. Usualmente mantém um pequeno grupo em

torno de si, que atua como auxiliar em suas agressões ou é indicado para agredir o alvo (assim o autor dilui a responsabilidade por todos ou a transfere para os seus liderados). Esses indivíduos, considerados seguidores ou assistentes, raramente tomam a iniciativa da agressão, são inseguros e ansiosos, e se subordinam à liderança do autor para se proteger ou pelo simples prazer de pertencer ao grupo dominante.

Em relação a esse grupo auxiliar, Hirigoyen (2002) faz algumas colocações:

“ [...] ... um dos procedimentos perversos habituais é ridicularizar o outro com um apelido que cause riso e que parta de um defeito ou uma dificuldade: a gorda, o veado, uma grandíssima lesma, o paspalhão... Estes apelidos, mesmo sendo ofensivos, são muitas vezes aceitos pelos que estão em torno, que riem deles e se tornam cúmplices. Todos os comentários desagradáveis causam mágoas que não são compensadas por demonstrações de gentileza. E a própria mágoa que deles resulta é reapropriada pelo parceiro que a transforma em objeto de zombaria.” (p.121)

A motivação para a prática do *bullying* pode estar na falta de limites, na certeza da impunidade e no desejo de ser popular. Muitos agressores têm a seu favor a inteligência e o espírito de liderança, usando seu poder de persuasão para intimidar e escapar de situações complicadas.

A formação de alianças entre os estudantes nos remete a Maquiavel (1525/1987), quando afirma que quem se torna príncipe mediante o favor do povo deve manter-se seu amigo, o que é muito fácil, uma vez que este deseja apenas não ser oprimido. Um príncipe prudente deve cogitar da maneira de fazer-se sempre necessário aos seus súditos, então serão sempre fiéis. Afinal de contas, para o autor, nada é tão instável quanto a fama de poderio de um príncipe quando não apoiada na própria força, ou seja, os súditos ou cidadãos. Deve-se trabalhar no sentido de conquistar fama de grande homem, de ser estimado quando sabe ser verdadeiramente amigo e verdadeiramente inimigo, ou seja, quando age abertamente em favor de alguém contra um terceiro. Esta forma de agir é mais

útil que permanecer neutro, porque em caso de guerra, o derrotado haverá de temer o vencedor. E este não quer amigos duvidosos que não o defendam na adversidade.

Continuando Maquiavel:

“[...] se aquele com quem te ligaste vencer, ainda que seja poderoso e que fiques à sua mercê, terá ele obrigações para contigo e é compelido a ter amizade por ti; e os homens não são nunca tão maus que queiram oprimir a quem devem ser gratos.” (MAQUIAVEL, 1525/1987, p.123).

Ainda segundo o autor, deve-se ter o cuidado de não fazer aliança com alguém que seja mais poderoso, senão quando a necessidade obrigar, pois, vencendo, ficará prisioneiro do aliado, devendo evitar que fique à mercê de outrem.

Alguns psicólogos classificam a implicância e as piadinhas maliciosas como experiências saudáveis para o relacionamento, e até taxam os alvos das maldades como indivíduos com deficiência de habilidades sociais. Mas segundo Simmons (2004), esse diagnóstico equivocado faz muito sentido em uma cultura que exige relacionamentos perfeitos de suas meninas a qualquer custo.

A pesquisa realizada pela autora em dez escolas norte-americanas, indica que as meninas vitimizadas são muito propensas a se tornarem elas mesmas agentes de *bullying*, como forma de evitar se machucar e aumentar a própria segurança; porque se sentem ameaçadas e esta seria a única saída. Em um mundo que reconhece a cultura oculta da agressão das meninas lhes autorizaria não só a negociar conflitos, mas também a definir os relacionamentos de maneiras novas e mais saudáveis. As meninas compreenderiam que o relacionamento é uma opção, uma parceria escolhida, e não uma obrigação. E que nesse relacionamento cuidado e conflito são tranqüilamente trocados e são naturais. Relacionamentos sem conflitos não existem. Sabendo que os conflitos são periódicos, e que

os relacionamentos sobrevivem a eles, as meninas poderiam se sentir menos inclinadas a se envolver na repressão, nas conspirações, nas traições que acabam por destruir as amizades.

2.5 – As testemunhas do *Bullying*

A maior parte dos alunos não se envolve diretamente em atos de *bullying* por medo de ser a próxima vítima, por não saberem como agir e por não acreditarem que a escola possa lhes trazer algum tipo de segurança.

As testemunhas podem ser classificadas como auxiliares (participam da agressão), incentivadores (estimulam o agressor), observadores (apenas observam ou se afastam) ou defensores (protegem o alvo ou procuram intervir de alguma maneira).

Grande parte das testemunhas sente simpatia pelos alvos e deseja que os professores intervenham mais efetivamente. Lopes Neto (2005) afirma que cerca de 80% dos alunos não aprovam os atos de *bullying*, mas infelizmente algumas testemunhas acabam acreditando que a agressividade contra os colegas é a melhor maneira para alcançarem a popularidade, e acabam se tornando autores também.

2.6 – O *Bullying* entre adultos

Os professores também não escapam ao *bullying*. Lima (2006) relata que eles podem sofrer de grave fobia escolar, suportando discriminação, humilhação e ameaças veladas de colegas insensíveis, invejosos e vingativos. Não são raros os casos de mestrandos e doutorandos serem vítimas de várias formas de pressão psicológica, levando

ao travamento de sua produção intelectual e danos à sua existência cotidiana. A vítima pode se sentir condenada à inexistência ou invisibilidade por um grupo que combina entre si de ignorar um colega e desqualificá-lo na sua competência intelectual. O adulto que pratica o *bullying* pode estar sendo influenciado por uma organização perversa do trabalho burocrático ou por um grupo que usa a intolerância como meio de expressão política. É preciso também estar muito atento aos grupinhos informais com traços neofascistas, as gangues, porque a afirmação de sua identidade narcísica é conseguida por meio da intolerância, da discriminação e da violência.

2.7. Consequências da prática do *Bullying*

Diante de uma situação estressante repetitiva, Hirigoyen (2002) afirma que o organismo fica em estado de alerta, produzindo substâncias hormonais que causam uma baixa do sistema imunológico e modificação dos neurotransmissores cerebrais. Alguns sintomas do estresse são palpitações, fadiga, distúrbios do sono, doenças psicossomáticas, distúrbios gastro-intestinais, nervosismo, irritabilidade, sensação de opressão e ansiedade. Tornando-se crônico, instala-se um quadro de ansiedade generalizada, com estado de hipervigilância, apreensão, tensão e antecipação constantes. *À posteriori*, as vítimas podem se queixar de uma agressividade incontrolável, porque durante muito tempo não conseguiram se defender; pode-se entender também que a violência foi transmitida. Muitos dos sintomas que podem vir a desenvolver se encaixam em um diagnóstico de Estresse Pós-Traumático: as agressões e humilhações permanecem na memória e assombram a

vítima através de imagens, pensamentos, pesadelos, e cada evocação dessas lembranças provocam manifestações psicossomáticas associadas ao medo.

Goffman (1982) compartilha as idéias da autora, afirmando que o indivíduo estigmatizado tende a se retrair, mas também pode tentar aproximar-se do grupo com agressividade, o que pode provocar uma série de respostas desagradáveis e gerar violência. Dessa forma, o fenômeno *bullying* estimula a delinquência e induz a outras formas de violência explícita, gerando indivíduos estressados, deprimidos, com baixa auto-estima, baixa capacidade de auto-aceitação e resistência à frustração, baixa capacidade de auto-afirmação e auto-expressão, além de propiciar o desenvolvimento de doenças psicossomáticas, transtornos mentais e psicopatologias graves.

A interferência no processo de aprendizagem e socialização pode ser tão devastadora que pode estender suas conseqüências para o resto da vida, podendo chegar a um desfecho trágico. De acordo com Fante (2005), as vítimas são feridas na área mais preciosa, íntima e inviolável do ser – a sua alma. Como conseqüência, podem surgir pensamentos destrutivos de si mesmos e da sociedade, promovendo a instalação do desejo de matar (por vingança) o maior número de pessoas, seguido de suicídio.

Segundo a autora, o despertar para a gravidade desse fenômeno teve início há duas décadas, primeiro na Suécia e anos depois na Noruega, onde a questão se tornou tema de estudos científicos. Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Bergen, na Noruega, é considerado o pioneiro nas investigações sobre o fenômeno, e desenvolveu os primeiros critérios para detectar o problema de forma específica. O pesquisador fez um estudo sobre os altos índices de suicídio entre os estudantes e descobriu sua relação com o *bullying* na escola. Um fator fundamental para sua pesquisa foi avaliar a sua natureza e ocorrência. Ficou constatado que, a cada sete alunos, um estava envolvido em casos de *bullying*. Essa

situação originou uma campanha nacional, que reduziu em cerca de 50% os casos de *bullying* nas escolas e incentivou outros países, como o Reino Unido, Canadá e Portugal, a desenvolverem programas *antibullying*. Pesquisadores de todo o mundo apontam aspectos preocupantes quanto ao crescimento do *bullying*, e principalmente, por atingir os primeiros anos de escolarização. Calcula-se que em torno de 5% a 35% de crianças em idade escolar estão envolvidas em condutas agressivas na escola. Nos EUA, os índices de incidência de *bullying* são tão altos que os pesquisadores o classificam como um conflito global e prevêem que será grande o número de jovens que se tornarão adultos abusadores e delinqüentes.

Em quatro estudos realizados por Fante (2005), no período entre 2000 e 2003, em escolas públicas e particulares do Rio de Janeiro e de São Paulo, concluiu-se que a presença do fenômeno *bullying* é uma realidade nas escolas, independente do turno, localização ou classe social. A ação individual do agressor acaba se irradiando e se torna coletiva, como uma necessidade de reproduzir contra os outros os maus tratos sofridos tanto em casa quanto na escola; como forma de exercer autoridade e se fazer notado, buscando reconhecimento, auto-afirmação e satisfação pessoal. O fenômeno é agravado pela ausência de modelos educativos humanistas, capazes de estimular o comportamento da criança para a convivência social pacífica e para o seu crescimento moral e espiritual.

Indivíduos que sofrem *bullying* quando crianças são mais propensos a sofrerem depressão e baixa auto-estima quando adultos. Lopes Neto (2005) afirma que quanto mais jovem for a criança frequentemente agressiva, maior será o risco de apresentar problemas com comportamentos anti-sociais quando adultos, resultando em relacionamentos afetivos pouco duradouros e instabilidade no trabalho.

2.8. Perversão e Assédio Moral

A marginalização social dentro das instituições costuma estar ligada à construção de hierarquias, à subordinação de alguns em relação a outros, à criação ou reprodução de desigualdades de poder. De acordo com Almeida Jr. & Queda (2008), o fenômeno relacionado ao assédio moral, que acontece em locais de trabalho é denominado *Mobbing*, e envolve aqueles que exercem algum tipo de poder e que descarregam sua agressividade cotidiana em seus subalternos, ou vítimas. Estas últimas, devido a sua função exercida ou mesmo por características pessoais, encontram-se impossibilitadas de reagir.

De acordo com os autores, o termo *Mob* tem sido empregado para designar a máfia, o que nos remete à idéia de constituição de grupos com caráter mafioso dentro dos locais de trabalho, e que exercem pressões e fazem ameaças sobre outros trabalhadores. As intimidações psicológicas, e ações vexatórias a que as vítimas são submetidas minam seu equilíbrio psicológico e produz graves formas de stress.

Em um estudo realizado na Espanha por Jiménez et al. (2005), concluiu-se que as mulheres estão mais expostas ao assédio moral (*mobbing*) do que os homens, e que o simples fato de ser do sexo feminino parece ser um risco potencial para sofrer tal assédio. Mulheres com baixo grau de escolaridade e com menos experiência profissional tendem a sofrer mais com o *mobbing*.

Segundo Rodrigo (2002), Maquiavel deduz que um homem que quiser fazer profissão de bondade, não pode evitar sua ruína entre tantos que não são bons. É necessário que o príncipe aprenda a poder não ser bom, e que se utilize ou deixe de utilizar-se disso segundo a necessidade. Para não entrar em conflito com a representação do bom príncipe, mesmo quando não for possível ao soberano observar todas as qualidades morais

consideradas boas, é necessário que aparente possuí-las. E nunca faltam razões para encobrir sua falta de fidelidade, e aquele que melhor souber fazer-se de raposa, sairá melhor. Para o autor, os príncipes devem executar, através dos outros, as medidas que possam lhes acarretar ódio, e executar por si mesmo aquelas que lhes angariam o favor dos súditos.

As agressões perversas se originam de um processo inconsciente de destruição psicológica, que pode ser ocasionalmente utilizado por qualquer indivíduo, mas somente se torna destrutivo se usado com frequência e repetidamente. Hirigoyen (2002) afirma que todo indivíduo considerado neurótico pode apresentar comportamentos perversos para defender-se, principalmente quando passa por momentos de raiva, ou até mesmo para obter uma vantagem através de manipulação. No entanto, esses comportamentos são ocasionais e seguidos de remorso e arrependimento. Mas um indivíduo considerado perverso será sempre perverso porque sua relação com o outro é de natureza perversa, sem apresentar arrependimento, ele não se questiona quanto a isso. Ele necessita de usar, diminuir e destruir o outro para adquirir auto-estima e poder, visando admiração e aprovação.

“A perversidade não provém de uma perturbação psiquiátrica e sim de uma fria racionalidade, combinada a uma incapacidade de considerar os outros como seres humanos. Um certo número desses perversos comete atos delituosos pelos quais são julgados, mas a maioria usa seu charme e suas faculdades de adaptação para abrir um caminho dentro da sociedade, deixando atrás de si pessoas feridas e vidas devastadas.” (p.13)

Para a autora, o perverso não sente necessidade de destruir de imediato sua vítima, pois é preciso que esta resista o suficiente para que ele tenha vontade de prosseguir com a relação, é ele quem tem o poder e conduz a situação. As vítimas geralmente se sentem sufocadas quando o agressor está por perto, fazendo com que tenham dificuldade em se concentrar em alguma atividade. Num primeiro momento, as vítimas tendem a

obedecer o agressor (como se quisessem compensá-lo prazerosamente), mas depois obedecem por medo. No caso de crianças, a submissão é o passaporte para o reconhecimento, melhor do que se sentir abandonada.

Ainda segundo a autora, o indivíduo perverso se utiliza de um conjunto de subentendidos e de não-ditos, com o objetivo de provocar propositalmente um mal-entendido. Para eles, o que vale é ficar por cima, e uma atitude verbal direta levaria a vítima a denunciar seu agressor. O uso dessas técnicas indiretas desestabiliza e confunde a vítima, deixando-a em dúvida quanto à realidade em que vive.

Assim como Hirigoyen (2002) afirma que ocasionalmente os indivíduos podem se tornar perversos, Maquiavel (1525/1987) relata que é necessário que um príncipe aprenda a poder ser mau e que se valha ou deixe de valer-se disso segundo a necessidade. Ele deve desejar ser tido como piedoso e não como cruel, mas deve cuidar de empregar convenientemente essa piedade. Não deve se importar com a fama de ter certos defeitos, pois encontrar-se-ão coisas que parecem virtudes e que, se fossem praticadas, lhe acarretariam a ruína, e outras que poderão parecer vícios e que, sendo seguidas, trazem a segurança e o bem-estar do governante.

Apesar de a maldade e ambição serem constitutivas da natureza humana, isso não as converte em determinações absolutas e imutáveis. O filósofo atribui-lhes certa flexibilidade, deixando aberta a possibilidade de que sejam modificadas e controladas. A instituição de uma comunidade político-social supõe e requer o controle dos desejos egoístas dos indivíduos em benefício do bem comum.

De acordo com Almeida Jr. e Queda (2008, p.2), as principais similaridades entre *bullying*, trote e assédio são:

- a) Eles fazem parte de processos competitivos que ocorrem na escola, na Universidade ou no local de trabalho;
- b) As vítimas podem sofrer prolongados processos de isolamento social;
- c) Atribuição de apelidos de caráter pejorativo, dos quais os agressores riem;
- d) Emprego de comportamentos preconceituosos para justificar hierarquias e desigualdades de poder;
- e) Construção da vítima como uma pessoa inferior ou incapaz;
- f) Responsabilização da vítima pelos problemas;
- g) Muitas vezes, as vítimas são escolhidas entre aquelas pessoas mais vulneráveis;
- h) Quando a vítima reage descontroladamente, esta reação pode ser utilizada para aprofundar o processo de desqualificação;
- i) Podem atingir profundamente a auto-estima das vítimas, podendo levar a transtornos emocionais graves;
- j) Grupo contra indivíduo;
- k) Os danos são causados intencionalmente ou por grave negligência;
- l) Existe uma assimetria de poder entre as partes envolvidas;
- m) Os ataques são sistemáticos e organizados pelo grupo agressor;
- n) Quando os fatos são graves, ferem a imagem institucional;
- o) Embora existam algumas leis que possam ser aplicadas para conter a violência típica dos três fenômenos, geralmente, os agressores têm razões objetivas para não temer punições;

- p) Preparam ou conformam as pessoas para o que ocorre no mundo do trabalho;
- q) Envolvem o silenciamento das vítimas.

2. 9 – Os trotes estudantis

Um tipo muito comum de fenômeno violento é o trote, estudado por Palácios & Rego (2006). Diversos acontecimentos trágicos marcaram a história de diversas instituições de ensino em todo o mundo por causa dos trotes, que são uma espécie de ritual de passagem, um “comitê de boas vindas” preparado pelos alunos veteranos para os calouros que acabaram de ingressar na universidade. São muitas vezes carregados de violência e humilhações, até mesmo com o uso de requintes de crueldade. Tais rituais são ainda pouco estudados e discutidos, ganhando espaço apenas na mídia, através da veiculação de cenas bárbaras. Sua marca principal é o abuso de poder, através da dominação, submissão, preconceitos generalizados e violência. Essa situação, em alguns casos, pode se prolongar durante toda a vida acadêmica do estudante.

Os autores também apontam para o assédio moral sofrido por estudantes de medicina, baseados em um estudo realizado pela *British Medical Association – Medical Students Committee*. Esse estudo concluiu que um terço dos estudantes de medicina entrevistados sofreram de *bullying*, tendo como agressores tanto médicos quanto enfermeiros. As formas de violência utilizadas foram discriminação racial, sexual, humilhações na frente de pacientes e até mesmo dentro de salas de cirurgia.

Segundo Almeida Jr. & Queda (2008), geralmente o *bullying*, o assédio moral e o trote são tratados como fenômenos distintos entre si. A literatura específica é mais

desenvolvida para os casos de *bullying* e assédio moral, mas bastante precária para o estudo do trote. Para o autor, no Brasil, o trote conta com maior tolerância social do que os outros dois fenômenos, provavelmente por ser encarado como um rito de passagem entre a adolescência e a vida adulta. No entanto, tais fenômenos não são combatidos devidamente por motivos diversos:

“No caso do assédio, a promoção de uma determinada hierarquia e a produção de conformismo em relação à cultura organizacional podem ser percebidos como positivos. Por isto, alguns dirigentes empresariais podem tentar ignorar os processos de assédio. A mesma tolerância pode ocorrer em relação ao *bullying* escolar em alguns ambientes comandados por pessoas insensíveis à violência, que julgam o *bullying* algo natural”. (p.1).

De acordo com uma reportagem publicada na revista *Mente & Cérebro* assinada por Fante (2008), a origem dos trotes estudantis é incerta, mas há registros de sua ocorrência na Idade Média. Um dos documentos mais antigos desse tipo data de 1342 e refere-se à Universidade de Paris. Nessa época, era comum separar os alunos veteranos dos calouros, aos quais era negada a possibilidade de assistir aulas junto com os demais, no interior das salas. Os calouros eram obrigados a se dirigir aos vestibulos, que eram os pátios de acesso ao prédio, surgindo daí o uso do termo “vestibulando” para identificar aqueles que estão prestes a entrar para a universidade.

Com a desculpa de manter a higiene nas instituições, os calouros tinham suas cabeças raspadas e roupas queimadas, práticas que logo se transformaram em culto à humilhação. Com o passar do tempo, os trotes também assumiam conotações sexuais, com orgias humilhantes aos novatos. Na Alemanha, França e Itália, há registros de trotes em que os calouros eram obrigados a beber urina e a comer excrementos antes de serem declarados “domesticados”.

Na reportagem assinada por Fante (2008), há um pequeno texto bastante interessante, intitulado “O julgamento dos monstros fedorentos”:

“No início do século XX, na Alemanha, era comum que calouros fossem obrigados a vestir roupas feitas de falsa pele animal, com orelhas, chifres e presas. Fantasiado, o jovem era arrastado pelos colegas até cinco ou seis “juízes”, sob olhares atentos de uma grande platéia. Era insultado e tratado como “monstro fedorento” por “assistentes” que em dado momento recebiam ordens para “depená-lo”, cortando-lhe as orelhas com tesouras e os chifres com serras; os dentes eram arrancados com tenazes. O nariz era limado e as nádegas, “polidas”; o novato era sacudido, empurrado, e, por fim, açoitado com varas. Durante a tortura, o calouro tinha de se reconhecer culpado de inúmeros “pecados”, sobretudo sexuais. E, como penitência, era obrigado a oferecer um banquete aos veteranos”. (p. 78).

La Taille (2002), como citado anteriormente no capítulo 2 (subitem 2.4), classifica os trotes estudantis como humilhação ritualizada, ou seja, autorizadas em razão de um determinado evento.

Almeida Jr. e Queda (2002) afirmam que a mídia influi negativamente na divulgação de imagens de trotes, comum nos comerciais de colégios e cursinhos pré-vestibulares, principalmente por ser feita de forma irresponsável e incompatível com a promoção da cidadania. A mídia costuma divulgar o trote como um momento de felicidade, uma forma de brincadeira que é o símbolo do sucesso no vestibular, tornando-o uma forma comum de comemoração, que gera grande expectativa e que deve ocorrer de qualquer maneira. Cortar e raspar os cabelos dos calouros, pintar seus corpos e cobrar pedágios costumam ser vistos com extrema naturalidade. Mas o que os pesquisadores questionam é se esse tipo “brando” de trote também não pode ser considerado uma forma de violência. Afinal de contas, passar boa parte do ano sendo perseguido pelos alunos veteranos, ter constantemente que pagar pedágio, ser obrigado a beber quantidades absurdas de bebidas alcoólicas, ter as roupas e pele rabiscados e o cabelo cortado também são formas de humilhação.

Os autores se dizem preocupados com a cobertura ambígua da mídia, o que pode ser comprovado com um trecho de uma entrevista do psiquiatra Içami Tiba para a Revista Época de 01/03/99, página 43:

“Época: É bom existir esse ritual (trote)?

Tiba: Sim, é bom. É aquele momento no qual o calouro fica como que embriagado pela euforia e faz coisas que normalmente não faria. Já o veterano extravasa suas neuroses e, em certos casos, chega até a dar vazão ao sadismo”.

Essa entrevista foi publicada logo após a morte de um calouro de Medicina da USP, Edison Tsung Chi Hsueh.

O primeiro registro de morte por trote no Brasil ocorreu em Recife, com um aluno da faculdade de Direito, em 1831. Francisco da Cunha e Meneses foi assassinado com uma facada e bengaladas por um aluno do 4º. ano, Joaquim Serapião de Carvalho.

2.10. Cyberbullying

Cyberbullying consiste na utilização das novas tecnologias de informação e comunicação com o intuito de maltratar, provocar, intimidar, oprimir, ameaçar, atormentar, importunar, molestar e amedrontar. À medida em que a população mundial utiliza cada vez mais a *Internet* e outras tecnologias de informação e comunicação, móveis ou fixas, o *Cyberbullying* pode se tornar dos maiores desafios enfrentados pela sociedade contemporânea.

Os usuários da *Internet* enviam mensagens ameaçadoras a outros indivíduos ou fazem-se passar por outras pessoas, adotando *nicknames* (apelidos) para dizerem coisas desagradáveis. Desta forma, os indivíduos descarregam os seus ódios e frustrações em

inocentes e não são descobertos. Por outro lado, alguns dos conflitos que surgem *online* muitas vezes dão origem a comportamentos que podem chegar às vias de fato. Através do anonimato, os indivíduos insultam e espalham rumores e boatos cruéis, alteram os perfis das vítimas em *sites* de relacionamento, incluindo ofensas, comentários homofóbicos ou racistas.

São conhecidos casos em que adolescentes enviam mensagens em massa que incluem fotografias de nus ou imagens degradantes de outros adolescentes. Por vezes, essas imagens tratam-se de meras montagens. Uma vez iniciada a sua distribuição através da *Internet*, torna-se impossível controlar a sua distribuição. Nem mesmo os *blogs*² escapam a este tipo de utilização nefasta e irresponsável. De fato, alguns jovens têm usado os *blogs* para difamar, prejudicar a reputação e invadir a privacidade alheia. Hoje em dia qualquer pessoa pode ter o seu *website*. Esta facilidade faz com que alguns jovens desenvolvam *sites* destinados a humilhar, atormentar ou assediar outras crianças e jovens. Por outro lado, difundindo dados e imagens pessoais de outras crianças, na prática estes *sites* acabam por colocar em perigo outras crianças e jovens, aumentando as probabilidades de serem contactadas no mundo real por pessoas mal intencionadas.

Em março de 2007, uma comunidade no *Orkut*³ que insinuava que adolescentes de Canhotinho (204 km de Recife) eram prostitutas, fez com que o *site* de relacionamentos ficasse oito dias bloqueado na cidade. Na comunidade "Putas de Canhotinho", uma enquete foi criada para eleger, entre as adolescentes do município, a "prostituta do mês". Fotos de

² Página na *Internet* cujas atualizações (chamadas *posts*) são organizadas cronologicamente de forma inversa (como um histórico ou diário). Estes *posts* podem ou não pertencer ao mesmo gênero de escrita, referir-se ao mesmo assunto ou ter sido escritos pela mesma pessoa.

³ Rede social em forma de *site* filiada ao *Google*, criada com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos.

pelo menos dez garotas foram divulgadas no *site*. A mãe de uma menina de 14 anos mencionada no fórum denunciou o crime ao Ministério Público, que pediu o bloqueio do *Orkut*. Canhotinho tem cerca de 25 mil habitantes. O único provedor de banda larga da cidade bloqueou o acesso ao *site* voluntariamente, após uma recomendação do promotor de justiça. O dono do provedor que bloqueou o acesso, diz que atendeu a uma recomendação por ter ficado sensibilizado com as ofensas sofridas pelas adolescentes.

A comunidade foi apagada pelos próprios criadores após a medida. Antes disso, a Justiça determinou que o *Google*, que controla o *Orkut*, tirasse do ar a comunidade. A Polícia Federal e a Polícia Civil do Estado foram acionadas para investigar o criador da página com as ofensas. A Justiça também ordenou que as *lan houses* da cidade passem a cadastrar os usuários para facilitar a localização de criminosos.

Uma situação parecida também ocorreu na mesma época na cidade mineira de Jacutinga (494 km de Belo Horizonte), que tem 20 mil habitantes. A Justiça determinou que o *Google* retirasse do ar a comunidade "Fofocas de Jacutinga" do *Orkut*, onde 122 participantes discutiam a vida íntima dos moradores. Foi concedida uma liminar a um advogado e a um jornalista que se sentiram prejudicados pelos comentários no *site*. Dentre os tópicos discutidos na comunidade, havia quem era o maior "caloteiro" da cidade, quais eram os "homossexuais encubados", quais eram as "piranhas de Jacutinga", além de várias fofocas sobre adultério.

Em novembro de 2005, o estudante de Geografia da PUC Minas de Contagem, Lucas Moreira Campos, entrou com um processo no Tribunal de Justiça de Minas Gerais contra o colega de turma Daniel Garcia. Daniel havia criado uma comunidade no *site* de relacionamentos *Orkut* zombando de Lucas. No *site*, havia a justificativa de que a

comunidade fora criada com o intuito de promover um espaço para discussão sobre o “fenômeno” (no caso, Lucas), do qual ninguém sabia dizer de qual planeta originou-se: “*a assimetria que possui na proporção do seu crânio em relação a seu corpo nos faz pensar que foi ele quem atacou Varginha*⁴”. No mesmo *site* também havia comentários pejorativos sobre o modo de falar do ofendido durante as aulas. Lucas não suportava mais as perseguições do colega, que sempre criava piadas sobre sua origem e estimulava a turma a transformá-lo em alvo de gozações. O ponto crucial foi quando Lucas foi fotografado pelo colega e teve sua foto exposta no *site*. Em abril de 2007 Daniel foi condenado a pagar indenização por danos morais no valor de R\$3.500,00.

É impressionante a quantidade de comunidades virtuais no *Orkut* que vêm tratando do tema *bullying*, incentivando a constituição de redes de proteção e apoio. Mas infelizmente, também podemos encontrar comunidades que incentivam esse tipo de violência. Em 08/02/08, foram encontradas 137 comunidades relacionadas ao *bullying* no *Orkut*.

Uma banda brasileira formada em 1999 em Maceió – AL, chamada Mutação, gravou uma música intitulada *Bullying* e criou uma comunidade no *Orkut*, onde está disponível para ser copiada. A letra da música é de autoria de Alan Huston:

*Se alguém rir da sua obesidade
Dê o troco com um sorriso de verdade
Se o seu rosto não for tão bonito assim
O quê é que tem saiba que isso não é o fim*

⁴ Em janeiro de 1996, na cidade de Varginha – MG, o Corpo de Bombeiros recebeu uma chamada anônima avisando sobre uma criatura estranha que estaria em um parque da cidade. No local, os bombeiros teriam se deparado com uma criatura bípede de 1,5m de altura, olhos vermelhos, pele oleosa e marrom, com 3 protuberâncias na testa e uma pequena abertura no rosto, como se fosse uma boca. A criatura então teria sido capturada pelos militares, mas até hoje nada ficou comprovado.

*Pretendo ajudar
Mas saiba compreender
Que chorar não é legal*

*É melhor se levantar
E continuar sendo você
Não é bom se lamentar
Numa Vida Hardcore*

*Mostre a todos o que um ser humano pode fazer
Pra suprir o que é feio em si e ser feliz
O bang bang bang não resolve o problema
Apenas faz com que sejas digno de pena*

*E as coisas a aprender
E as compras a fazer
E os amigos tão legais*

*Você não pode ser
Tão fraco ao ponto de
Desistir da vida*

*Eu adoro ser quem sou
Só não sei onde vou*

Eu adoro ser quem sou

Mesmo não sendo um “cão chupando manga”

2.11 – O *Bullying* como motivador de chacinas no ambiente escolar

Os massacres cometidos em escolas e universidades têm algumas características em comum: seus autores foram vítimas persistentes e continuadas de *bullying*, viviam isolados e tiveram fácil acesso às armas de fogo utilizadas nos assassinatos.

Em 20 de abril de 1999, os estudantes Eric Harris e Dylan Klebold abriram fogo na escola de Columbine, no Colorado, EUA. Mataram 12 colegas e um professor, além de ferir outras 25 pessoas. Ambos eram considerados ótimos alunos de boas famílias, mas não eram populares na escola, e preferiam os computadores às quadras de esporte. Solitários, encontraram sua turma numa estranha gangue, a “Máfia da Capa Preta”: vestiam-se de preto da cabeça aos pés e não tiravam as longas capas nem mesmo no calor do verão.

Ridicularizados pelos atletas, remoíam planos de vingança e extravasavam seu ódio na *Internet*. Harris, principal cabeça por trás do ataque, tinha um *website*, no qual colecionava suásticas e slogans neonazistas, além de ensinar como fazer bombas. Em seu auto-retrato, escreveu: "*Mato aqueles de quem não gosto, jogo fora o que não quero e destruo o que odeio*". Harris escreveu num diário os planos do ataque à escola: um diagrama mostrava como as armas seriam escondidas sob as longas capas de couro preto. Num exemplar do livro de formatura do colégio, Harris decidiu, com palavras escritas sobre as fotos, quem ia morrer e quem seria poupado. Já Klebold dizia que seu número pessoal era o 420, possivelmente uma referência à data de nascimento de Hitler, 20 de abril.

O filme *Diário de Um Adolescente* (1995), com Leonardo DiCaprio, também foi lembrado a propósito do ataque na Columbine. Na película, DiCaprio interpreta um jovem drogado de Nova York que jogava basquete num colégio, nos anos 60, e que num de seus

delírios imaginava-se na sala de aula de sua escola vestido com capa preta e matando tudo e todos a seu redor. Suspeita-se de que os assassinos tenham se inspirado no filme quando decidiram usar só trajes pretos.

O massacre foi tema do documentário *Tiros em Columbine* (2002), do cineasta Michael Moore, tendo ganhado o Oscar 2003 de melhor documentário. Também serviu de inspiração para o filme *Elefante* (2003), do cineasta Gus Van Sant. O diretor mostra as possíveis motivações que os 2 estudantes teriam tido para cometer os assassinatos.

Um outro massacre muito noticiado em todo o mundo, ocorreu na manhã de segunda-feira, dia 16 de abril de 2007. O estudante sul-coreano do último ano de letras, Cho Seung-Hui matou 32 pessoas, entre alunos e professores da Universidade Virginia Tech (EUA), suicidando-se em seguida. Entre os 2 ataques cometidos na parte da manhã, Cho foi até uma agência dos correios para enviar seu “testamento” à rede de TV NBC. Na correspondência havia 43 fotos, 27 vídeos e 23 páginas de texto.

No material, continham depoimentos agressivos e imagens onde aparecia segurando armas. Uma de suas frases foi: *“Vocês tiveram 100 bilhões de chances e meios para evitar o que ocorreu hoje. Mas decidiram derramar meu sangue. Vocês me encurralaram e me deram apenas uma opção”*.

Cho considerava os 2 estudantes de Columbine, Harris e Klebold, seus mártires. Em seus depoimentos, também relatou que sempre recebia críticas pela sua maneira de vestir (considerada antiquada pelos colegas), à sua maneira de falar, aos seus aspectos físicos e à sua origem étnica.

Seus colegas disseram à polícia que Cho era muito ridicularizado na faculdade por ser quieto, retraído e por não fazer sucesso com as mulheres. Um avô relatou que era

muito tímido e calado, e que tinha muitos problemas para se comunicar com as pessoas, o que sempre deixou seus pais preocupados. Em 2005 foi interrogado pela polícia porque uma colega havia feito uma queixa contra Cho de assédio sexual. O estudante chegou a ser internado em uma clínica psiquiátrica por 2 dias devido a depressão.

Em uma aula de Literatura, o professor havia pedido aos alunos que escrevessem seus nomes no quadro, e quando Cho foi escrever o seu, colocou apenas o símbolo “?” (ponto de interrogação). A agressividade expressada nos textos que escrevia para as disciplinas chegou a incomodar seus professores, mas eles não tomaram a iniciativa de investigar as causas de seu comportamento e nem sugerir um acompanhamento psicológico.

No quadro 2, podemos observar uma síntese sobre esse tema publicada recentemente na Revista Época:

Quadro 2. Os piores massacres em escolas nos EUA:

Data	Local	Acontecimento
01/12/1997	Paducah, Kentucky	Um adolescente armado mata 11 estudantes e fere outros 5.
24/03/1998	Jonesboro, Arkansas	Dois adolescentes fazem disparos, matando 4 alunos e 1 professor.
20/04/1999	Littleton, Colorado	Na Columbine High School, Eric Harris e Dylan Klebold matam 13 pessoas e ferem 25.
21/03/2005	Red Lake, Minnesota	Um estudante mata 9 pessoas, das quais 5 eram seus colegas.
27/09/2006	Bailey, Colorado	Um homem invade a escola fazendo 6 estudantes reféns. Depois, mata uma aluna.
02/11/2006	Nickel Mines, Pensilvânia	Um homem mata 5 meninas em uma escola <i>Amish</i> e é assassinado.

Fonte: MASSON, C., AZEVEDO, S. Revista Época de 13/04/2007.

Nos casos em que alunos armados invadiram as escolas e atiraram contra colegas e professores, Lopes Neto (2005) afirma que dois terços desses jovens eram vítimas de *bullying*, e recorreram às armas para combater o poder que os abatia. Pode-se dizer que as agressões não necessariamente tiveram alvos específicos, mas havia o desejo de “matar a escola”, local onde sofriam e não tinham proteção alguma.

Recentemente, em 7 de novembro de 2007, o estudante finlandês *Pekka-Eric Auvinen* de 18 anos abriu fogo na *Jokela High School* (Tsuula, Finlândia). No massacre, foram assassinadas 8 pessoas: o diretor da escola, uma enfermeira e seis alunos. *Pekka-Eric* morreu no hospital após atirar contra si. Segundo um porta-voz do município de Tuusula, o jovem abriu fogo no decurso de uma aula por ele frequentada na escola Jokela, que tem cerca de 400 alunos, com idades entre os 12 e os 18 anos. O pânico instalou-se em todo o edifício, enquanto o diretor (que veio a ser uma das vítimas mortais), pela instalação sonora, recomendava a todos que ficassem fechados no interior das salas.

Após a tragédia, descobriu-se que o estudante havia postado diversos vídeos no *YouTube* (site de partilha de vídeos) sob o título "Massacre na Escola Secundária de Jokela - 11/7/2007", anunciando seu crime. Em um dos filmes, a imagem fixa de uma escola, que se presume a de Jokela, dá lugar à imagem de um rapaz sobre fundo vermelho, apontando a arma para a câmara, com fundo musical estilo *heavy metal*.

No *site*, o estudante afirmava que odiava a igualdade, a tolerância, os direitos humanos, a hipocrisia, a ignorância, religiões e ideologias, antidepressivos, censura, pacifismo e a raça humana, entre outros. Afirmava também que adorava a liberdade, a justiça, a verdade, a evolução da ciência, armas, computadores, internet, filmes violentos, jogos de computador, ironia, sarcasmo, humor negro, *serial killers*, casos de catástrofes naturais e eugenia, entre outros.

Para *Pekka-Eric*, o processo de seleção natural estava totalmente errado. Segundo o mesmo, “*a raça humana vem piorando drasticamente: os retardados, estúpidos e fracos de espírito estão se reproduzindo cada vez mais rapidamente. O homem está mais para Homo idioticus do que para Homo sapiens. A raça humana não só traiu seus antepassados, como comprometerá as gerações futuras.*” O texto completo pode ser verificado no site: <http://oddculture.com/2007/11/07/the-pekka-eric-auvinen-manifesto/>

De acordo com professores, o estudante tinha uma inteligência acima da média, e era perseguido por outros alunos. Seu histórico médico mostra que consumia medicamentos antidepressivos para tratar problemas psiquiátricos.

No Brasil, foram encontrados apenas 2 relatos de crimes relacionados ao fenômeno *Bullying*:

O primeiro caso aconteceu em janeiro de 2003. Depois de completar o ensino médio, Edmar Aparecido Freitas, então com 18 anos, comprou um revólver calibre 38 e disparou contra cerca de 50 pessoas durante o horário de recreio da escola onde estudou, em Taiúva (a 363 Km de São Paulo). Atingiu sete delas e depois se matou com um tiro na cabeça. As vítimas sobreviveram, mas uma ficou paraplégica. Segundo testemunhas, Edmar era obeso e foi motivo de piada para os colegas de escola durante 11 anos. Mesmo depois de emagrecer 30 quilos, continuaram zombando dele e lhe colocando vários apelidos, como “elefante cor-de-rosa”, “gordo”, “mongolóide” e “vinagrão”, por ingerir vinagre de maçã todos os dias pela manhã para ajudar no emagrecimento. Ele comprou uma arma e resolveu se vingar.

O segundo caso aconteceu em 2004 na cidade de Remanso – BA. Um adolescente de 17 anos atirou contra um colega depois de ser ridicularizado durante muito tempo na escola. Segundo a polícia, o agressor comprou um revólver calibre 38 dias antes do crime. Por volta das 19h30 do dia 4 de fevereiro, ele foi até a casa de um colega de 14 anos, que o provocava na escola, e o matou. Uma testemunha relatou que o estudante tinha depressão porque sofria muitas humilhações na escola. Era muito tímido e excluído pelos colegas, sendo que o garoto assassinado chegou a jogar lama nele em uma ocasião.

Após atirar contra o colega, o rapaz seguiu para uma escola de informática para tentar matar uma professora da qual não gostava. Ao ser impedido de entrar por outra funcionária, ele disparou contra a cabeça dela, que também morreu. De acordo com os policiais, um outro estudante desarmou o atirador e ele foi levado para a delegacia. "*O objetivo dele era se matar, ele não parava de falar isso na delegacia, já tinha até deixado um bilhete com aquele símbolo do nazismo*", relatou um dos policiais. Como o agressor era menor de idade, foi encaminhado para cumprir medida sócio-educativa no município de Feira de Santana e, atualmente, está em liberdade assistida.

2.12 – Sites e programas antibullying no Brasil e no mundo

1. Ophelia Project: programa criado na Pensilvânia, treina mentores de escolas de nível médio para ensinarem meninas mais novas a impedir e enfrentar agressões relacionais. www.opheliaproject.org

2. Empower Program: sediado em Washington D.C, desenvolveu programas de ponta para meninas e meninos focalizando a definição de limites interpessoais, a administração de conflitos e a violência no relacionamento. www.empowered.org

3. Abrapia: contando com o patrocínio da Petrobrás, a Abrapia (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência) realiza um programa que visa diagnosticar e implementar ações efetivas para a redução do comportamento agressivo entre estudantes de 11 escolas localizadas no Município do Rio de Janeiro. É seu objetivo sensibilizar educadores, famílias e sociedade para a existência do problema e suas conseqüências, buscando despertá-los para o reconhecimento do direito de toda criança e adolescente a freqüentar uma escola segura e solidária, capaz de gerar cidadãos conscientes do respeito à pessoa humana e às suas diferenças. www.abrapia.org.br ou www.bullying.com.br

Em 2003, a Abrapia realizou uma pesquisa em 11 escolas do município do Rio de Janeiro, contando com a participação de 5875 alunos de 5^a. à 8^a. Séries, e os resultados demonstraram que 40,5% desses alunos admitiram estar envolvidos com *bullying*. Os detalhes da pesquisa encontram-se no *site* mencionado anteriormente.

4. Diga Não ao Bullying: a Iniciativa por um Ambiente Escolar Justo e Solidário é uma Organização Não Governamental (ONG) que caracteriza-se juridicamente como Associação sem Fins Lucrativos devidamente inscrita no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ). Sua missão é conscientizar, motivar e dar ferramentas para que a comunidade escolar elabore estratégias anti-bullying. Ainda que sediados em Porto Alegre

e desenvolvendo atividades profissionais no Vale dos Sinos, o Projeto destina-se a todas as regiões geográficas. www.diganaoaobullying.com.br.

5. Educar para a Paz: o programa foi desenvolvido pela professora Cleo Fante e, implantado pioneiramente em nosso país, na Escola Municipal Luiz Jacob, na cidade de São José do Rio Preto, interior paulista, no período de junho de 2002 a julho de 2004. Com um universo de 450 alunos, de 1ª a 8ª série, a escola era dirigida pela Professora Corintha Medeiros, que abraçou a causa *bullying* e incentivou o desenvolvimento do programa. A participação de toda a comunidade escolar foi decisiva na redução do *bullying*, bem como de outras formas de violência escolar, na melhoria das relações interpessoais e na aprendizagem. www.bullying.pro.br.

6. www.bullying.org – Where you are not alone!: programa desenvolvido por uma ONG canadense, que tem por objetivo mostrar que as vítimas de *bullying* não estão sozinhas; que as vítimas não devem se sentir culpadas e que há várias maneiras de se lidar com o fenômeno. www.bullying.org.

7. The Anti-Bullying Network: programa criado pela Universidade de Edinburgh em 1999 com ajuda financeira da Scottish Executive. Implanta programas gratuitos nas comunidades escolares. Após 8 anos de vida, o programa ganhou reputação internacional pela alta qualidade dos serviços prestados às escolas. www.antibullying.net.

8. Kidscape: ONG criada em 1985 na UK, cujo objetivo é ajudar as crianças a se proteger de abusos. Kidscape é a primeira organização não governamental criada na UK especificamente para prevenir o *bullying* e o abuso sexual infantil. O programa trabalha com crianças e adolescentes até os 16 anos, com seus pais e/ou cuidadores e com todos aqueles que convivem com as mesmas. www.kidscape.org.uk.

9. No More Bullying: blog criado pela estudante gaúcha de pedagogia Daniele Vuoto, em abril de 2005. Após ter sido vítima de *bullying* boa parte de sua vida, em diferentes escolas, a estudante teve diagnóstico de depressão e chegou a ser internada em uma clínica psiquiátrica. Superado o problema, Daniele criou um site onde aborda o tema em sua totalidade, em formato de diário pessoal. <http://nomorebullying.blog.ig.com.br>

10. Observatório da Infância: site criado pelo pediatra carioca Lauro Monteiro Filho, vinculado à ABRAPIA. O objetivo é promover um canal de informação sobre os direitos de crianças e adolescentes. O Observatório pretende ser um órgão de comunicação, um elo de ligação entre o conhecimento técnico-científico e o conhecimento popular, uma tradução da linguagem teórica e acadêmica para a informação popular e prática. www.observatoriodainfancia.com.br.

2.13 – Filmes que abordam o tema “*Bullying*”:

Fonte: Internet

01. “Carrie, a estranha” (*Carrie*) – EUA (1976)

Duração: 98 minutos

Direção: Brian de Palma

Com: Sissy Spacek, Piper Laurie, Amy Irving

Sinopse: Carrie é uma jovem dotada de poderes extra-sensoriais que é rejeitada por todos, inclusive por sua mãe, uma religiosa fervorosa e enlouquecida. Durante a festa de formatura do colégio, Carrie é ridicularizada pelos colegas. A partir de então, uma série de violentos assassinatos começam a acontecer envolvendo os poderes telecinéticos de Carrie. Todos causados pelo seu desejo de vingança.

02. “Te pego lá fora” (*Three O’Clock High*) – EUA (1987)

Duração: 101 minutos

Direção: Phil Joanou

Com: Casey Siemaszko, Anne Ryan, Richard Tyson

Sinopse: Jerry Mitchell é um tranquilo e simpático colegial que vai entrevistar Buddy Revell, um colega recém-chegado, para o jornal do colégio Weaver, onde estuda. Acontece que o cara é um brutamontes, tem fama de psicopata e, além disto, não suporta ser tocado. É exatamente isto que Jerry faz, assim Buddy o desafia para uma briga no estacionamento, às 3 da tarde. Até lá Jerry tentará de tudo para que esta "execução" não aconteça.

03. “Forrest Gump – O Contador de Histórias” – EUA (1994)

Duração: 142 minutos

Direção: Robert Zemeckis

Com: Tom Hanks, Robin Wright, Sally Field, Gary Sinise, Mykelti Williamson

Sinopse: Através de três turbulentas décadas, *Forrest* embarca numa maré de acontecimentos, que o varre da incapacidade física para o estrelato no futebol, de herói do Vietnã para magnata do camarão, das honras da Casa Branca para os braços de seu único e verdadeiro amor. *Forrest* é a encarnação de uma época, um inocente à solta em uma América que está perdendo sua inocência. Seu coração sabe aquilo que seu QI limitado não sabe. Sua bússola moral nunca vacila. Seus triunfos tornam-se uma inspiração.

04. “Diário de um adolescente” (*The Basketball Diaries*) – EUA (1995)

Duração: 102 minutos

Direção: Scott Kalvert

Com: Leonardo DiCaprio, Bruno Kirby Jr., Lorraine Bracco, Ernie Hudson

Sinopse: Adaptação do livro de Jim Carrol, onde conta sua adolescência problemática. Jim, um garoto que joga no time de basquete da escola, arruma bagunça nas ruas com os amigos e tem suas primeiras experiências com drogas. Ele se vicia e aos poucos seu mundo vai desabando: desmaia durante um jogo, rouba, é expulso de casa pela mãe, se prostitui. Só lhe resta sua poesia, até que um ex-viciado o ajuda a se recuperar e retomar sua vida.

05. “Inimigos para Sempre” (*Big Bully*) – EUA (1996)

Duração: 90 minutos

Direção: Steve Miner

Com: Rick Moranis, Tom Arnold, Julianne Phillips

Sinopse: David é um escritor divorciado que retorna à sua cidade natal acompanhado do filho para lecionar na mesma escola onde estudara quando criança. Logo ele se depara com Rosco, que na infância era o terror do calmo e franzino David. Antigas rivalidades vêm à tona e reviram a realidade adulta dos dois de pernas para o ar, enquanto seus filhos começam a reviver a história de perseguição entre o mais fraco e o mais forte.

06. “Um Crime Entre Amigas” (*Jawbreaker*) - EUA (1998)

Duração: 91 min.

Direção: Darren Stein

Com: Rose McGowan, Julie Benz, Rebecca Gayheart, Judy Greer

Sinopse: No aniversário de uma amiga, três garotas resolvem fazer-lhe uma surpresa diferente: amordaçá-la e raptá-la. Mas o que seria apenas um trote se transforma em pesadelo quando, ao abrirem o porta-malas do carro, elas encontram a amiga morta por asfixia. Então, resolvem colocar o corpo de volta em sua cama e simular um estupro para se livrarem da culpa. Porém, elas não contavam com uma testemunha.

07. “Nunca Fui Beijada” (*Never Been Kissed*) - EUA (1998)

Duração: 107 minutos

Direção: Raja Gosnell

Com: Drew Barrymore, David Arquette, Michael Vartan

Sinopse: Aos 25 anos, Josie é um gênio na redação do jornal onde trabalha, mas um fracasso na vida pessoal. Seu maior trauma é nunca ter recebido um "beijo de verdade". Porém, uma reportagem transforma sua vida num pesadelo: para traçar o perfil dos jovens de hoje, ela deverá se fazer passar por uma adolescente e voltar ao colegial. Nessa prova de fogo, ela enfrentará traumas do passado e descobrirá uma nova pessoa dentro de si.

08. “Bang Bang! Você Morreu!” (*Bang Bang! You’re dead!*) EUA - (2002)

Duração: 93 minutos

Direção: Guy Ferland

Com: Ben Foster, Tom Cavanagh, Randy Harrison

Sinopse: “*Jovens podem ser mais cruéis que todos. Naturalmente cruéis*”. As palavras de Trevor Adams, que já foi um estudante exemplar, refletem suas experiências no colégio. Ele era vítima de tão traumatizante perseguição que ameaçou destruir o time de futebol da escola. Mas a salvação veio através do Sr. Duncan, o professor de teatro, que ofereceu a Trevor o papel principal de sua peça, o lado da bela Jenny Dahlquist. O professor e a garota tentam ajudá-lo a manter-se na linha.

09. “Um Grande Garoto” (*About a Boy*) – EUA (2002)

Duração: 101 minutos

Direção: Chris Weitz / Paul Weitz

Com: Hugh Grant, Toni Collette, Rachel Weisz

Sinopse: Will Freeman é um homem na faixa dos trinta anos metido a galã que inventa ter um filho apenas para poder ir às reuniões de pais solteiros, onde tem a oportunidade de conhecer mães também solteiras. Will sempre segue a mesma tática: vive com elas um rápido romance e quando elas começam a falar em compromisso ele acaba o namoro. Até que, em um de seus relacionamentos, Will conhece o jovem Marcus, um garoto de 12 anos que é completamente o seu oposto e tem muitos problemas em casa e na escola. Com o tempo Will e Marcus se envolvem cada vez mais, aprendendo que um pode ensinar muito ao outro.

10. “Pode bater que ela é francesa” (*Slap her, she’s french*) - EUA/Ale/UK (2002)

Duração: 92 minutos

Direção: Melanie Mayron

Com: Piper Perabo, Jane McGregor, Trent Ford, Julie White

Sinopse: Uma estudante de intercâmbio francesa, muda-se para uma pequena cidade texana para fazer o ginásio e fica na casa da mais popular líder de torcida da escola, e passa a usufruir a relação social, dos familiares e do namorado dela.

11. “Elefante” (*Elephant*) – EUA (2003)

Duração: 81 minutos

Direção: Gus Van Sant

Com: Alex Frost, Eric Duellen, John Robinson, Elias McConnell, Jordan Taylor

Sinopse: Numa típica escola americana, os estudantes estão às voltas com seus afazeres diários: a prática de esportes, as aulas e a recreação com os amigos. E nem desconfiam que uma violenta tragédia está por acontecer. Inspirado no massacre ocorrido em Columbine, nos Estados Unidos. O filme ganhou a Palma de Ouro e o prêmio de Melhor Direção no Festival de Cannes.

12. “Tiros em Columbine” (*Bowling for Columbine*) EUA (2004)

Duração: 120 minutos

Direção: Michael Moore

Sinopse: O premiado diretor Michael Moore revela neste filme o fascínio do povo norte-americano por armas de fogo, elemento que desencadeia crimes horríveis, como o de 1999 em uma escola pública em Columbine, onde dois jovens entraram armados na biblioteca e mataram doze colegas e um professor, e se suicidaram em seguida. Michael Moore na verdade traz à tona a grande polêmica sobre o porte de arma indiscriminado em uma nação que tem como marca a opressão e a violência entre seus semelhantes.

13. “Meninas Malvadas” (*Mean Girls*) – EUA (2004)

Duração: 97 minutos.

Direção: Mark S. Waters

Com: Candy Heron, Regina George, Gretchen Wieners

Sinopse: Após viver quase toda sua vida morando na África, garota retorna ao lugar onde nasceu e se matricula em uma escola pública. Nesse lugar, ela começa a perceber como a língua venenosa de suas colegas pode fazer com que ela se dê muito mal. Para piorar tudo, ela se apaixona pelo garoto errado.

14. “De Repente 30” (*13 going on 30*) – EUA (2004)

Duração: 98 minutos

Direção: Gary Winick

Com: Jennifer Garner, Mark Ruffalo, Shana Dowdeswell

Sinopse: Jenna é uma garota divertida, mas impopular. Quando as coisas dão erradas em sua festa de aniversário de 13 anos, ela deseja ter 30 anos, ser bem sucedida e possuir um namorado. Quando acorda no dia seguinte tudo é realizado, mas ela logo perceberá que na realidade sempre teve o que quis, até tentar ser popular.

15. “Odd Girl Out” – EUA (2005)

Duração: 89 minutos

Direção: Tom McLoughlin

Com: Alexa Vega, Lisa Vidal

Sinopse: Vanessa é bonita, inteligente e muito amiga da garota mais popular da escola. Mas um simples incidente a transforma no alvo predileto das colegas que vivem humilhando-a. Deprimida, Vanessa só conta com a mãe para recuperar a autoconfiança.

16. "Apenas amigos" (*Just friends*) – EUA/Canadá (2005)

Duração: 96 minutos

Direção: Roger Kumble

Com: Ryan Reynolds, Amy Smart, Anna Faris, Chris Klein

Sinopse: Chris sempre foi apaixonado por Jamie, desde a época da escola, quando eram amigos. Mas os dois nunca tiveram nenhum envolvimento romântico porque ele tinha uns quilos acima do peso normal. Por conta dessa rejeição juvenil, Chris emagreceu e tornou-se mulherengo. O problema acontece quando, anos depois, sua antiga paixão reaparece.

17. "Lucas, um intruso no formigueiro" (*The Ant Bully*) – EUA (2006)

Duração: 89 minutos

Direção: John A. Davis

Animação com vozes na versão original de: S. Scott Bullock, Nicolas Cage, Julia Roberts.

Sinopse: Deixado nas mãos da irmã mais velha e da avó obcecada por OVNI's, o pequeno Lucas enfrenta maus bocados durante a viagem de férias dos pais. Tudo porque não aguenta mais um garoto da vizinhança. Para descontar a raiva, ele

inunda um formigueiro no jardim com a mangueira, além de judiar dos animais de outras formas. O estrago feito na casa das formigas causa revolta nos animais, que tentam encontrar uma maneira de se vingar do garoto.

18. “Ponte para Terabítia” (*Bridge to Terabithia*) – EUA (2007)

Duração: 95 minutos

Direção: Gabor Csupo

Com: Josh Hutcherson, Anna Sophia Robb, Zooey Deschanel

Sinopse: O jovem Jess Aarons é um garoto que sempre se sentiu um peixe fora d'água na escola e até mesmo dentro de sua família. Jesse passou o verão inteiro treinando para se tornar o garoto mais rápido na sua turma do colégio, mas seu objetivo é inesperadamente frustrado pela nova garota da escola, Leslie Burke que acaba competindo na corrida "somente para meninos" e acaba ganhando. Apesar da forma completamente estranha que eles se conhecem, logo os dois se tornam melhores amigos. Leslie abre as portas para um novo mundo de imaginações para Jess. Juntos, eles criarão o reino secreto de Terabithia, um lugar mágico somente acessível através do balançar na velha corda sobre um pequeno riacho perto de suas casa. Lá, os amigos comandam o reino, lutam contra o Mestre da Escuridão e suas criaturas e planejam armações contra os malvados da escola.

2.14 – Games relacionados ao *Bullying*

No game "*Bully*", o jogador assume o papel de um estudante do segundo grau que tem de enfrentar outros alunos violentos. Desenvolvido pela *Rockstar Games*, "*Bully*" foi criado para o videogame *PlayStation 2* e está à venda no Brasil. Nele, o jogador pode arremessar bombas, bater com o extintor, acertar outros alunos com tacos de beisebol e humilhá-los fazendo pedir desculpas após apanhar. É possível ficar com meninas obesas oferecendo chocolate para elas, e até mesmo atacar um professor, mas as punições serão severas. As ações em "*Bully*" têm relação direta com o desempenho do jogador. São elas que vão determinar se *Jimmy Hopkins*, o protagonista do jogo, vai se tornar mais um *bully* ou ficará longe dos problemas. Se ficar amigo demais de um certo grupo, como os *nerds*, o jogador será também identificado como um deles e sofrerá nas mãos dos alunos encenqueiros.

Um outro jogo polêmico, que reproduz fielmente a matança na escola de *Columbine*, ocorrida em 1999, é o "*Super Columbine Massacre*" - RPG, disponível gratuitamente na *Internet*. O game coloca os jogadores na pele de *Eric Harris e Dylan Klebold*, os adolescentes que mataram 12 alunos e um professor e depois se suicidaram. O objetivo do jogo é entrar na escola e atirar contra a multidão. Ele é repleto de referências aos fatos reais, com datas e fotos dos assassinos, inclusive imagens registradas após a sua morte.

O criador do jogo, conhecido pelo pseudônimo de "*Columbin*", aceita dar entrevistas apenas por e-mail, e defende sua obra como uma ferramenta educativa. Segundo o mesmo, seu objetivo é abalar as pessoas, fazendo-as refletir e promover o diálogo sobre os massacres nas escolas, a violência e a mídia. Sua criação gerou um enorme mal-estar

entre os pais das vítimas do pior massacre já registrado em uma escola secundária americana, e acabou servindo de inspiração para um novo crime:

De arma em punho, o jovem *Kimver Gill*, 25 anos, entrou atirando a esmo no *Dawson College*, em Montreal, Canadá, dia 13 de setembro de 2006. Matou uma estudante de 18 anos e feriu outros 19 estudantes, até ser morto pela polícia. O rapaz havia deixado registrado em um fórum na *Internet* que gostava de armas, vampiros e do *game "Super Columbine Massacre"*. Com o tiroteio em Montreal, o *game* passou a ser considerado um dos vilões da história.

2.15 – Pesquisas sobre o *bullying* com ratos

Neurocientistas da Universidade do Texas que analisaram ratos grandes intimidarem os menores, descobriram que o estresse causa mudanças no cérebro. Os estudiosos queriam testar o papel do "caminho de recompensa" do cérebro em pessoas com comportamento depressivo. Esse circuito do cérebro está envolvido no aprendizado emocional e no reconhecimento de prazer. Mas as pessoas com depressão grave tornam-se quase entorpecidas, incapazes de experimentar o prazer, sugerindo outra função deste caminho.

Os pesquisadores do Texas colocaram pequenos ratos marrons individualmente, por cinco minutos, na jaula de grande rato branco agressivo. Depois, os cientistas dividiram a jaula em duas por vinte e quatro horas – de modo que o rato não corresse perigo, mas veria e sentiria o cheiro de seu agressor. Durante dez dias, cada ratinho foi submetido ao teste. Os animaizinhos ficaram bastante amedrontados, e passadas quatro semanas, continuavam temendo mesmo aqueles que presumivelmente seriam seus amigos.

Os ratinhos reagiram dessa forma, porque, de acordo com os neurocientistas, o BDNF (*brain derived neurotrophic fator*) é uma substância química importante para o crescimento e a maturação das células nervosas. Alguns antidepressivos aumentam o nível de BDNF no hipocampo, o que parece dar novo impulso aos neurônios. Mas na parte do cérebro que abrange o feixe de neurônios dopaminérgicos, o excesso de BDNF é danoso: altos níveis de BDNF ativaram centenas de genes localizados na parte frontal do cérebro dos ratinhos. A ativação genética pouco usual foi paralela ao isolamento social desses animais.

Depois, a equipe de pesquisadores injetou nos ratinhos um vírus que corta a produção de BDNF apenas nessa região do cérebro, e repetiu a experiência. Na falta de BDNF, os animais não ficaram amedrontados - eles não sabiam como responder à ameaça emocional, evidência do papel do BDNF no estresse social. Mas o novo estudo sugere que o BDNF tem diferentes efeitos em diferentes áreas do cérebro.

Fonte: CEMEOBES.

(http://www.diganaoaobullying.com.br/secao_noticias/noticias/noticia25_ratots.htm)

2.16 – Projeto de lei antibullying no Brasil

Um Projeto de Lei de 18/04/2007, de autoria do deputado estadual Paulo Alexandre Barbosa – PSDB/SP, autoriza o Poder Executivo a instituir o Programa de Combate ao *Bullying*, de ação interdisciplinar e de participação comunitária, nas escolas públicas e privadas do Estado de São Paulo.

O Projeto de Lei encontra-se, na íntegra, no Apêndice 5.

3. INFLUÊNCIA CULTURAL

La Taille (1992) relata que Piaget define moral como um sistema de regras cuja essência deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por estas regras. Toda educação moral tem o objetivo de fazer com que as crianças sejam capazes de controlar seus sentimentos e desejos em nome de um ideal social ou grupal. Essa etapa é conhecida como autonomia.

Segundo Parrat & Tryphon (1998), a consciência moral e a razão se originam de tendências inatas e da ação da sociedade sobre o indivíduo. Os grupos sociais se

diferenciam pelo número de regras morais e formas de pensamento comuns que são mutuamente respeitadas. O primeiro processo de socialização se dá através dos pais e outros adultos com quem o indivíduo mantém algum tipo de vínculo, com os quais mantém uma relação que pode ser considerada um misto de amor e medo, que seria o respeito, denominado de coerção social unilateral por Piaget (dominação dos grandes pelos pequenos). A criança considera obrigatórias as regras impostas pelos mais velhos.

De acordo com a autora, um segundo processo de socialização, o *self-government*, está ligado ao primeiro e se dá pela ação dos indivíduos uns sobre os outros quando a igualdade supera a autoridade. A coerção então dá lugar à cooperação, e o respeito torna-se mútuo, criando uma ética da solidariedade e reciprocidade, ao contrário do egocentrismo. A noção de justiça surge com o desenvolvimento gradual da cooperação entre os iguais. Seria então um processo de educação social que faz com que os indivíduos saiam do egocentrismo para a cooperação mútua e se submetam às mesmas regras.

Para a estudiosa, o método do *self-government* é eficiente somente a partir dos 11 anos, aproximadamente. Até os 7 ou 8 anos, o indivíduo é pouco suscetível de cooperação, oscila entre o egocentrismo e o respeito pelos grandes. A partir dessa faixa etária, as regras começam a ser unificadas e o controle mútuo passa a substituir a obediência aos grandes, tornam-se cooperativos. Há uma evolução da noção de justiça, onde as idéias de igualdade e reciprocidade passam a se impor. A idade de 11 a 13 anos pode ser considerada a mais favorável para a prática do *self-government*, pois a cooperação gradual atinge seu total desenvolvimento e gera uma obediência refinada às regras decorrentes do respeito mútuo.

Todas as culturas possuem seus próprios conjuntos de crenças que estruturam e orientam os pensamentos, sentimentos e ações de seus indivíduos. Beaudoin (2006) afirma

que, na maioria das vezes, as soluções que encontramos para nossos problemas são influenciadas pela nossa cultura. Pessoas de diferentes culturas sugerem reações diversas. O contexto cultural da vida do indivíduo influencia as opções que vêm à mente em uma situação de desafio, e muitas vezes ele se vê socializado a pensar na agressão como solução. É comum entre os alunos de uma classe, a existência de diversos tipos de conflitos, tensões e interações agressivas, muitas vezes como diversão, forma de auto-afirmação e comprovação de força entre si.

Dessa forma, a manifestação do *bullying* pode ser desencadeada, segundo Lopes Neto (2005), por fatores econômicos, sociais e culturais, aspectos inatos de temperamento, influências de familiares, amigos, escola e comunidade. Certas características físicas, comportamentais ou emocionais podem tornar o indivíduo mais vulnerável às ações dos autores e dificultar sua aceitação pelo grupo. Para o autor, a rejeição às diferenças é um fator desencadeante para que o *bullying* aconteça.

Assim como Lopes Neto (2005), Goffman (1982) relata que num grupo de indivíduos que compartilham alguns valores e aderem a um conjunto de normas sociais referentes à conduta e a atributos pessoais, pode-se chamar destoante aquele membro que não adere às normas. O estigma é um processo social de dois papéis, no qual cada indivíduo participa de ambos, o papel do normal e o do estigmatizado, pelo menos em alguma fase da vida. Tal perspectiva é gerada em situações sociais durante os contatos mistos. Os atributos de um indivíduo podem convertê-lo em um papel de estigmatizado, se sua condição de vida o coloca em oposição aos normais.

Continuando Goffman (1982), a sociedade e os ambientes sociais estabelecem os meios de categorizar as pessoas e quais os atributos são considerados normais ou comuns para seus membros. Quando nos deparamos com um indivíduo estranho, podem

surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente dos outros que se encontram num grupo onde pudesse ser incluído. Dessa forma, deixamos de considerá-lo comum, reduzindo-o a um indivíduo estragado, estigmatizado (seja por um defeito, classe social, etnia, por uma fraqueza ou desvantagem).

No estudo realizado por Whitney & Smith (1993), conclui-se que as crianças que apresentam algum tipo de deficiência, integradas no ensino regular, são mais afetadas pelo *bullying* do que as outras, devido ao fato da aparência e/ou padrão de comportamento ser bastante destoante.

Da mesma forma, Amado & Freire (2002) consideram que os agressores podem-se valer de vários pretextos para escolher suas vítimas, como defeitos físicos, bom ou mau desempenho escolar, origem social, étnica ou demográfica.

Durante a adolescência, esses meios de categorizar atributos físicos pode se tornar um grande problema. Train (1997) relata que o adolescente está totalmente envolvido com a auto-avaliação, sua aparência física é particularmente importante. Na adolescência, ocorrem muitas alterações fisiológicas, e à medida em que os níveis hormonais se alteram, tanto os rapazes quanto as moças sofrem com as mudanças, algumas vezes desagradáveis. Os que amadurecem mais cedo se tornam mais populares, ao contrário dos que levam mais tempo, que se sentem inadequados, inseguros e ansiosos, pois a maturação física confirma a identidade sexual. O aumento da oleosidade na pele gera acne e cravos. Os corpos musculosos e sarados são populares, enquanto os indivíduos que apresentam excesso de peso têm dificuldades de relacionamento. Os muito magros tendem

a ser submissos. Se o adolescente não conseguir se aceitar, seu comportamento pode se alterar e ele pode assumir uma identidade negativa e uma atitude negativa perante a vida.

A adolescência tem início na mesma fase em que ocorre uma alteração no padrão escolaridade. Os jovens migram para um contexto educacional mais complexo e que exige maior responsabilidade e independência. Train (1997) afirma que exames competitivos criam muito stress, justamente na época em que deveria ser suficiente ter de lidar com as alterações fisiológicas.

Geralmente as instituições escolares estruturam-se por temas como a competição, as regras, as conquistas, a avaliação, a recompensa, a punição e as hierarquias de poder. Segundo Beaudoin (2006), enquanto alguns indivíduos conseguem lidar bem com essas diferenças, muitos se sentem pressionados e vivem essas estruturas como bloqueios contextuais, os quais limitam opções e identidades, e são originados nas experiências dos indivíduos com um conjunto mais amplo de especificações (deveres) atribuídos aos membros de uma cultura. Um conjunto específico de deveres de uma cultura influencia diretamente nos problemas que surgem; como exemplo, a autora relata que o *bullying* geralmente ocorre em culturas onde os meninos precisam mostrar que são durões. Nesse caso, os bloqueios originam-se no patriarcado (demonstração de força física), no capitalismo (importância de ser um vencedor, estar no topo da hierarquia), no individualismo (satisfação dos desejos a todo custo), no racismo (desconfiança entre as raças) e no adultismo (a idade determina a competência do indivíduo = abuso de poder). As pressões vindas da cultura afetam o clima escolar das seguintes maneiras:

a) Competição entre alunos - a competição costuma ser utilizada como motivador fundamental para seduzir as crianças a um desempenho, mas é um convite a problemas: os alunos concentram-se em si mesmos e não na comunidade (não há

interação); sentem que o fim justifica os meios; sentem-se menos atraídos pelo compartilhar e cooperar; pode haver um aumento da probabilidade de conflitos e comentários maledicentes; aumento do desinteresse com atividades não-competitivas; a percepção do *eu* passa a ser motivada pela conquista de *status*, valores e ganho material.

b) Excesso de regras – sistemas educacionais que possuem um grande número de regras que são determinadas externamente e implementadas de várias formas por diferentes indivíduos enfrentam mais desrespeito e rebeldia do que sistemas que têm regras significativas e internalizadas como valores pessoais.

c) Sistema de avaliação – as avaliações são confundidas com verdades a respeito do conhecimento, das habilidades e do potencial dos indivíduos, mas na realidade representam apenas um retrato daquele momento de um desempenho situado em um certo contexto, tempo e tipo de relação. Quando os alunos têm a impressão de estar sendo avaliados detalhadamente, ficam desestimulados, perdem a confiança, pioram o desempenho, tornam-se impacientes, desconcentrados e intolerantes, passando a atormentar e desrespeitar os colegas.

d) Conquistas a todo custo – o atual sistema educacional pressiona demasiadamente professores e alunos, no sentido de que alcancem resultados concretos. É um processo onde preferencialmente a qualidade dá lugar à quantidade. Notas concretas e superficiais dos resultados substituem a jornada de um aprendizado mais profundo e integrado. Em nome de um currículo excessivo, os professores acabam ensinando o currículo exigido contra sua vontade e tomando atitudes que aumentam a marginalização, afastamento e desunião entre os alunos.

Após o massacre na faculdade Virginia Tech, em abril de 2007, onde um estudante sul-coreano matou 32 pessoas e suicidou-se em seguida, o sociólogo e

pesquisador do Laboratório de Análise da Violência da Universidade do Estado do Rio de Janeiro Ignácio Cano deu uma entrevista à revista *Época*, dizendo que os EUA são o país que melhor representa a cultura do vencedor, segundo a qual algumas pessoas estão marcadas para a vitória, enquanto outras estão destinadas à derrota. Uma prova dessa obsessão pela vitória seria o fato de as crianças se acostumarem desde cedo ao termo *loser*, que significa perdedor, fracassado. Em um ambiente altamente competitivo, o sucesso individual é medido não apenas pelo desempenho escolar, mas sobretudo pelas conquistas de caráter social, o “ser popular”.

Continuando Beaudoin (2006), os alunos que ocupam uma posição inferior na hierarquia talvez sintam uma versão intensificada dos efeitos devido à sua liberdade limitada para escolher, para abandonar, para protestar contra ou para modificar as pressões. Normalmente não podem falar das pressões e nem presumir que serão ouvidos. A escola então transforma-se num contexto opressivo, onde se sentem criticados, inadequados e pressionados a ser alguém que não conseguem ser. Podem se sentir tão ressentidos e incapazes de se concentrar e prestar atenção que resta-lhes poucas esperanças de mudar a má idéia que os outros têm a seu respeito. Nenhum de seus esforços e sucessos jamais foi notado, enfim não acreditam que algo possa melhorar. O fracasso é consequência das pressões em relação ao desempenho acadêmico, ao controle de problemas e a seu ajuste às expectativas da escola.

Para Train (1997), para uma criança mais vulnerável, a competição pode ser lamentável. Ela poderá reagir com agressividade se se sentir ameaçada pelo fracasso. Antes que uma criança consiga competir, é preciso que seja forte e madura o suficiente para aceitar que todos nós temos nossas qualidades e limitações. Mas em nossa sociedade, isso quase nunca é levado em consideração.

A finalidade primordial da educação, na concepção de Rodrigo (2002), consiste na orientação da conduta, para que a convivência social se torne possível dentro de uma determinada estrutura política. A autora relata que na perspectiva maquiaveliana, a educação possui duas linhas de conduta: constrangimento e persuasão. No entanto, a construção do *vivere civile*⁵, defronta-se com um obstáculo fundamental: a natureza maligna dos homens. Por isso, a construção de um Estado bem ordenado tem como premissa o conhecimento da maldade humana e o que isso representa politicamente, seja em termos de ameaça ou das possibilidades que oferece à sociedade. Os homens são mais propensos ao mal do que ao bem, e agirão com perversidade sempre que tiverem ocasião. Isso se atribui à natureza humana, não ficando restrito à hereditariedade, podendo também ser adquirido no contato com o meio ambiente. A lei constitui um freio capaz de coibir os impulsos da maldade. Lançando mão do medo à sanção ou castigo, a lei obriga os homens a serem bons, intervindo sobre a sua natureza, visando a contenção e redirecionamento de suas ações.

Através do estudo dos antigos, das lições da história, religião e da intimidade dos poderosos de sua época, Maquiavel (1525/1987) afirma que os homens são todos egoístas e ambiciosos, salvo quando coagidos pela força da lei. A ambição conduz à violência e à guerra, cuja causa reside na desproporção entre a infinitude do desejo e os limites que se colocam à possibilidade de satisfazê-lo. Sempre existiu quem serve e quem manda, quem se rebela e quem se rende. O desejo de conquistar é natural, e os homens que podem fazê-lo serão sempre louvados.

⁵ Viver cívico

4. ESCOLA, FAMÍLIA E SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

De acordo com Zagury (2006), ao contrário de uma hierarquia extremamente rígida (comum até a década de 1970), onde as crianças não tinham espaço para contestação, a família moderna abriu mão de seu papel essencial de geradora da ética, e tentou criar um novo modelo de relações entre pais e filhos, em que o não-autoritarismo seria a base (e delegou o papel de educação à escola). A consequência disso é que os indivíduos hoje não têm limites e faltam com respeito à autoridade, num extremo de liberdade e prazer pessoal, levando esse comportamento para o convívio social.

Segundo Barcellos (2006), crianças e jovens inseridos na cultura do descartável (onde aparentemente tudo possuem), tendem a “coisificar” o ser humano, estabelecendo

padrões daquilo que é aceitável ou descartável num grupo como uma sala de aula ou um pátio de recreio.

Dentro dessa mesma perspectiva, Lemos (1990) afirma que no mundo pós-industrial, vivemos uma mudança de prioridades, sentimentos e escolhas, onde o real se confunde com o virtual. A sociedade fragmentadora de consumo transforma o desejo do indivíduo em desejo de consumir objetos, e os seres humanos são transformados em coisas (esse comportamento é denominado “reificação” pela autora). Os indivíduos estão desaprendendo a gostar e a conviver com seus semelhantes, dificultando a aproximação e as relações afetivas. O homem está se afastando de respostas que procuram enfrentar a complexidades das questões, buscando soluções rápidas e prontas. O pensamento crítico foi substituído pela intolerância. O progresso técnico não garante a felicidade entre os homens e nem impede a perversão e a maldade humana.

Da mesma forma, Zaluar (1994, apud Castro, 2002) afirma que novos padrões de consumismo lançam o jovem no mercado do vestuário e das atividades de lazer variadas, muitas vezes incompatíveis com a economia doméstica e sua hierarquia de consumo. Para a autora, essa adesão ao hedonismo muitas vezes leva ao envolvimento com quadrilhas e o tráfico de drogas.

A intolerância é apreendida ao nível de indivíduos, grupos e nações, segundo Castro (2002), e é necessário que se faça uma intervenção educacional de construções sociais baseadas no coletivo e na alteridade. Eco (2000, apud Castro, 2002) afirma que a intolerância manifesta-se nos animais em forma de território e baseia-se em reações emocionais e superficiais. Na criança, a intolerância se dá de forma natural, como o instinto de se apropriar de tudo o que lhe agrada. Segundo o autor, a tolerância é aprendida lentamente e exige a permanente educação dos adultos.

Chrispino (2007) afirma que o conflito é parte integrante da vida e da atividade social, tanto antiga quanto contemporânea. Ele é inevitável, e não deve ser visto como uma anomalia do controle social e não se devem suprimir seus motivos, até mesmo porque o conflito possui algumas vantagens:

- a) Ajuda a regular as relações sociais;
- b) Ensina a ver o mundo pela perspectiva do outro;
- c) Permite o reconhecimento das diferenças, que não são ameaças;
- d) Ajuda a definir as identidades das partes que defendem suas posições;
- e) Permite perceber que o outro possui uma percepção diferente;
- f) Racionaliza as estratégias de competência e cooperação;
- g) Ensina que a controvérsia é uma oportunidade de crescimento e de amadurecimento social.

Ainda segundo Chrispino (2006), há conflito entre alunos pelos mais diversos motivos, como mal-entendidos, brigas, rivalidades entre grupos, discriminação, uso de espaços e bens, namoro, assédio sexual, perda ou dano de bens escolares, eleições (de variadas espécies), viagens e festas.

Para Galvão (2004), o conflito é necessário à vida e constitutivo, tanto da vida psíquica como da social, embora seja encarado como negativo e destruidor. Sua ausência indica apatia e submissão, e sua não explicitação pode levar à violência. Conflito não é a mesma coisa que violência. Uma sociedade sem conflitos pode ser considerada totalitária, onde prevalecem vontade e direção únicas.

Maffesoli (1981) afirma que a violência é um dos elementos estruturantes da sociedade, herança comum a todo e qualquer conjunto civilizacional e que tem seu papel na sociedade. O autor não considera a violência como um saldo negativo em vias de

desaparecimento, mas um fenômeno que precisa ser compreendido em sua lógica interna, na qual reside sua ambigüidade, expressa nas tanto nas formas destrutivas quanto construtivas.

Numa linha de pensamento parecida, Waiselfisz (1998) relata que a violência é própria da condição humana e aparece de forma peculiar de acordo com as características da sociedade de onde emerge. Ela se manifesta nas diferentes esferas sociais e pode ser compreendida na forma física, psíquica e simbólica. Esse pensamento é compartilhado por Dadoun (1998). Para o autor, o *Homo violens* é fruto da violência originária da gênese, descrita no texto bíblico e cristalizada de forma simbólica no imaginário humano. Resgatando a etimologia latina do termo violência, Dadoun lembra que *vis* significa tanto violência quanto força, vigor, potência e a “força das armas”. A história da humanidade permeada de crimes, massacres e genocídios não deixa dúvida sobre a presença da violência nas mais distintas formas de organização social. Para o autor, a violência no ambiente escolar é fruto da competição, da seleção, da discriminação e da exclusão. A violência dramática do fracasso leva à baixa auto-estima, aos vícios, à delinquência e até ao suicídio.

É importante lembrar que cada cultura e cada sociedade têm seus valores e resolvem diferentemente seus problemas. Segundo Loconte (1999), a noção de violência varia de cultura para cultura: o que é violento para uma sociedade pode ser absolutamente normal para outra. No entanto, as sociedades modernas definem violência de modo parecido: todas as formas pela quais os homens perdem seus direitos e têm sua integridade moral e física ameaçada, seja por outros homens, seja pela sociedade. A verdade é que a violência é um fenômeno que não está sendo mais tolerado nas sociedades modernas, haja

vista que aumentaram bastante os atos definidos como violentos, como os que abrangem constrangimentos psicológicos e discriminação.

Para Ortega (2003), a violência é um fenômeno em que há uma constante: algumas pessoas, sozinhas ou em grupo, impedem ou dificultam que outras pessoas tenham livre acesso ao gozo dos direitos humanos.

O comportamento violento nas escolas é um fenômeno social complexo e de difícil compreensão, por afetar toda a sociedade e atingir crianças e adolescentes em todas as escolas do mundo, num período em que as experiências, agradáveis ou não, marcarão para sempre suas vidas. Segundo Fante (2005), infelizmente a comunidade escolar toma consciência dos problemas da violência e sua gravidade quando estes já alcançaram altos níveis de ocorrência e de periculosidade, principalmente porque os programas educativos concentram-se mais nos conteúdos do que nos procedimentos de formação pessoal e social. A escola tem o dever de prevenir a violência que se desenvolve em seu contexto e de intervir impedindo sua proliferação. A adaptação do aluno à escola depende do tipo de relacionamento que estabelece com os professores e colegas. Quando essa relação se dá de forma inadequada, como corre com indivíduos discriminados ou ignorados, a escola se transforma em fonte de estresse e inadaptação, comprometendo a qualidade do ensino-aprendizagem.

Em grupos onde o comportamento violento se apresenta antes da puberdade, há uma tendência progressiva no aumento da agressividade, culminando em graves delitos na adolescência e persistência da violência na fase adulta. Para Lopes Neto (2005), a violência escolar é um problema social grave e é o tipo mais freqüente e visível de violência juvenil, cometida por indivíduos entre 10 e 21 anos. Esses comportamentos são caracterizados por conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, etc., e resulta da interação

entre o desenvolvimento individual e os contextos sociais, como a família, a escola e a comunidade. Os relacionamentos interpessoais positivos e o bom andamento da vida escolar possibilitam o alcance de um melhor nível de aprendizado. A aceitação pelos colegas é fundamental para o desenvolvimento da saúde de crianças e adolescentes, aperfeiçoando suas habilidades sociais e fortalecendo a capacidade de reação diante de situações de tensão. Indivíduos que não gostam da escola são os mais propensos a apresentar desempenhos insatisfatórios.

4.1 – Influência da Mídia

Segundo Train (1997), as crianças mais novas, os delinquentes e os doentes mentais são os indivíduos mais propensos à influência da televisão, principalmente devido à incapacidade de fazer uma distinção entre o que é realidade e fantasia. As crianças tendem a imitar comportamentos que exacerbam seu próprio estilo. Dessa forma, crianças agressivas que observam adultos agressivos imitarão esse comportamento. A exposição repetitiva à programas violentos diminui a inibição, fazendo com que as crianças comecem a aceitar que são permitidas soluções violentas aos problemas.

Infelizmente, devido ao fato de hoje em dia pais e mães trabalharem fora o dia todo, a televisão se tornou uma forma de controle dos filhos, uma espécie de babá, tornando esse processo auto-reforçador. Com os pais ausentes, não há censura e as crianças ficam livres para assistir o que quiserem durante o tempo que quiserem.

Um tipo muito comum de brincadeira – de mau gosto – vista hoje em dia com muita frequência em nossas escolas é a “Pedala, Robinho!”, em referência ao tipo de drible de um famoso jogador de futebol brasileiro. Essa brincadeira foi criada e difundida por um

programa humorístico de televisão com alto número de telespectadores. Na brincadeira, um dos alunos dá um tapa na nuca de um colega – geralmente alvo dos *bullies* – e grita: “Pedala, Robinho!”. Em seguida, a vítima recebe diversos outros tapas na nuca, que podem se estender a outras partes do corpo, com a participação da maioria dos alunos que estiverem ao redor, transformando-se então em uma pancadaria geral.

Para Almeida Jr. e Queda (2002), a televisão e a mídia oferecem uma vasta programação deseducadora e recheada de violência. Como exemplo, os autores citam a violência que costuma ser apresentada em forma de comédia: é comum a ridicularização de mulheres, negros, pobres, etc., sendo que aquele que ridiculariza geralmente está numa posição de superioridade. Até mesmo as propagandas contribuem para a deseducação da população, através da transmissão de valores, estilos de vida e comportamentos – o que é considerado “normal e fora do normal”.

5. PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO

Segundo Rodrigo (2002), Maquiavel considera louvável um príncipe dotado de *virtú*, que no sentido maquiaveliano, está muito distante da significação tradicional de virtude. *Virtú* indica aquele que sabe agir de acordo com as exigências das circunstâncias em que se encontra, e flexibilidade constitui seu traço essencial (o que podemos chamar de assertividade). A *virtú* capacita o homem para enfrentar a fortuna, qualquer que seja a forma sob a qual esta última se apresente: se benigna, é preciso não desperdiçar a ocasião propícia para agir; quando maligna, manter o ânimo firme e não se deixar abater, aguardando que a fortuna, volúvel, mude de direção. O significado de fortuna consiste numa força imprevisível que provoca mudanças nas coisas do mundo; governa cerca de

metade das ações humanas, ou seja, o homem pode exercer seu livre-arbítrio sobre a outra metade.

Para Fante (2005), a diminuição da ocorrência do *bullying* e de suas consequências envolve todos os indivíduos ligados ao processo educacional: direção, coordenação, zeladoria, funcionários da lanchonete, familiares e sociedade em geral. Não bastam medidas inibidoras da ação violenta, mas educar para a ação construtiva. As escolas devem proporcionar aos alunos o conhecimento e a reflexão sobre a existência e as consequências do fenômeno *bullying*. Somente esse conhecimento despertará nos estudantes a consciência crítica e o poder de transformação, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, solidária e menos violenta.

A autora aponta que a violência é um comportamento aprendido nas interações sociais, mas existem maneiras de ensinar comportamentos não violentos para que se possa lidar com as frustrações e ensinar habilidades para lidar com os conflitos de maneira tolerante e solidária. Ensinar os indivíduos desde muito cedo a desenvolver tais atitudes é medida que auxiliará na construção de um mundo melhor. O diálogo, o respeito e as relações de cooperação precisam ser valorizados e assumidos por todos os envolvidos no processo educacional. Somente ocorrerá uma educação para a mudança quando os valores desenvolvidos pelas crianças e pelos jovens os converterem em pessoas conscientes da realidade em que vivem, críticas e comprometidas com uma ação transformadora para uma humanidade melhor.

Pais e professores devem estar atentos sobre a possibilidade real de conviver com uma vítima silenciosa de qualquer violência, como também conviver com o(s) agente(s) dessa violência. De acordo com Lima (2006), os pais devem apoiar o filho, abrindo espaço para ele falar sobre o sofrimento de estar sendo rejeitado pelos colegas;

devem também conversar com a direção da escola. A instituição deve ensinar os conhecimentos e promover a inclusão social e psicológica, e jamais ignorar os casos de intolerância, violência psicológica ou física. A escola deve ter uma atitude preventiva contra o *bullying*, conscientizando e preparando os professores, alunos e funcionários (tanto em escolas públicas quanto particulares).

Segundo Lopes Neto (2005) a ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência) identificou que 51,8% dos autores de *bullying* admitiram não terem sido advertidos em nenhuma ocasião. A aparente aceitação dos adultos aliada à sensação de impunidade favorecem a perpetuação do comportamento agressivo. Perceber e monitorar as habilidades ou possíveis dificuldades no convívio social dentro da escola devem ser atitudes obrigatórias daqueles que são os responsáveis pela educação, saúde e segurança dos indivíduos. Os programas *anti-bullying* devem ver as escolas como sistemas dinâmicos e complexos, e as estratégias a serem desenvolvidas devem levar em consideração as características sociais, econômicas e culturais de sua população. A participação dos pais, alunos, professores e funcionários é fundamental para que tal objetivo possa surtir efeito positivo, visando estabelecer normas, diretrizes e ações coerentes. A conscientização dos danos causados pelo *bullying* colabora para a garantia de um ambiente escolar seguro e sadio.

Atuando como um estressante psicossocial, o *bullying* manifesta-se através de ações discriminatórias e práticas freqüentes de violência no cotidiano escolar, tratando-se de um tipo de exclusão social capaz de oprimir, intimidar e machucar. Para os envolvidos, a escola pode se tornar um território minado. O fenômeno traz grandes preocupações aos psicólogos e pedagogos, pois gera danos à saúde como um todo, principalmente à saúde mental, culminando até mesmo na ocorrência de homicídios e suicídios.

No entanto, a pesquisa realizada por Lippi (2003), concluiu que a violência física sofrida na infância e/ou adolescência não funciona como fator de risco para suicídio, apesar da literatura especializada internacional chegar à conclusão oposta. Na mesma pesquisa, 51% dos entrevistados relataram que a escola e a família são ambientes de discriminação e humilhação, configurando uma violência psicológica. Teoricamente, tanto a família quanto a escola são locais onde afeto e a segurança deveriam se fazer presentes.

Portanto, a pesquisa sobre o fenômeno *bullying* abrange tanto intervenções psicossociais quanto psicopedagógicas.

5.1. O papel da escola

Na visão de Jung (1999), educar exige muito conhecimento didático associado ao conhecimento de valores morais e éticos, além de uma grande capacidade de comunicação, de empatia e de respeito à identidade do outro para poder auxiliar um aluno a construir seu caminho.

Giroux (2000) (citado por Castro, 2002) aponta que professores, administradores e trabalhadores sociais devem educar os jovens no discurso democrático da liberdade e da responsabilidade social. Devem educar para a cidadania e a democracia, fazer nexos entre autoridade e responsabilidade moral. Não devem responder às demandas do comércio, do mercado e nem do individualismo.

Para Masetto, Moran & Behrens (2000), espera-se que a escola possa transmitir valores e padrões de comportamentos sociais próprios da sociedade em que se vive, conservando-se o patrimônio cultural da humanidade e as atitudes sociais esperadas. Para o autor, a tecnologia pode ser um instrumento para colaborar no desenvolvimento do processo de aprendizagem, desde que seja usada adequadamente, para o desenvolvimento educacional dos estudantes. Através da Mediação Pedagógica, o professor se torna um facilitador e incentivador da aprendizagem dialogando de acordo com a atualidade; promovendo a troca de experiências; debatendo dúvidas e problemas; propondo situações-problema, desafios e suas soluções; colocando o estudante diante de questões éticas, sociais e profissionais conflitivas; cooperando para que o estudante use e comande as novas tecnologias para a aprendizagem e não seja comandado por elas. Essa mediação acontece na postura do próprio professor, na forma de tratar um conteúdo, no modo de estabelecer relacionamento entre os alunos, e destes com seu contexto maior.

Para o autor, as técnicas da mediação pedagógica podem ajudar a expressar expectativas ou problemas que estejam afetando o clima entre os alunos e/ou professores ou o desempenho na escola. Podem também quebrar percepções preconceituosas entre os membros da classe, desenvolver empatia ou capacidade de desempenhar os papéis de outros e de analisar situações de conflito a partir não só do próprio ponto de vista, mas também do de outras pessoas envolvidas. Programas anti-*bullying* devem ver as escolas como sistemas dinâmicos e complexos, não podendo ser tratados de maneira uniforme, levando em consideração as características sociais, econômicas e culturais de sua população. O envolvimento de professores, funcionários, pais e alunos é fundamental para o estabelecimento de normas, diretrizes e ações coerentes para tornar o ambiente escolar

seguro e sadio. As ações devem priorizar a conscientização geral e o apoio às vítimas (fazendo com que se sintam protegidas) e a conscientização dos agressores.

O despreparo dos professores ocorre devido ao fato dos cursos de formação darem ênfase a técnicas que apenas os habilita para o ensino de suas disciplinas, negligenciando a necessidade de lidar com o afeto, conflitos e sentimentos dos alunos. Fante (2005) afirma que o aluno abusivo ou violento, assim como aquele que figura como vítima, de igual maneira precisa de cuidados específicos porque também está adoecido e precisa se tratado. Não dar atenção a esse fato também é uma forma omissa de violência.

Para Simmons (2004), um professor pode criar uma cultura de sala de aula que compreenda as várias faces do *bullying*, que se recuse a tolerá-las, que convide os alunos a discuti-las em particular e em público, e busque soluções sempre que possível. É na sala de aula que as crianças e adolescentes podem ser socializados para adquirir consciência de agressões alternativas como atos não assertivos e meios insatisfatórios para expressar sentimentos negativos. Os professores devem estar sintonizados com a linguagem corporal dos alunos. Boa parte dos profissionais da Educação não sabe tratar e distinguir os alunos agressivos dos indisciplinados e violentos, arriscando pseudo-diagnósticos. Por isso, é de suma importância que haja uma maior reflexão sobre esse assunto tão pouco estudado.

A prática da exteriorização (dinâmicas de grupo) é sugerida por Beaudoin (2006) nas escolas, para a compreensão e busca de soluções para os problemas relativos ao *bullying*. Essa prática baseia-se na idéia de que os problemas, assim como os hábitos indesejados, talvez se desenvolvam devido a uma série de circunstâncias da vida, e implica a percepção do problema como algo distinto da personalidade da pessoa. O conceito de exteriorização permite enxergar os problemas separadamente dos indivíduos; não como se fossem deficiências ou fizessem parte da identidade, mas como um resultado da influência

de discursos externos e de histórias problemáticas. Dessa forma, cria-se um espaço onde os alunos vêm-se menos sobrecarregados e inertes, promovendo um meio de ação para agir contra o *bullying*. Eles passam a oferecer resistência e assumir responsabilidades, tornando-se mais conscientes e controlando seu comportamento.

Para a autora, as crianças não têm o mesmo privilégio dos adultos quando o assunto é escapar de identidades problemáticas, pois têm menos poder de determinar sua própria identidade em função de sua idade e sua dependência, e também contam com apenas dois contextos: a casa e a escola. Se uma identidade problemática se manifesta na escola, logo passará para o relacionamento em casa. O único caminho confiável e duradouro para a modificação de um comportamento problemático sério é descobrindo suas próprias soluções relevantes e significativas ao discutir sua experiência com o problema.

Train (1997) sugere que os professores sejam treinados para lidar com crianças difíceis na escola, para que estas não sejam vistas como aborrecimento. Se o comportamento delas fosse visto como preocupação primária e não como questão secundária, seria possível o currículo ser trabalhado num processo mais tranquilo.

A mediação dos conflitos na escola, segundo Chrispino (2006), pode induzir à uma reorientação das relações sociais, à novas formas de cooperação e de solidariedade; induz formas mais maduras, espontâneas e livres de resolver as diferenças pessoais; induz atitudes de tolerância, responsabilidade e iniciativa individual que podem contribuir para uma nova ordem social.

Para o pesquisador, há dois tipos de escolas: aquela que assume a existência do conflito e o transforma em oportunidade de aprendizado, e aquela que nega a existência do conflito e que terá que lidar com manifestações violentas de violência escolar. As escolas que valorizam o conflito e aprendem a trabalhar com essa realidade objetivam ouvir as

diferenças para melhor decidirem; o exercício da explicitação do pensamento é incentivado, objetivando o aprendizado da assertividade e da comunicação eficaz; onde o currículo considera as oportunidades para discutir as alternativas para os diversos exemplos de conflito no campo das idéias, das ideologias e do poder.

5.2 . O papel da família

Simmons (2004) ressalta a necessidade dos pais prestarem mais atenção ao papel que eles próprios representam nas escolhas sociais de seus filhos. Pais eficientes são aqueles que ouvem seus filhos ativamente, perguntam sobre seu dia-a-dia, lhes dão apoio e atendem a seus pedidos. O lar deve ser um lugar onde a criança possa se reabastecer de amor e apoio incondicional para suprir o que está perdendo com as suas dificuldades.

Embora não haja estudos precisos sobre métodos educativos familiares que estimulem o desenvolvimento de vítimas de *bullying*, Lopes Neto (2005) afirma que alguns podem ser identificados como facilitadores:

- a) Proteção excessiva: gera dificuldades para enfrentar os desafios e para se defender;
- b) Tratamento infantilizado: causa desenvolvimento emocional e psíquico aquém do aceito pelo grupo;
- c) Papel de bode expiatório da família: o indivíduo sofre com críticas sistemáticas e é responsabilizado pelas frustrações dos pais.

Da mesma forma, continuando Lopes Neto (2005), algumas condições familiares parecem favorecer o desenvolvimento da agressividade nas crianças, tais como a desestruturação familiar, o relacionamento afetivo pobre, o excesso de tolerância ou de

permissividade e a prática de maus-tratos físicos ou explosões emocionais como forma de afirmação de poder dos pais.

Oliveira & Antônio (2006) reforçam a importância da compreensão da estrutura familiar da criança/adolescente: pais separados, pai ausente, criação pelos avós, mães solteiras, pressões psicológicas, etc., porque o contexto familiar pode estar relacionado à algumas atitudes que caracterizam o *bullying*.

Compartilhando dessa idéia, Nerissa *et al.* (2006), relatam que crianças expostas à violência desde cedo em seus lares, correm um risco maior de repetir esse comportamento negativo com seus pares. Através de suas primeiras experiências com irmãos e cuidadores, as crianças aprendem regras de relacionamento e começam a construir suas visões do mundo. A exposição à violência constante pode fazer com que esse indivíduo entenda que a violência é um método aceitável de resolver conflitos. De acordo com os autores, essas crianças são mais susceptíveis a problemas de saúde, como asma, transtornos gastrointestinais, dores de cabeça, gripes e resfriados, além de um risco elevado de sofrer de stress pós-traumático. Para os pesquisadores, crianças vítimas de abuso físico e sexual são mais propensas a se envolver em casos de *bullying*, e se esse abuso ocorrer durante um longo período de tempo, os problemas emocionais podem ser tornar ainda mais graves.

A família e a escola devem se empenhar em despertar nos indivíduos a empatia, para que possam valorizar os sentimentos que produzem em suas vítimas. Segundo Fante (2005), o binômio escola-família manifestar repúdio às ações negativas, a possibilidade de mudança no comportamento do agressor será significativa.

5.3 – O papel dos psicólogos

Lopes Neto (2005) sugere que a prevenção do *bullying* pode ser obtida com orientações contínuas sobre medidas de proteção a serem adotadas, tanto para o agressor quanto para a vítima. Esta última deve ser orientada a ignorar os apelidos, fazer amizade com colegas não agressivos, evitar locais de maior risco e informar ao professor ou outro funcionário da escola sobre seu sofrimento. O tratamento indicado para o agressor deve orientá-lo para o controle de sua irritabilidade, elaborando uma maneira mais apropriada para expressar sua raiva e frustração. Ele deve se conscientizar da responsabilidade de suas ações e aceitar suas conseqüências. As famílias de ambas as partes devem ser ajudadas a compreender o problema e incentivadas a procurar a escola quando os primeiros sinais de *bullying* forem detectados. O profissional deve elucidar sobre o impacto que o fenômeno pode provocar nas crianças, adolescentes e escolas, além de promover a criação de ambientes onde a amizade, a solidariedade e o respeito sejam valorizados.

Para o autor, os melhores resultados são obtidos através de intervenções precoces que envolvam pais, alunos e educadores, estimulando o diálogo, a criação de pactos de conveniência, o apoio e a criação de elos de confiança e informação. Em hipótese alguma, devem ser admitidas ações violentas.

O contexto familiar onde a criança ou adolescente está inserido deve ser bem compreendido. Ortega Y Gasset (1947) afirmam que é necessário conhecer o indivíduo a partir de sua circunstância existencial, evidenciando-se que os entes em questão vivem em um contexto sociohistórico de circunstâncias adversas. Tais circunstâncias podem ser levadas em consideração como sendo, provavelmente, as causas da violência na escola e em outros ambientes inerentes às suas vidas.

Da mesma forma, José & Coelho (2002) afirmam que indivíduos agressivos e anti-sociais são oriundos de ambientes onde há rejeição dos pais ou parentes, excessiva

tolerância da agressividade, excesso de mimo, falta de supervisão dos pais ou responsáveis, desvios sociais de pais e parentes, brigas de família, uso de punições físicas dolorosas e ameaças.

Para Train (1997), a violência ocorre com mais frequência nas famílias do que em outros contextos. A maior parte dos incidentes não é denunciada porque as crianças, com medo, preferem não denunciar os pais e os maus tratos. As crianças mais frágeis e vulneráveis são as que correm mais riscos diante desse tipo de ambiente.

Parte importante de qualquer trabalho de intervenção é a ação direta. Segundo Train (1997), assim que vítimas e agressores se conscientizarem de que em nossa sociedade não se tolera tal comportamento, o medo da vítima se dissipará e o provocador será liberado de seu papel de controle sem perder prestígio. O mais importante é fazer com que tanto o provocador quanto a vítima saibam que há outra pessoa no controle. Lidar com os dois, com o se ambos fossem vítimas é o ideal, porque ambos necessitam de parâmetros claros para assimilar quem está no controle e precisam saber que existe alguém preocupado com sua situação.

Os limites devem ser claramente traçados sem qualquer forma de discussão. Train (1997) afirma que o estabelecimento de regras firmes e claras, aliada a uma forma agradável de interação com a criança estimulará o senso de responsabilidade dela mesma, diminuindo sua tendência à agressividade.

Para a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência - Abrapia, a implementação de um trabalho para a prevenção e redução do *bullying* deveria ser embasada em três premissas essenciais para a obtenção de resultados positivos:

1. Não existem soluções simples para a resolução do *bullying*. O fenômeno é complexo e variável;

2. Cada escola deve desenvolver suas próprias estratégias e estabelece suas prioridades no combate ao *bullying*;

3. A única maneira de se obter sucesso na redução do *bullying* é a cooperação de todos os envolvidos (alunos, professores, gestores e pais).

A pesquisa realizada por Oliveira & Antônio (2006) concluiu alguns pontos que devem ser levados em consideração diante de um plano de intervenção:

a) A satisfação com a escola e com os professores motiva o aluno à frequência às aulas e favorece seu rendimento escolar;

b) O lazer foi considerado indispensável à saúde mental dos adolescentes;

c) A presença de sonhos e a esperança de um futuro promissor estimula o sério compromisso com os estudos.

Da mesma forma, a pesquisa realizada por Chrispino (2007) chegou a importantes conclusões:

a) O jovem identifica na violência o maior problema da sociedade atual, superando o desemprego;

b) A escola ocupa o segundo lugar entre as instituições necessárias para o desenho de seu futuro, perdendo apenas para a família;

c) Professores e escolas são as “instituições” que encabeçam a lista de confiança com altos índices percentuais;

d) Os jovens, ao contrário do que diz o senso comum, solicitam os limites próprios à juventude;

e) A disciplina rígida, juntamente com criatividade e diálogo, fazem parte da boa escola.

6. METODOLOGIA

Seixas (2005), afirma que a escolha de instrumentos de auto-preenchimento ou resposta por parte dos próprios alunos, englobando escalas, inventários ou questionários podem ser utilizadas nas pesquisas sobre *bullying*. Nesse caso, a caracterização dos alunos ao nível dos seus comportamentos, seja alvo ou autor, é feita tendo por base as suas próprias respostas. No entanto, apresenta dificuldades quando a resposta autêntica não é a considerada socialmente mais desejável. As respostas também podem não ser honestas, uma vez que o objetivo do agressor é permanecer anônimo.

Uma outra opção, continuando Seixas (2005), seria o uso de instrumentos cujo preenchimento é feito pelos pares, agressor e vítima, sendo os colegas os que identificam ou nomeiam os pares que manifestam determinados comportamentos previamente descritos. Segundo a autora, a vantagem de seu uso se deve ao fato de que os pares se encontram mais atentos a quem costuma agredir e ser vitimizado. Os dados recolhidos diminuem a influência de predisposições individuais (pessoais) e aumenta a fidelidade estatística.

Continuando Seixas (2005), a autora afirma que há outras opções metodológicas ao nível da aplicação de instrumentos de auto-preenchimento aos professores, sendo-lhes solicitado que identifiquem ou caracterizem os alunos que melhor se ajustem ao perfil descrito nesses instrumentos. A desvantagem é que a utilização dessa metodologia advém do fato de muitos comportamentos de *bullying* ocorrerem fora da sala de aula, longe dos olhos dos professores. Suas identificações baseiam-se apenas no resultado de sua convivência com os alunos em contextos específicos. Mas podem servir como fonte de informação adicional sobre competências sociais, indicadores de ajustamento social ou outros problemas de comportamento dos alunos.

Nossa pesquisa não fez uso desses instrumentos já desenvolvidos, considerando o fato de que eles não se encontram disponíveis para utilização em pesquisas sobre o tema na realidade brasileira até o momento.

Considerando os aspectos de investigação propostos nos objetivos apresentados, nossa pesquisa não tem a intenção de caracterizar ou diagnosticar os aspectos clínicos dos alunos participantes da mesma, pois trabalhamos com comportamentos indicadores do que a literatura científica considera sobre como o fenômeno *bullying* se apresenta, apesar de termos ainda poucas referências, principalmente na literatura nacional.

Optamos pela pesquisa de tipo Estudo de Casos em função da amostra disponível para a pesquisa. Segundo Bell (1989), o Estudo de Caso tem sido descrito como um termo para um conjunto de métodos de pesquisa cuja principal preocupação é a interação entre fatores e eventos. Para Fidel (1992), esse é um método específico de pesquisa de campo, onde a investigação dos fenômenos acontece à medida em que ocorrem, sem qualquer interferência significativa do pesquisador. Seu objetivo é compreender o evento em estudo e ao mesmo tempo desenvolver teorias mais genéricas a respeito dos aspectos característicos do fenômeno observado.

A sociologia francesa o descreve como uma abordagem monográfica. De acordo com Hamel (1993), seu objetivo é reconstruir e analisar um caso sob a perspectiva sociológica. Como utiliza vários métodos de coleta de dados, parece ser mais apropriado defini-lo como uma abordagem, embora o termo *método de caso* sugira que seja um método.

Hartley (1994) afirma que o estudo de caso consiste em uma investigação detalhada de uma ou mais organizações, ou grupos dentro de uma organização, com vistas a prover uma análise do contexto e dos processos envolvidos no fenômeno em estudo. O fenômeno não está isolado de seu contexto (como nas pesquisas de laboratório), já que o interesse do pesquisador é justamente essa relação entre o fenômeno e seu contexto. A abordagem de estudo de caso não é um método propriamente dito, mas uma estratégia de pesquisa.

De acordo com Goldenberg (2003):

“A passagem do dado para informação é determinada por processos de transferência analítica. Informação se produz a partir de dados analisados de modo adequado, no sentido de que devem ser processados com o objetivo de resolver um problema, responder uma questão ou testar uma hipótese. Informação refere-se sempre a variáveis, resultantes do processamento de dados

produzidos com as observações dos atributos ou propriedades de um dado objeto, que variam para cada caso.” (p.146).

6.1 – Os participantes da pesquisa

Nossa pesquisa foi realizada em 3 escolas particulares da região sul da cidade de Belo Horizonte – MG, que oferecem ensino fundamental e médio. A população amostral para estudo foi de 12 adolescentes, especificamente 4 estudantes de cada escola, sendo 2 do sexo masculino e 2 do sexo feminino, com idades entre 11 e 12 anos, cursando a 5ª. ou 6ª. série do ensino médio.

Os participantes foram selecionados através de uma pré-seleção feita pelos orientadores pedagógicos de cada escola em conjunto com os professores. A equipe pedagógica da escola apresentou características comportamentais dos alunos que mais se aproximam de expressões que nos levassem a suspeitar de atitudes típicas de autores e de alvos do fenômeno *bullying*, a partir das descrições apresentadas pela literatura científica e que se aproximem das queixas dos docentes e da equipe pedagógica das escolas.

Usamos como critérios de inclusão, alunos cujo comportamento se encaixaram na classificação do *bullying* proposta pela ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência), pois segundo Lopes Neto (2005), é necessário que se tenha o cuidado de não rotular os estudantes, evitando que sejam estigmatizados pela comunidade escolar. Para o agressor, adotamos

o termo “autor de *bullying*”; para a vítima, “alvo de *bullying*”; para aqueles que são ao mesmo tempo agressores e vítimas, alvos / autores, e testemunha de *bullying*.

Não foram incluídos entre os participantes, estudantes que apresentaram qualquer nível de comprometimento físico, cognitivo ou qualquer outra patologia que pudesse comprometer o comportamento dos mesmos (ex.: epilepsia, psicoses, usuários de álcool e drogas, e outros).

Para a coleta de dados, utilizamos uma entrevista semi-estruturada para o registro das informações. As entrevistas foram realizadas individualmente, dentro da escola, em ambiente reservado, em cronograma definido anteriormente pela direção ou representante da mesma para que não interferisse no bom andamento do cotidiano escolar. Os horários das entrevistas não coincidiram com os horários das aulas dos estudantes. As entrevistas foram gravadas, transcritas e posteriormente analisadas, sendo seus dados utilizados somente para fins de pesquisa científica, e serão incineradas após 5 anos da realização da mesma.

Segundo Couto & Arnoldi (2006), nas entrevistas semi-estruturadas, as questões devem ser formuladas de forma a permitir que o sujeito discorra e verbalize seus pensamentos, tendências e reflexões sobre temas apresentados. O questionamento é mais profundo e subjetivo, levando a um relacionamento de confiabilidade recíproco, o que facilita a avaliação de crenças, sentimentos, valores, atitudes, razões e motivos acompanhados de fatos e comportamentos. Para as autoras, as questões seguem uma formulação flexível, e a seqüência e as minúcias ficam por conta do discurso dos sujeitos e da dinâmica que acontece naturalmente.

Os participantes dessa pesquisa serão protegidos através de sigilo absoluto, não sendo o aluno exposto a qualquer risco de que sua identidade seja divulgada.

Através de um *rapport*, partimos de perguntas norteadoras que visaram facilitar ao adolescente verbalizar se já sofreu algum tipo de rejeição ou se foi alvo de “chacota”, de escárnios de colegas, e também a maneira como ele se relaciona com tais indivíduos e com a sua família. Esta forma de coleta facilitou a exploração das experiências e dos sentimentos vivenciados pelos adolescentes, e propiciou um campo rico para analisar as percepções e subjetividade.

Instrumentos e materiais utilizados:

- a) Carta de solicitação aos diretores das escolas pesquisadas para obtenção da autorização dos mesmos (Apêndice 1).
- b) Carta de solicitação aos professores dos alunos definidos para a amostra das escolas pesquisadas para obtenção da autorização dos mesmos (Apêndice 2).
- c) Carta de solicitação aos pais dos alunos entrevistados para obtenção da autorização dos mesmos (Apêndice 3).
- d) Análise da ficha de identificação dos alunos junto à equipe de “coordenação pedagógica”, a partir de autorizações assinadas pelos pais (Apêndice 4).

Tivemos como proposta de análise os conteúdos encontrados nas fichas de identificação e saúde dos alunos participantes da pesquisa, os dados coletados nas entrevistas com os professores, pais e alunos. Dentro de uma perspectiva de uma análise quantitativa através da metodologia de análise de conteúdos por categorias

descrito por Bardin (1979) e por utilização de estatística descritiva, com o objetivo de quantificar os resultados relativos a frequência dos dados apresentados.

6.2. Tratamento estatístico dos dados

O tratamento estatístico dos dados foi feito usando regra de três simples.

7. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante as visitas às escolas para realizar as entrevistas, percebemos que a aceitação da pesquisa pelos alunos selecionados foi de 100%. No entanto, a aceitação superou a expectativa numérica, porque outros alunos, que não os escolhidos pela equipe pedagógica, pediram para participar também porque tinham muitos fatos para relatar sobre o problema da violência na escola. Esses alunos foram ouvidos pela pesquisadora, mas seus dados não foram inseridos nessa pesquisa.

Percebemos as mais diversas reações entre os alunos durante as entrevistas. Em alguns casos, os estudantes ficaram com os olhos marejados ao relatar seus problemas, alguns ficaram um pouco exaltados e demonstraram raiva diante dos acontecimentos relatados. No geral, podemos afirmar que os alunos utilizaram a entrevista como uma forma de desabafo.

7.1 – Transcrição das entrevistas

ESCOLA 1:

1.1 - Sexo Feminino, 11 anos, 5ª.série

01. “Como é o ambiente da sua escola?”

Bom, mas às vezes ocorrem piadinhas entre os alunos.

02. “Como é o relacionamento entre seus colegas?”

É bom, mas acontecem brigas, coisas de apelidos, aí começa: “ô fulano de tal...”, aí às vezes muitas pessoas vão reclamar com a Edna, mas só que ela fala que é bobagem, que não sei o quê, que agiu sem querer, que foi sem pensar, e nunca resolve nada.

03. “Alguns alunos dizem que as provocações, a raiva ou a irritação atrapalham o divertimento deles no recreio. Isso acontece com alguém ou com você na sua turma?”

Olha, comigo já aconteceu, mas não está acontecendo mais não. Mas muitas vezes eu vejo coisas que começaram em casa, pela Internet, pelo MSN, Orkut, brigas que agridem o aluno. No recreio, muitas vezes, amigas minhas, muitas vezes a gente tá bem uma com a outra, aí começa a brigar por causa de uma outra pessoa, sendo que eu não fiz nada. Isso é uma coisa muito ruim, só que eu não fiz nada. Isso antes acontecia, agora não está acontecendo mais não.

04. “Você já foi vítima de algum tipo de agressão ou provocação por parte de algum colega? Explique como foi isso.”

Olha, provocação nunca teve comigo não, porque isso acontece muito mais com meninos e tal. Só que muitas vezes já me apelidaram. No recreio muitas vezes a gente fica jogando vôlei. A quadra é das meninas, mas aí os meninos vão e entram. Muitas meninas não gostam porque os meninos jogam a bola forte. Uma vez, a gente tava jogando basquete, aí os meninos entraram. Um menino foi e mandou a bola de basquete na minha cabeça. Aí eu fui reclamar, só que nunca fazem nada. Aí minha mãe falou comigo pra deixar isso pra lá, não se preocupa, porque a Edna não vai resolver nada. Aí a Edna sempre fala: “foi acidente, tal, tal, tal”. É isso, mas nunca teve uma provocação pra eu reagir. De briga nunca teve, só que discuti, bate boca já teve. Muitas vezes os colegas me apelidam, aí eu faço a mesma coisa: como é que ela tem direito de me xingar e eu não? Eu penso desse jeito. Me sinto no direito de fazer isso.

05. “Que influência isso teve na sua vida?”

Teve influência ruim, porque agressão, coisas assim, não são boas pro dia-a-dia na escola. Isso só leva a perda de amigos, a brigas. Mas isso não está acontecendo mais não.

06. “Você já provocou, ameaçou ou agrediu algum colega seu? Explique como foi isso.”

Não, nunca agredi não, por isso não tenho nada a falar.

07. “Que influência isso teve na sua vida?”

Não.

08. “O professor (a) vê quando isso está acontecendo? Por quê ou por quê não? Como o professor (a) reage?”

Bom, sempre quando acontece brigas, mas não comigo, porque eu nunca briguei assim, só sou de falar muito. Muitas vezes acontecem brigas entre colegas , até de outras turmas, mas ele não fazem na vista de algum professor porque sabem que vai complicar pra eles.

09. “Você já viu alguém ser vítima de algum tipo de agressão, alvo de fofocas, humilhações ou provocações? Que atitude tomou?”

Bom, quando eu vejo isso, eu não tenho muitas coisas a tomar, eu não posso reagir porque a coisa não é comigo, e se eu reagir aí que vai ficar mal pra mim. Na minha sala tem uma menina que é meio moreninha, chega até a ser negra. As pessoas ficam judiando dela, falando assim: “Nossa, é impressão minha ou você está mais branquinha?”. Ficam judiando mesmo, e ela fica chateada. Muitas vezes fofocam dela, falam que: “Nossa, olha só como ela tá!”. Muitas vezes falam de outras pessoas também, mas só que é com ela que eu vejo mais intriga mesmo. Não deixam ela brincar, falam que ela é muito ruim. Tem a questão do racismo e do preconceito, né? Tem vezes em que os professores vêem isso na

sala, só que eles falam: “Ô num sei o quê! Não fala isso não!” Eles não mandam pra fora de sala, só falam que não pode falar assim.

10. Em quais locais você acha que essas agressões acontecem com mais frequência?”

Não sei, mas provavelmente deve ser no MSN, Orkut, essas coisas. Uma vez, uma garota que estudou comigo até na 4ª. Série mudou de cidade. Ela foi pra cidade de Varginha. No MSN ela me perguntou: “E aí, tudo bem?” E eu disse que sim, e ela me perguntou: “Você é amiga da Maria Clara?” E eu falei: “Sou sim, por quê?” E ela falou: “Não é por nada não, é porque ela é só minha amiga, não sei o quê”. Aí acontece assim, tem uma pessoa que faz tempo que eu não vejo, começa a brigar de uma hora pra outra por causa de amigas e tal. As agressões acontecem mais na hora do recreio, por causa que em vista do professor eles não têm coragem, não gostam de fazer isso.

11. “Você conversa com algum adulto quando você está com raiva da escola ou triste com ela?”

Sim, muitas vezes eu converso com meus pais ou até mesmo com minha irmã que tem 18 anos e já é maior de idade. Muitas vezes, igual hoje, a gente tava brincando lá fora depois da prova, porque essa semana é só fazer prova e ir embora. Aí a gente tava jogando “Pare-bola”, e não sei quem isolou a bolinha, aí o Pedro foi pegar porque caiu na rua, aí foi o Paulo pegar, e era a minha bolinha . Eu acho isso muita injustiça.

12. “ Quando as meninas querem ser más na sala, o que elas fazem?”

As meninas são como uma família unida: se brigou, uma tenta ajudar a outra, não tem como brigar. Acho que isso acontece mais com menino mesmo, as meninas se unem. Elas tentam ajudar a outra, vamos deixar isso pra lá, uma perdoa a outra. É assim lá na sala.

13. “As amigas podem ser más umas com as outras? Como?E os homens?”

Sim, muitas vezes agridem. De uma hora pra outra elas começam a falar assim: “nossa, que não sei o quê”. Aí começa uma briga. Muitas vezes acontece na casa delas, deve ser, e elas discontam a raiva. Elas começam a fazer piadinha, debochando, elas falam que a gente tá errada, que não quer mais ser sua amiga. Eu percebo que as meninas conversam mais, e os meninos agridem uns aos outros, às vezes.

14. “Você sabe o que é bullying?”

Não sei, nunca ouvi falar.

15. “Quais os efeitos do bullying sobre você?”

Bom... acho que não tem nenhum... nenhum. Não teve nenhum efeito porque as meninas e os meninos que estavam envolvidos, a gente ficou amigo de novo. A gente brinca até hoje.

16. “Na sua escola existe algum programa antibullying?”

Não, só você que ta conversando sobre isso hoje.

1.2 - Sexo Feminino, 12 anos, 6ª. série

01. “Como é o ambiente da sua escola?”

Muito ruim, os meninos parecem que têm preconceito com a gente, sei lá. Ficam falando que a gente é pobre, ficam enchendo o saco da gente. Isso é assim desde o ano passado, quando entrei pra escola.

02. “Como é o relacionamento entre seus colegas?”

Com as minhas colegas da sala é bom, se eu fico com elas. Mas os outros é ruim, tipo assim, eles ficam humilhando a gente, chamam a gente de feia, de gorda, ficam enchendo o saco. Eu fico magoada.

03. “Alguns alunos dizem que as provocações, a raiva ou a irritação atrapalham o divertimento deles no recreio. Isso acontece com alguém ou com você na sua turma?”

Não, mas com um menino da minha turma isso acontece. Os meninos ficam chamando ele de “banhão”. Ele chega e os meninos começam a xingar ele... a gente vê isso. No recreio ninguém me xinga, eu fico só com minhas amigas no recreio, no totó. E no totó ninguém me xinga, a gente fica lá normal brincando com a turma.

04. “Você já foi vítima de algum tipo de agressão ou provocação por parte de algum colega? Explique como foi isso.”

Agressão não, mas provocação já. Ano passado... eu não lembro... esse ano... eles ficam falando que eu sou feia, que meu cabelo... ah... me enchem o saco. Os meninos principalmente. Tinha um menino que chegava e começava a fazer um desenho de um porquinho e dizia que era eu, colocava um vestidinho e mostrava pra sala inteira. Tinha um menino que já saiu da escola que ficava me enchendo o saco por causa dos meus

peitos. Ele falava que eu tinha “peitinho de punheta”, falou isso pra mim, pra sala toda e pra escola toda.

05. “*Que influência isso teve na sua vida?*”

Sei lá, foi ruim. Eu ficava chorando. Uma vez chorei até na sala. Ficava ruim, achava que era verdade. Minhas colegas me levavam no banheiro, falavam para eu não me importar... mas eles mesmos falavam isso.

06. “*Você já provocou, ameaçou ou agrediu algum colega seu? Explique como foi isso.*”

Não, mas eu já tive muitas idéias. Já tive vontade de levar um potinho de creme pra escola e jogar no material delas.

07. “*Que influência isso teve na sua vida?*”

Eu ficava magoada e achava que era verdade.

08. “*O professor (a) vê quando isso está acontecendo? Por quê ou por quê não? Como o professor (a) reage?*”

Tem uns que vêem. Teve uma vez que a professora viu e pediu pra parar. Ela me mandou ir pro banheiro. Ela conversou comigo na aula mesmo, depois que eu tava mais calma, lá trás. Falou, deu conselhos. Quando é a outra professora, ela pede pra parar, mas eles continuam. Tem uns que pedem pra parar e eles continuam.

09. “*Você já viu alguém ser vítima de algum tipo de agressão, alvo de fofocas, humilhações ou provocações? Que atitude tomou?*”

Já vi, mas não fiz nada, fiquei lá. Já vi os meninos xingando 2 colegas meus. Tinha um que no ano passado era tipo eu, só ficava levando humilhação. Se eu fizesse alguma coisa, eles iam fazer alguma coisa comigo também, iam me encher o saco.

10. Em quais locais você acha que essas agressões acontecem com mais frequência?”

Nas escolas... em todos os lugares.

11. “Você conversa com algum adulto quando você está com raiva da escola ou triste com ela?”

Não. Só falo com meu pai que quero sair no ano que vem. Também não estou conseguindo aprender aqui, estou muito ruim nas matérias. Nunca conversei sobre as coisas que acontecem comigo... não quero conversar.

12. “Quando as meninas querem ser más na sala, o que elas fazem?”

Ficam querendo aparecer pro professor, tipo ficar fazendo gracinha, ficam enchendo o saco... “Por quê você não faz chapinha no cabelo?”... “Esse cabelo aí...” Gostam de ficar enchendo o saco na aula.

13. “As amigas podem ser más umas com as outras? Como?E os homens?”

Não sei, às vezes elas brigam, mas voltam comigo. Todo mundo é normal, mas às vezes brigam. Às vezes brigam por causa de uma coisinha boba, mas no outro dia já estão numa boa. Costumam brigar porque uma ta andando demais com a outra e se sentem sozinhas. A maioria das vezes é por ciúme. Os meninos ficam excluindo, falando dos defeitos dos outros, brigam de bater.

14. “Você sabe o que é bullying?”

Sei, a professora deu isso, tem isso no livro de redação. É tipo chantagem. É quando os meninos chegam e pedem o seu dinheiro, senão vão te bater. É tipo agressão verbal e física.

15. “Quais os efeitos do bullying sobre você?”

Eu fico triste, sei lá. Às vezes até faço o que eles querem, para eles parar. Por isso vou sair da escola.

16. “Na sua escola existe algum programa antibullying?”

Não, não sei de nada não. Só aprendi isso no livro de Redação.

1.3 – Sexo masculino, 12 anos, 6ª. Série**01. “Como é o ambiente da sua escola?”**

A escola é boa, tem um espaço bom pra gente brincar, biblioteca. Os professores são ótimos.

02. “Como é o relacionamento entre seus colegas?”

Olha, quando tem trabalho em grupo, sempre tem discussão. Eles colocam apelido, coisa que eu não gosto. Há alguns colegas com eu tenho bom relacionamento, outros mais ou menos, e outros com quem eu sou afastado. Mas tenho bons relacionamentos.

03. “Alguns alunos dizem que as provocações, a raiva ou a irritação atrapalham o divertimento deles no recreio. Isso acontece com alguém ou com você na sua turma?”

No ano passado, tinha um menino que tava me irritando muito. Aí eu bati nele e a turma me excluiu. Quando eu chegava pra brincar, eles ficavam fazendo piadas, ficavam me chamando de “assassino”. Tem um colega meu que brigou um dia aqui e passou a ser excluído, ninguém gosta de chegar perto dele. Parece que às vezes ele quer ser mais chato pra ninguém chegar perto dele, pra criar inimizade. A gente tenta ajudar ele, mas ele não quer.

04. “Você já foi vítima de algum tipo de agressão ou provocação por parte de algum colega? Explique como foi isso.”

Sim, mas agressão de bater não. Quando eu era pequeno eu já apanhei. Na primeira vez que eu briguei aqui, eles ficavam me irritando, botando apelidos em mim que eu não gostava. Aí eu simplesmente bati nele. Na segunda vez, na hora do recreio, a gente saía e fechava a porta do corredor. Então eu não vi e fechei a porta no dedo do menino. Mas foi sem querer. Não tinha por que ser por querer porque minha situação já estava ruim com os colegas, e ficar arrumando mais inimizade... aí o povo começou a me chamar de “assassino”, e começou tudo de novo. Eles falam pra eu ficar quieto e não falar nada. Teve um dia que eles colocaram um bilhete na minha mesa dizendo besteiras, me xingando, aí eu mostrei o bilhete pra coordenação, que levou pra orientação. Eles

chamaram os alunos, e tivemos uma longa conversa. Eles falaram que uns tavam criando inimizade, que outros só atrapalhavam, só causavam briga. Depois disso, não tive mais problema.

05. “*Que influência isso teve na sua vida?*”

Muitas pessoas não quiseram conversar mais comigo, me colocavam apelidos, me chamavam de assassino. Eu levei 1 dia de suspensão.

06. “*Você já provocou, ameaçou ou agrediu algum colega seu? Explique como foi isso.*”

Eu só ameacei contar pra coordenação, falei: “Pára senão vai pesar pro seu lado”. Às vezes a gente fica tão nervoso que faz coisas que nem imagina que possa fazer. Por isso eu bati no menino. Ele ficou com um roxão. Eu bati só em um menino. Da outra vez foi sem querer, eu prendi o dedo dele.

07. “*Que influência isso teve na sua vida?*”

Minhas amizades ficaram distantes. Mas hoje estamos amigos.

08. “*O professor (a) vê quando isso está acontecendo? Por quê ou por quê não? Como o professor (a) reage?*”

Eles chamam o disciplinário do corredor, fazem reclamação, levam a gente pra coordenação. Tem uns que dão bilhetes pra levar pra casa. Mas eles procuram conversar com a gente. Normalmente eles chamam o disciplinário do corredor.

09. “Você já viu alguém ser vítima de algum tipo de agressão, alvo de fofocas, humilhações ou provocações? Que atitude tomou?”

Olha, na sala, esse ano, teve um menino que sofreu isso. Mas ele criava muitos problemas pra ele mesmo. A gente falava: “Pára menino, pára!”. Mas ele continuava criando problema. Ele irritava a gente, as pessoas ficavam nervosas com ele. Esse menino hoje deu uma melhorada, mas ainda tá muito chato e ainda é excluído.

10. Em quais locais você acha que essas agressões acontecem com mais frequência?”

Na sala de aula. Agressão verbal acontece na sala, nos intervalos de aula e no recreio. Uma vez eu vi uma agressão de bater na sala de aula. A professora levou os meninos pra orientação e no mesmo dia foram suspensos e mandados pra casa.

11. “Você conversa com algum adulto quando você está com raiva da escola ou triste com ela?”

Sim, converso com meus pais e com a escola. Eu converso o que eu acho que está acontecendo, tá acontecendo isso na escola... eu falo o que acho dos professores. Mas acho que a escola está melhorando muito.

12. “Quando as meninas querem ser más na sala, o que elas fazem?”

Elas gritam com a gente, dão tapa. Falam, fazem ameaças.

13. “As amigas podem ser más umas com as outras? Como?E os homens?”

Ah, não sei direito... das meninas. Dos meninos, tento ser amigo de todo mundo. Mas rola socos. Isso tá errado porque ninguém tem direito de encostar em ninguém.

14. “Você sabe o que é bullying?”

Eu vi isso no nosso livro texto, relatando o que é bullying. É quando a gente coloca apelido nas pessoas, bate nas pessoas, ameaça as pessoas.

15. “Quais os efeitos do bullying sobre você?”

Eu fiquei distante dos colegas, eles me colocaram apelidos, me chamavam de gordinho, de assassino. Mas a coordenação da escola me ajudou muito. Hoje eu só tenho pequenos atritos, coisa boba, tenho muitos amigos. Gente que era distante de mim, hoje eu converso.

16. “Na sua escola existe algum programa antibullying?”

Não sei se pode ser, mas tem um professor que mostra vídeos falando disso, do preconceito, de discriminação. Mas projeto na escola não. Tem uns textos.

1.4 – Sexo Masculino, 12 anos, 6ª.série**01. “Como é o ambiente da sua escola?”**

Retrata muito a questão social: algumas pessoas se acham engraçadas ridicularizando as pessoas pelas características físicas.

02. “Como é o relacionamento entre seus colegas?”

Alguns colegas acham legal ajudar as outras pessoas, já outros costumam ir na onda...

03. “Alguns alunos dizem que as provocações, a raiva ou a irritação atrapalham o divertimento deles no recreio. Isso acontece com alguém ou com você na sua turma?”

Acontece comigo às vezes, só que eu costumo relevar. Já aconteceu de me chamarem de vários apelidos. Mas eu relevei e esfreguei na cara deles que eu passei de ano e eles não.

04. “Você já foi vítima de algum tipo de agressão ou provocação por parte de algum colega? Explique como foi isso.”

Alguns colegas passaram a me zoar por causa do meu nariz. Dá pra ver que ele é meio de turco. E aí eles começaram a me chamar de “Mohammed”, que é um nome árabe, nem turco é. Isso acontecia na sala e no corredor também. Eles falavam isso, espalhavam boatos meus... Teve também uma agressão física, quando um colega meu brigou comigo dentro da sala.

05. “Que influência isso teve na sua vida?”

Bom, eu relevava isso, mas depois de um tempo eu passei a levar isso pra diretoria. Aconteceu que esses alunos foram chamados na diretoria e levaram advertências.

06. “Você já provocou, ameaçou ou agrediu algum colega seu? Explique como foi isso.”

Não, eu sou mais passivo. Sou contra esse tipo de agressão. Não é justo você caracterizar outra pessoa só porque ela é diferente de você.

07. “Que influência isso teve na sua vida?”

Nada.

08. “O professor (a) vê quando isso está acontecendo? Por quê ou por quê não? Como o professor (a) reage?”

O professor reage advertindo os alunos, e até mesmo dando advertências por escrito, para os pais. Mas muitas vezes os alunos continuam.

09. “Você já viu alguém ser vítima de algum tipo de agressão, alvo de fofocas, humilhações ou provocações? Que atitude tomou?”

O Daniel era um pouquinho menor que a gente. Ele tem 1,85 (...risos...). Aí começaram a chamar ele de “Zé Pequeno”, “Tampinha”, “Baixinho”, essas coisas. Eu não deixei, defendi o Daniel. Eles ficavam chamando e fazendo assim ó (mostra com a mão as diferenças de tamanho), “Olha só o meu tamanho e olha o seu...”, medindo com a mão. Ele ficava quieto, mas às vezes apelava. Eu falava pra eles pararem, e como não pararam eu tive que encaminhar à Edna. Eles chamavam a gente de “Dupla Sertaneja: o Gordinho e o Pequeninho”. Teve um caso lá na escola uma vez, de um menino que eles falavam que era muito gordo. Teve um amigo oculto no fim do ano, e o amigo oculto dele só deu chocolate diet, tudo diet, uma cesta cheia de coisas diet. E tinha um cartão escrito: “Para o meu amigo gordinho”. O menino ficou triste e acabou enfiando o chocolate na cara do outro. Dessa vez eu não me corrompi e nem fui pra guerra: eu me omiti. Porque ia sobrar pra mim, eu vi que ia sobrar pra mim. Essas pessoas que fazem o bullying não podem falar nada, porque também têm defeito. Isso não é justo, prejudicar especificamente uma pessoa.

10. Em quais locais você acha que essas agressões acontecem com mais frequência?”

Bem... nos corredores que ligam a todas as salas. É onde tem mais chance de correr a informação.

11. “Você conversa com algum adulto quando você está com raiva da escola ou triste com ela?”

Muitas vezes eu converso com meu pai. Muitas vezes, ele é meu “colega de escola”, como pode-se dizer. Ele também faz curso, faz Mestrado em Geoprocessamento. Recentemente eu falei pra ele que eles continuavam me chamando do apelido e aí ele falou: “Já basta. Ou você fala pra Edna ou eu vou dar um jeito por mim mesmo”.

12. “Quando as meninas querem ser más na sala, o que elas fazem?”

No geral elas não fazem nada comigo não, elas são legais. Mas elas fazem agressões verbais, tipo, chamam na conversa... coisas do gênero.

13. “As amigas podem ser más umas com as outras? Como?E os homens?”

Sinceramente, eu nem desconfio. Pode ser só fachada, mas a impressão que eu tenho é que são só amigas. Os meninos gostam de bater no pé da orelha da pessoa, dar tapas, essas coisas assim.

14. “Você sabe o que é bullying?”

Sei. É agredir um menino com perseguições, insultos e diversas outras formas de agressões verbais e físicas. Eu vi isso num livro de português. Na quarta série eu também aprendi sobre isso na minha outra escola.

15. “Quais os efeitos do bullying sobre você?”

Eu fico meio chateado, mas eu dou um jeito. Eu jogo com meus amigos em rede fechada, a gente tem um jogo e fechamos a rede, jogamos junto.

16. “Na sua escola existe algum programa antibullying?”

Não. Infelizmente não.

ESCOLA 2

2. 1 – Sexo Feminino, 12 anos, 6ª.série

01. “Como é o ambiente da sua escola?”

Quase todo mundo conhece quase todo mundo, todo mundo sabe de várias coisas, todo mundo se reúne no pátio.

02. “Como é o relacionamento entre seus colegas?”

A gente conversa muito, mas alguns são um pouco afastados que nem são tão amigos.

03. “Alguns alunos dizem que as provocações, a raiva ou a irritação atrapalham o divertimento deles no recreio. Isso acontece com alguém ou com você na sua turma?”

Comigo não acontece não, mas acontece com alguns colegas meus que jogam futebol. A gente fica só vendo. Tem uns que se irritam porque não fazem gol, ou atrapalham na jogada e atrapalham todos os outros.

04. “Você já foi vítima de algum tipo de agressão ou provocação por parte de algum colega? Explique como foi isso.”

Colocaram apelido em mim uma vez, mas eu pedi pra parar eles pararam.

05. “*Que influência isso teve na sua vida?*”

Eu fiquei um pouco triste porque não gostei do apelido que me colocaram, mas quando pedi pra parar, eles entenderam e pararam.

06. “*Você já provocou, ameaçou ou agrediu algum colega seu? Explique como foi isso.*”

Não, nunca provoquei ninguém. Já discuti porque me desentendi com alguém.

07. “*Que influência isso teve na sua vida?*”

Acho que nenhuma.

08. “*O professor (a) vê quando isso está acontecendo? Por quê ou por quê não? Como o professor (a) reage?*”

Muitas vezes eles não vêem, por exemplo, tem um colega meu que é o mais popular e gosta de isolar as pessoas, e isso os professores não vêem. Mas já aconteceu deles verem e separá-lo, não deixando sentar um do lado do outro. Acho que os professores deviam dar uma punição pra eles e depois conversar. Conversar para mostrar que se fosse com ele, ele não iria gostar.

09. “*Você já viu alguém ser vítima de algum tipo de agressão, alvo de fofocas, humilhações ou provocações? Que atitude tomou?*”

Já vi agressão. Eles tavam batendo não pra doer muito, mas pra machucar. Eu achei muito ruim, porque eles deviam conversar antes pro menino não sofrer. Eu estava dentro da sala. Eu já vi também gente espalhar muitos boatos, tipo que uma menina ta namorando um

menino, de brincadeira. Já vi também colocar muitos apelidos. Mas sempre que contam pra coordenadora não acontece nada.

10. Em quais locais você acha que essas agressões acontecem com mais frequência?”

No recreio, durante os jogos e na sala de aula. Mas eu acho que na sala é mais comum, porque sempre tem um que erra e o outro que fica gozando, aí eles apelam.

11. “Você conversa com algum adulto quando você está com raiva da escola ou triste com ela?”

Com meus pais. Quando eu não gosto de alguma coisa, eu converso com a minha mãe. Se a minha mãe fala que prefere que eu converse com alguém da escola eu converso e falo o que está acontecendo. Há pouco tempo conversei com uma pessoa da escola por causa de um professor, eu não estava gostando do que ele estava fazendo, só isso.

12. “Quando as meninas querem ser más na sala, o que elas fazem?”

Na minha sala nós somos mais amigas, uma não quer envergonhar a outra. Mas acho que elas podem falar o segredo da pessoa com as outras para ficar ofendida.

13. “As amigas podem ser más umas com as outras? Como?E os homens?”

Tem um grupinho da minha sala que não isola as outras, as mais amigas. Mas quando a gente ta com raiva de alguém do nosso grupo, a gente fala com as outras meninas o que aconteceu pra elas ficarem do nosso lado ou a gente fala com a pessoa que não gostou da brincadeira e fala coisa ruim dela. Na sala, o principal assunto é o futebol. Então eles decidem que fulano hoje não vai jogar futebol, se houve alguma briga. Os meninos mais

populares acham que ninguém pode fazer nada com eles, então eles fazem o que querem dentro da sala. Tem briga de menino com menina também.

14. “Você sabe o que é bullying?”

A gente teve um texto na aula de Português falando sobre isso. É quando a pessoa discrimina a outra, bota apelidos, xinga, isola a pessoa. Ofende a pessoa de modo geral.

15. “Quais os efeitos do bullying sobre você?”

Eu fiquei triste, como eu te falei. Mas como eram minhas amigas e eu conversei com elas, elas viram que eu não gostavam e pararam. Eles me entenderam.

16. “Na sua escola existe algum programa antibullying?”

Não, que eu saiba não. Na minha sala, os menos excluídos são muito maltratados, tem muitos apelidos, xingamentos...

2.2 – Sexo Feminino, 12 anos, 6ª. série

01. “Como é o ambiente da sua escola?”

Agradável e na maioria das vezes as pessoas não brigam muito. Mas tem muita gente que fala mal um do outro.

02. “Como é o relacionamento entre seus colegas?”

Tem muita zoeira, conflitos, mas em geral não são muito briguentos.

03. “Alguns alunos dizem que as provocações, a raiva ou a irritação atrapalham o divertimento deles no recreio. Isso acontece com alguém ou com você na sua turma?”

Comigo não, mas na minha turma acho que pode. Tem um colega meu que o pessoal fala muito dele, zoam, porque ele é meio Nerd. Ele passa o recreio inteiro sozinho e já chegou até a chorar.

04. “Você já foi vítima de algum tipo de agressão ou provocação por parte de algum colega? Explique como foi isso.”

Não, sempre me dei bem com todo mundo. Mas às vezes me sinto isolada pelas minhas colegas quando eu brigo com alguma delas. De vez em quando também percebo que estão falando mal de mim.

05. “Que influência isso teve na sua vida?”

Não foi nada bom, mas eu tentei voltar a conversar com elas o mais rápido possível.

06. “Você já provocou, ameaçou ou agrediu algum colega seu? Explique como foi isso.”

Que eu me lembre não, mas pode ser que em alguma briga eu possa ter falado algo com quem tava me provocando. Às vezes falo demais, algo que não devo. Eu falava muito mal de uma colega e a chamava de Nerd só porque ela tirava as melhores notas da sala.

07. “Que influência isso teve na sua vida?”

Às vezes as pessoas se afastam por um tempo.

08. “O professor (a) vê quando isso está acontecendo? Por quê ou por quê não? Como o professor (a) reage?”

Nem sempre eles fazem alguma coisa. Quando um aluno está xingando alguém ou fazendo uma brincadeira de mau-gosto, às vezes eles falam: “Pára, fulano!”. Mas muitas vezes não adianta nada, porque as pessoas são insistentes. Só quando vai num nível máximo é que podem mandar pra fora de sala, é muito raro.

09. “Você já viu alguém ser vítima de algum tipo de agressão, alvo de fofocas, humilhações ou provocações? Que atitude tomou?”

Já, o colega que contei antes. Às vezes entro no meio, digo que ele não fez nada pros outros, ele acaba sendo cobaia dos meninos. Eu sempre falo pra eles pararem, e às vezes eles param. Acho que eles podem ter inveja dele, porque quando o professor pergunta algo pra ele, ele tem as palavras certinhas, ele tira nota boa, chamam de Nerd. Já vi gente ser xingada no Orkut. Tinha um colega meu que aprontava muito e todo mundo chamava ele de E.T. e ele ficava revoltado. De tanto isso acontecer, ele passou a partir pra agressão sem precisar de alguém provocar ele.

10. Em quais locais você acha que essas agressões acontecem com mais frequência?”

Na sala de aula e no pátio, mas acho mais freqüente dentro da sala.

11. “Você conversa com algum adulto quando você está com raiva da escola ou triste com ela?”

Converso com a minha mãe. Tem algumas coisas que eu não concordo e eu falo com ela. Dependendo ela até liga pra diretoria. Vejo muitas injustiças aqui.

12. “Quando as meninas querem ser más na sala, o que elas fazem?”

Nas meninas geralmente o alvo é a fofoca. Na minha turma isso não acontece muito.

13. “As amigas podem ser más umas com as outras? Como? E os homens?”

Se uma amiga tem uma atitude que ninguém concorda, a gente começa a falar dela e ela fica excluída. Isso já aconteceu várias vezes, principalmente no recreio. Tem uma colega que a gente fala muito dela, mas ela dá motivo. Aí a gente acaba sem querer excluindo ela, mas a gente percebe que tá fazendo sacanagem e fazemos as pazes. Os homens também colocam apelidos, às vezes até batem, partem mais pra agressão do que pra fofoca.

14. “Você sabe o que é bullying?”

Sei. É o preconceito. É você falar mal de uma pessoa, de agredir fisicamente ou oralmente uma pessoa. Nas aulas de Português, há uns 3 meses atrás, a professora falou nisso e trabalhamos umas 4 aulas só com esse tema. Fizemos redações, exercícios e lemos um texto de 2 ou 3 páginas.

15. “Quais os efeitos do bullying sobre você?”

Eu me sinto arrependida de ficar falando dos outros pelas costas. Não acho certo fazer essas agressões.

16. “Na sua escola existe algum programa antibullying?”

Que eu saiba não. Só nas aulas.

2.3 – Sexo Masculino, 12 anos, 6ª. série

01. “Como é o ambiente da sua escola?”

Ambiente agradável, tem poucas brigas, todo mundo é amigo de todo mundo, tudo tranquilo.

02. “Como é o relacionamento entre seus colegas?”

É bom, mas tem briga também, um zoa o outro, incomoda, faz brincadeiras de mau gosto.

03. “Alguns alunos dizem que as provocações, a raiva ou a irritação atrapalham o divertimento deles no recreio. Isso acontece com alguém ou com você na sua turma?”

Comigo isso não acontece porque eu tô sempre com a minha turma, com os meus amigos, a gente se diverte. Mas pode ser que isso acontece com alguém, mas não que eu saiba.

04. “Você já foi vítima de algum tipo de agressão ou provocação por parte de algum colega? Explique como foi isso.”

Costumo mais ou menos, porque minha mãe é professora, aí qualquer coisa eles falam “Filho de professora é assim mesmo!”, “Eu não posso fazer isso com a professora, mas você pode!”. Não é que eu possa, mas só porque eu sou filho de professora a provocação é maior, é pior ainda. Eu já me envolvi em briga aqui porque um menino me irritou e me provocou, e eu achei ruim. Eu revidei, ele encheu o saco e eu bati, enchi a mão na cara dele. Aí ele revidou e apanhou mais. Eles me provocam por causa do meu cabelo, mas minhas espinhas.

05. “*Que influência isso teve na sua vida?*”

Eu tenho que aprender que não tem que resolver essas coisas de uma forma antecipada, tem que conversar primeiro antes de partir pra violência.

06. “*Você já provocou, ameaçou ou agrediu algum colega seu? Explique como foi isso.*”

Não, provocação nunca. Já briguei pra me defender.

07. “*Que influência isso teve na sua vida?*”

Fiquei com a culpa pesada de ter batido no menino,brigado. Depois outros meninos vão querer me bater por causa de briga.

08. “*O professor (a) vê quando isso está acontecendo? Por quê ou por quê não? Como o professor (a) reage?*”

Ele vê, principalmente quando está em sala e tem alguma discussão. Quando está no pátio, não tem como ele ver. Quando ele vê ele separa os meninos, dependendo ele manda o que tá provocando pra fora de sala. Ele procura tomar a providência certa, ou tira de sala, ou procura o orientador pra resolver o problema da melhor forma possível.

09. “*Você já viu alguém ser vítima de algum tipo de agressão, alvo de fofocas, humilhações ou provocações? Que atitude tomou?*”

Já, várias vezes. Os meninos ficam isolando um colega meu, e ele começa a dar respostas. Aí um deles não agüenta e vai atrás pra dar um tapa na cara dele. Dá soco também. Não faço nada para não me envolver, senão sobra agressão pra mim. Vejo muito inventar apelidos pros outros, tipo chamar de gordo, feio, vejo as meninas falar umas das outras.

Quando é algum amigo meu eu tento ajudar ou então aviso pra diretoria pra tomar uma providência.

10. Em quais locais você acha que essas agressões acontecem com mais frequência?”

Na rua da escola, fora da escola. Agressão mesmo é fora da escola.

11. “Você conversa com algum adulto quando você está com raiva da escola ou triste com ela?”

Converso com minha mãe, ela é a primeira pessoa pra quem eu falo tudo o que acontece na escola. Quando eu não faço dever, quando acontece alguma coisa... eu sempre comunico. Eu conto que me provocaram, que eu briguei, que às vezes um menino me provocou e eu parti pra violência, que eu achei ruim. Eu comunico tudo.

12. “Quando as meninas querem ser más na sala, o que elas fazem?”

Quando elas querem falar de alguém, elas dizem: “Aquela menina ali é gorda!”, ficam passando bilhetinhos. Quando são amigas umas das outras ficam passando bilhetinhos perguntando o que acham da fulana. Elas não são igual aos meninos que partem pra violência, ficam passando bilhetinhos fazendo o outro sofrer muito em termos do psicológico.

13. “As amigas podem ser más umas com as outras? Como?E os homens?”

No grupo delas até que eu acho que não, mas ficam falando mal de outras meninas pelas costas. Entre elas são muito amigas. Os meninos ficam falando da aparência física, se jogam bola ou não, brigam, provocam, partem pra violência, fazem alguém ficar com raiva

pra quando ela provocar acontecer uma briga logo e falar que foi o outro que provocou. Que ele só se defendeu, como se ele não tivesse começado a briga. Não é muita agressão, é um soco aqui e outro ali, é uma briga, separa e acabou. Não gasta mais de 3 minutos, não é pra matar dentro de sala.

14. “Você sabe o que é bullying?”

Já estudei isso em Português. É agressão física e psicológica com outra pessoa. Já li um texto num livro de português e fiz exercícios. É agressão pra fazer os outros sofrer. Vi também uma vez na televisão, no jornal, na época da volta às aulas. Eu tava com meu pai.

15. “Quais os efeitos do bullying sobre você?”

Eu acho ruim, mas preciso me defender. Quando me provocam me sinto mal, ainda mais quando falam de um defeito meu.

16. “Na sua escola existe algum programa antibullying?”

Sim, a diretoria sempre toma uma providência, faz uma reunião com os pais. Os professores falam na sala.

2.4 – Sexo Masculino, 11 anos, 5ª.série

01. “Como é o ambiente da sua escola?”

É um ambiente bom, mas tem muita briga, violência, apelidos ... coisa que a gente não gosta que façam com a gente. A gente não pode fazer o que fazem com as pessoas. Mas eu gosto daqui.

02. “Como é o relacionamento entre seus colegas?”

É bom, mas como eu já disse, tem violência, apelidos, tem gente que faz brincadeira de mau gosto que a gente não gosta. Mas eu sou amigo de todos, não gosto de brigar com ninguém.

03. “Alguns alunos dizem que as provocações, a raiva ou a irritação atrapalham o divertimento deles no recreio. Isso acontece com alguém ou com você na sua turma?”

Acontece com muitas pessoas, eu não vou citar nomes. Eu vejo muitas pessoas brigando por causa de preconceito por religião, por raça, tudo... coisa boba... porque por dentro, todos são filhos de Deus. Eu sou amigo de todos e não gosto de violência. E eu sei que isso acontece em quase todas as escolas e não devia acontecer. Tem gente que briga por causa de bola, igual no jogo de Handball.

04. “Você já foi vítima de algum tipo de agressão ou provocação por parte de algum colega? Explique como foi isso.”

Já sim. Foi no último dia de aula... a gente brigou e ela começou a me xingar de nomes de animais. Não vou citar o nome porque é muito ruim. Um colega meu que já saiu dessa escola... ele já me xingou de várias coisas, mas eu já perdoei. Todo mundo pergunta: por quê você perdoou ele? Ele já te chamou de muitas coisas que você não gostou? Eu perdoei

porque Deus perdoa. Se Deus me perdoa, perdoa todos vocês. Já me chamaram de feio, de horroroso, mas eu não vou acreditar que sou um animal – eles falam que eu sou um animal - porque eu não sou um animal. Eu sei que eu não sou isso.

05. “*Que influência isso teve na sua vida?*”

Fiquei triste, porque ninguém gosta. Mas depois levei a minha vida normal, não me atrapalhou em nada. Sou amigo dela hoje, perdôo porque todos têm que perdoar assim como Deus perdoa as nossas ofensas. Eu perdoei e sou muito amigo dela hoje em dia. Me sinto humilhado, sem ninguém. Já me senti excluído muitas vezes.

06. “*Você já provocou, ameaçou ou agrediu algum colega seu? Explique como foi isso.*”

Já aconteceu porque eles xingam a gente, e ninguém gosta de ser xingado. Às vezes sai sem querer, a gente nem quer falar, tem que pensar 10 vezes, mas a gente tá tão nervoso que nem pensa antes de falar. Isso é muito ruim.

07. “*Que influência isso teve na sua vida?*”

Eu chego em casa desanimado, não conto pros meus pais. Às vezes eu conto, às vezes não conto, é bom desabafar, mas nem sempre. Rezo, peço à Deus. Peço desculpas pessoalmente à ele. Depois, de cabeça erguida, peço desculpas pessoalmente para a pessoa.

08. “O professor (a) vê quando isso está acontecendo? Por quê ou por quê não? Como o professor (a) reage?”

Muitas vezes reage com uma atitude boa, mas à vezes nem ligam. Eles poderiam prestar mais atenção no que está acontecendo na sala de aula e ver quem são os alunos que estão tratando os outros mal, brigando por causa de preconceito que é uma coisa boba.

09. “Você já viu alguém ser vítima de algum tipo de agressão, alvo de fofocas, humilhações ou provocações? Que atitude tomou?”

Eu vejo muita briga por causa do cabelo, cor, preconceito de religião. Às vezes acontece, mas eu não deixo porque eu sou amigo de todo mundo. Eu não deixo nada acontecer comigo, eu brinco. Tem uns momentos sérios que a gente tem que falar a verdade com as pessoas. Tem preconceito de gente ser pobre, ser rico. Outro dia eu vi acontecer com uma colega minha na sala. Até eu mesmo ajudei, mas depois pedi desculpa pra ela de todo coração. A gente tava num passeio... ninguém gostava dela. Aí a gente tava lanchando e deixamos ela sozinha. Eu me arrependi de ter feito isso porque não gostaria que tivessem feito isso comigo. Tinha um colega meu que já saiu daqui que era discriminado porque era negro. Mas ele é meu amigo, eu não gosto de discriminação.

10. Em quais locais você acha que essas agressões acontecem com mais frequência?”

Na quadra e na sala de aula. Eles brincam de tacar lápis e a gente corre o risco de pegar no nosso olho.

11. “Você conversa com algum adulto quando você está com raiva da escola ou triste com ela?”

Converso com minha mãe, desabafo com minha mãe. Nem sempre, porque às vezes a gente fica tão triste que não quer desabafar. Eu falo: “Olha, mãe, aconteceu isso, isso e isso... vou pedir desculpas pra pessoa”. Eu não conto pros colegas porque eu não gosto de fofoca e não quero saber de nada com o meu nome. Ninguém gosta de fofoca.

12. “Quando as meninas querem ser más na sala, o que elas fazem?”

Humilham as outras, humilham os meninos. Mas os meninos também humilham, brigam com elas por coisas fúteis que eu não entendo. Elas tentam jogar bola na gente, empurram a gente, fazem muita coisa ruim que ninguém quer que faça com você.

13. “As amigas podem ser más umas com as outras? Como? E os homens?”

Tem um grupo na minha sala... eu sou amigo delas mas não sou desse grupo. Elas às vezes brigam por causa boba... brigam no recreio... por causa de bola... por causa de quadra. Uma desafia a outra: quem é a melhor, quem é a mais bonita, quem é a mais inteligente. Discriminação. Com os meninos é quase igual às meninas: tem briga na quadra, por causa de bola, mas já começa a empurrar, a bater, a chutar. A gente quer acabar com a violência.

14. “Você sabe o que é bullying?”

Não.

15. “Quais os efeitos do bullying sobre você?”

Eu me sinto humilhado e excluído, algumas vezes.

16. “Na sua escola existe algum programa antibullying?”

Não.

ESCOLA 3

3.1 – Sexo Feminino, 11 anos, 5ª.série

01. “Como é o ambiente da sua escola?”

Depende, tem vezes que é agradável, tem vezes que não é porque tem briga. Mas é muito bom estudar aqui.

02. “Como é o relacionamento entre seus colegas?”

Um pouco agressivo, porque do mesmo jeito que eles brincam, eles falam de maneira envolvendo palavreado, agressões mesmo. Mesmo com as meninas. Eles falam que puxam saco das meninas porque elas não brigam, e eles envolvem elas nas brigas.

03. “Alguns alunos dizem que as provocações, a raiva ou a irritação atrapalham o divertimento deles no recreio. Isso acontece com alguém ou com você na sua turma?”

Comigo já aconteceu algumas vezes. Eu tive que ficar na Adriana dando a minha opinião sobre aquilo. Quando aconteceu comigo não foi nem um pouco agradável. E tomaram decisões com esse menino, ele não tá aqui, foi expulso por causa disso, por causa do palavreado dele na sala. A gente foi numa excursão... tinham 2 meninos da nossa sala e um menino pequenininho. Eles tavam brincando de dar a mão pro menininho, pegar a mão dele e passar na bunda das meninas. E fizeram isso comigo e eu não gostei. Fizeram isso com as outras meninas, mas acho que elas não reclamaram. Isso não é atitude que se toma. Esse menino... poucas pessoas gostam dele por causa das atitudes violentas dele. Já foi tomada a providência adequada pra ele. A 5ª. e a 6ª. Séries são as que mais brigam. Eu vejo muito menino machucado, empurra, ele cai e machuca. Vejo agressões, xingam, batem. Eles tão brigando mais esse ano, brigam de dar soco na cara do outro. Eu vejo isso todo dia. Entre os homens.

04. “Você já foi vítima de algum tipo de agressão ou provocação por parte de algum colega? Explique como foi isso.”

Eu já. Uma vez a gente tava brincando de amarelinha. Aí um menino começou a invadir, passando de um lado pro outro. Aí eu pedi pra ele dar licença e ele não quis. Aí eu falei: “Eu vou passar”. Na hora que eu passei ele me deu um empurrão. Aí eu caí e falei com a supervisora. Ela conversou com a sala toda sobre isso e tomou uma atitude. Mas ninguém gostava dele. Ele tinha um amigo que também ninguém gostava dele. Eles são agressivos, gostam de brigar com quem não faz nada, só gostam de xingar, encher o saco. Eles

sentavam atrás de mim, não deixavam a gente estudar, me atrapalhavam. Mas não adiantava falar com a professora porque ela não tirava eles de lá.

05. “Que influência isso teve na sua vida?”

Nenhuma, porque tudo o que acontece comigo eu tomo uma providência. Não faço a mesma coisa que fizeram comigo, mas falo pra diretora, falo pras pessoas que estão ali por perto, pra adultos. Já passou.

06. “Você já provocou, ameaçou ou agrediu algum colega seu? Explique como foi isso.”

Eu nunca agredi ninguém. Eu às vezes fico nervosa e tento me defender de uma forma não violenta. Mas às vezes eu fico muito nervosa porque acontece uma coisa muito violenta, é muito pesado o que eles falam com você, você não está acostumado com isso no dia-a-dia. Eles envolvem outros alunos, os professores, falam mal das pessoas pelas costas.

07. “Que influência isso teve na sua vida?”

As meninas tomam todas as decisões. Eu não ligo, já me acostumei com isso. Todas as coisas que me influenciaram já passaram, foram coisas ruins. Quando aconteceu alguma coisa, eu pedi desculpas porque não gosto de ofender as pessoas. Eu posso precisar delas um dia como elas sempre precisam de mim. Todo mundo da minha sala é meu amigo. Inclusive meninos e meninas. Os palavrões me machucam, mas eu tento ignorar.

08. “O professor (a) vê quando isso está acontecendo? Por quê ou por quê não? Como o professor (a) reage?”

Quando a gente briga dentro da sala, a professora sempre toma uma atitude muito correta, que é mandar pra supervisora. Tem umas pessoas que já são acostumadas a isso, mas também pararam de fazer isso porque estão interessadas mais no estudo nesse final de ano. Quando eles respondem a professora ela manda pra supervisora e ela tomava uma atitude. Ela não agride, ela conversa, dá assistência. Nada que uma conversa não seja boa.

09. “Você já viu alguém ser vítima de algum tipo de agressão, alvo de fofocas, humilhações ou provocações? Que atitude tomou?”

Já. Tem uma menina que entrou aqui e ela tinha problema mental. Tudo o que falavam pra ela, ela repetia. Então falavam assim: “Emily, fala isso de você” – e falavam que ela era feia e ela repetia aquilo. Falavam palavrões dela mesma, falavam que ela é burra, que era feia, que era horrível, chata, palavrões que eu nem gosto de falar. E ela repetia aquilo. Quando as pessoas não gostavam dela, ela se sentia excluída. Eu um dia fui conversar com ela e ela tava com caspa. E todo mundo ficava com nojo dela por causa de caspa, com medo de pegar, como se fosse uma doença. Aí eu falei assim: “Você quer brincar com a gente? Você é minha amiga!”. Aí ela foi e ficou com a gente, mas depois ela saiu do colégio. Foi para um colégio mais especializado, para crianças assim. Na 4ª. série, uma outra entrou e era assim, ela não tinha problema nenhum, mas ela tinha que desenvolver o pensamento dela, de estudo. Ela devia repetir o ano porque ela tirava notas ruins, todo mundo excluía ela, acho que isso atrapalhava muito os estudos dela, incomodava muito ela, as pessoas ficavam enchendo o saco dela. Ela só ficava com as meninas da 5ª. Série e

eu não gostava disso porque essas meninas eram assim... ela chegava com bala, biscoito, chips, ela deixava de lanche pra dar para aquelas meninas da 5ª, como se comprasse as meninas da 5ª. E as meninas gostavam dela por causa daquilo. Todo dia era um saco de bala, era o lanche dela, era refrigerante, tudo ia pra elas. Aí eu falei: “Deixa de ser boba, não dá isso não, fica com a gente”. Aí no início, ela não quis ficar. Depois ela veio buscar amizade com a gente, mas não largou as outras. Eu acho que as pessoas que são compradas, não são amigas, porque querem ganhar alguma coisa em troca. De repente, ela saiu da escola. Deu um final de semana e ela não voltou. Acho que isso chegou no ouvido da mãe dela e ela não gostou, e acho que transferiu ela de colégio. Eu tento ajudar, mas muita gente acha que eu sou intrometida. Mas eu falo com a minha professora, falo pra Adriana que ela tá sendo excluída, e elas tem que tomar uma providência. Elas não podem deixar isso acontecer. Outro dia eu vi dois meninos brigando, saíram até sujos de sangue, foi no recreio, todo mundo viu. Não sei no que deu.

10. Em quais locais você acha que essas agressões acontecem com mais frequência?”

Acontece muito na quadra, na hora do recreio, na Educação Física e na hora de ir embora. Na região onde fica a Amarelinha é onde eu vejo mais briga. Porque ali é onde fica a fila. Os meninos brincam de uma forma agressiva. Na Educação Física até que não acontece muito porque tem os 2 professores que são rígidos durante as aulas deles, eu admiro muito isso deles. Qualquer coisa os meninos se desentendem, começam a partir pro pontapé e pro soco, pros palavrões, e começam a envolver outras pessoas, principalmente aquelas que tentam separar.

11. “Você conversa com algum adulto quando você está com raiva da escola ou triste com ela?”

Eu converso principalmente com a minha mãe. Eu falo o que está acontecendo e ela liga pra escola. Imediatamente isso para de acontecer. Eu falei desse menino que foi expulso, eu não gostava nem um pouco das atitudes dele, porque ele falava muito palavrão comigo e eu não gosto disso. Minha mãe vinha aqui, conversava e sempre tomavam decisões.

12. “Quando as meninas querem ser más na sala, o que elas fazem?”

Elas ficam cochichando, olhando pra pessoa, ficam xingando, porque as meninas também xingam. Sempre tem um grupinho que tá contra outro grupinho. Então elas ficam cochichando e provocando outras meninas, até que ficam com raiva. Mas depois elas acabam se entendendo.

13. “As amigas podem ser más umas com as outras? Como? E os homens?”

Pode sim, principalmente as amigas. Dentro do grupo a gente se desentende, mas a gente não fica brigando... a gente dá um tempo. Depois a gente acaba voltando. Uma vez uma amiga ficou xingando a minha família e eu fiquei xingando a dela. Nós começamos a bater boca dentro da sala, porque quando você tá nervosa, você não pensa no que você fala. Depois ela veio me pedir desculpas porque foi ela que me provocou e eu desculpei ela, e ficamos amigas de novo. Os meninos xingam muito palavreado, batem, qualquer coisa que fazem um pro outro é motivo de agressão, tudo é violência. Tanto no vocabulário quanto na briga. Ficam batendo um no outro dentro e fora do grupo.

14. “Você sabe o que é bullying?”

Não.

15. “Quais os efeitos do bullying sobre você?”

Sobre mim... não tenho peso na consciência porque sempre peço desculpas. Mas sempre que me agridem por vocabulário ou fisicamente eu não fico constrangida, porque eles mesmo me pedem desculpas. Eu não gosto de guardar rancor, eu tento ignorar. Quando não dá, eu peço ajuda a outras pessoas. Principalmente minhas amigas.

16. “Na sua escola existe algum programa antibullying?”

Que eu conheça, acho que sim, mas não especificamente isso. Eles tentam fazer conversando, tendo um vocabulário não agressivo. Quando eles têm que tomar decisão, eles tomam.

3.2 – Sexo Feminino, 11 anos, 5ª. Série**01. “Como é o ambiente da sua escola?”**

No começo não era tão bom. Todo mundo me excluía, não deixava eu chegar perto. Falavam que eu era burra, gorda. Fizeram até um grupo que era “Grupo X (Xis) Izabele, porque eles não gostavam de mim, me ofendiam. Me excluía até no museu. Tava na hora de lanchar e eles combinaram de todo mundo ficar num canto e eu no canto de cá sozinha. Só que aí, duas meninas ficaram comigo. Nesse dia, eu fiquei muito triste. Quando eu entrei para essa escola, eu pensei que seria abraçada pelos meninos aqui. Como falam

aqui de Minas Gerais, todo mundo aqui é muito cuidadoso, mas comigo não foi assim. Eu entrei aqui em 2006, eu morava em Brasília. Eu só fui ficar amiga, que todo mundo começou a gostar de mim no final do ano.

02. “Como é o relacionamento entre seus colegas?”

Agora todo mundo é mais amigo, não tem nada de violência mais, nada de palavras. Não tem mais nada não. No ano passado teve uma briga entre eu e outro menino. Ele jogou uma bala em mim, mas sorte que eu coloquei a mão assim e estourou a bala, senão eu ia machucar muito.

03. “Alguns alunos dizem que as provocações, a raiva ou a irritação atrapalham o divertimento deles no recreio. Isso acontece com alguém ou com você na sua turma?”

Aconteceu comigo. Eu ficava isolada, sentada ali embaixo vendo o tempo passar. Não ficava com ninguém, só via as meninas brincando.

04. “Você já foi vítima de algum tipo de agressão ou provocação por parte de algum colega? Explique como foi isso.”

Começou porque eu tentei ficar com as meninas e não consegui. Tentei ficar com os meninos. Aí eles começaram com tipo: “Sai daqui, sai daqui”. Eu não entendia, porque todo mundo que entrou no colégio na turma deles, eles gostavam. Mas comigo foi diferente. Por isso eu não entendi nada. Um dia, na aula de argila, eu sem querer deixei cair um pouco no meu amigo. A perna dele ficou toda cheia de argila. Aí ele começou a falar alto: “Você vai ter que pagar outro, vai ter que pagar outro!!”. Aí eu perguntei pro

cara da argila se isso manchava e ele disse que não. Eu pedia desculpa pro menino e ele não queria me desculpar, não queria mais falar comigo.

05. “*Que influência isso teve na sua vida?*”

Muito grande. Eu não entendia nada direito. Todo mundo falava, falava, falava de mim pelas costas. Todo mundo falava de mim pelas costas, e isso não é legal. Agora todas as novatas que vêm, eu fico: “Oi, tudo bem?” Eu fico mais apegada. Como aconteceu comigo eu não quero que aconteça com os outros.

06. “*Você já provocou, ameaçou ou agrediu algum colega seu? Explique como foi isso.*”

Eu não, muito pelo contrário. Sou muito amiga, gosto de chegar perto dos outros para acolher.

07. “*Que influência isso teve na sua vida?*”

Eu quero acolher todo mundo.

08. “*O professor (a) vê quando isso está acontecendo? Por quê ou por quê não? Como o professor (a) reage?*”

Sempre acontece no recreio. Depois eu tento conversar, mas nem sempre dá. Eles nem sempre atendem.

09. “Você já viu alguém ser vítima de algum tipo de agressão, alvo de fofocas, humilhações ou provocações? Que atitude tomou?”

Já. Muitas pessoas, mesmo não sendo da minha sala... eu já vi sendo excluída. Eu pergunto o que está acontecendo. Geralmente eles não falam o que aconteceu, querem guardar. Aí eu pergunto, pergunto, mas não querem falar. Eu falo com as pessoas da minha sala e eles falam que não tá acontecendo nada, mas eu sei que tá, porque já aconteceu comigo. Tinha uma menina que estudava aqui na escola que tinha problema mental. O povo ficava excluindo ela, e depois começaram a falar que eu era igual a ela. Falavam que ela era feia e burra. Eu não gosto de falar nada de ninguém. Eu só procuro acolher, ser amiga. Eu vi também uma menina ser excluída e ridicularizada só porque adorava o grupo “Rebelde”. Aí todo mundo ficava chamando ela de rebelde, riam dela. Eu falava pros outros deixar ela brincar também, pra deixar ela em paz.

10. Em quais locais você acha que essas agressões acontecem com mais frequência?”

No recreio, muito no recreio. Os grupinhos juntam. Mesmo esse ano, ainda tem muita gente que ainda fala de mim pelas costas. Isso ainda não acabou por definitivo.

11. “Você conversa com algum adulto quando você está com raiva da escola ou triste com ela?”

Eu falo com a minha mãe. Eu falo: “Mãe, isso e isso tá acontecendo.” Aí ela escreve na agenda, e eu mostro pra professora ou mesmo pra Adriana. Aí ela tenta resolver.

12. “Quando as meninas querem ser más na sala, o que elas fazem?”

Falam mal pelas costas, o principal. Ficam conversando assim, no canto. Tem uma menina que fala e fica olhando pra gente... dá pra saber que ela tá fofocando. Monta planinho com todo mundo da sala, mas geralmente não dá pra ver.

13. “As amigas podem ser más umas com as outras? Como? E os homens?”

Geralmente ficam um pouco afastadas, depois voltam de novo. Mas nunca fica muito tempo sem falar. Os meninos fazem a mesma coisa, ficam fofocando na sala. Eles falam muito alto.

14. “Você sabe o que é bullying?”

Não.

15. “Quais os efeitos do bullying sobre você?”

Teve muito de falar: você é chata, é gorda, feia, saco de areia. Principalmente quando cheguei. Agora não tem mais. Eu fico chateada, fazer o quê.

16. “Na sua escola existe algum programa antibullying?”

Não.

3.3 - Sexo Masculino, 11 anos, 5ª. Série

01. “Como é o ambiente da sua escola?”

Tem hora que é briga, às vezes é normal. Só que tem muita briga... no recreio tem gente que briga muito . Se alguém xingar a minha mãe eu vou pra briga.

02. “Como é o relacionamento entre seus colegas?”

É normal, é bom.

03. “Alguns alunos dizem que as provocações, a raiva ou a irritação atrapalham o divertimento deles no recreio. Isso acontece com alguém ou com você na sua turma?”

Comigo não, mas às vezes acontece comigo e com os meninos lá da sala. Eles começam a xingar a mãe dos outros, falar palavrão...

04. “Você já foi vítima de algum tipo de agressão ou provocação por parte de algum colega? Explique como foi isso.”

Eles começaram a me xingar. Eu fiquei quieto no meu canto e eles ficaram me xingando, não sei por quê. Eles ficam xingando todo mundo. Eles também não me deixam jogar futebol no recreio só porque não sou bom.

05. “Que influência isso teve na sua vida?”

Nenhuma... ah, me sinto excluído. Dá raiva.

06. “Você já provocou, ameaçou ou agrediu algum colega seu? Explique como foi isso.”

Eu comecei a xingar eles porque eles estavam me xingando. Eu já briguei também, quando eles xingavam minha mãe. Uma vez eu xinguei um menino e quase tomei suspensão.

07. “Que influência isso teve na sua vida?”

Nenhuma.

08. “O professor (a) vê quando isso está acontecendo? Por quê ou por quê não? Como o professor (a) reage?”

Às vezes ele tá escrevendo no quadro, os meninos fazem gesto e ele não vê. Às vezes também ele não escuta. Quando vê, eles falam pra parar. Eles falam pra parar, senão vão mandar lá pra Adriana.

09. “Você já viu alguém ser vítima de algum tipo de agressão, alvo de fofocas, humilhações ou provocações? Que atitude tomou?”

Já. Um amigo meu... um menino começou a provocar ele e ele partiu pra cima do menino. Aí ele bateu no menino, só que ele foi expulso do colégio. Eu deixei eles lá brigando, deixei pra lá, depois ia sobrar pra mim.

10. Em quais locais você acha que essas agressões acontecem com mais frequência?”

Na quadra aberta, na quadra coberta, no pátio da cantina.

11. “Você conversa com algum adulto quando você está com raiva da escola ou triste com ela?”

Sim, com a minha mãe. Quando eles começam a me xingar eu conto pra ela.

12. “Quando as meninas querem ser más na sala, o que elas fazem?”

Não sei explicar... elas começam a bater nos meninos.

13. “As amigas podem ser más umas com as outras? Como? E os homens?”

Elas começam a brigar de tapa. Os meninos começam a xingar, e não conseguem se controlar e partem pra cima dos outros.

14. “Você sabe o que é bullying?”

Eu sei. É um jogo. Tem um jogo que é assim: você fica na escola, você bate nos meninos, você puxa as cuecas deles, você pega skate, começa a bater em todo mundo, você rouba... Eu vi esse jogo com meu amigo, aí eu comprei ele. Tem briga, violência. Acho legal.

15. “Quais os efeitos do bullying sobre você?”

Raiva. Eu me sinto excluído no recreio, quando eles vão jogar futebol, eles fazem um time dos melhores. Aí só fica eles. A gente fica de fora, aí acaba o recreio e a gente não joga.

16. “Na sua escola existe algum programa antibullying?”

Não. Mas a Adriana conversa, fala que não pode brigar, quem brigar vai pra sala dela.

3.4 – Sexo Masculino, 11 anos, 5ª. Série***01. “Como é o ambiente da sua escola?”***

Bom, mais ou menos bom. Tem conversa, tem pessoas que ficam caladas. Eu converso muito.

02. “Como é o relacionamento entre seus colegas?”

Não sei bem te falar, mas comigo é todo mundo bem.

03. “Alguns alunos dizem que as provocações, a raiva ou a irritação atrapalham o divertimento deles no recreio. Isso acontece com alguém ou com você na sua turma?”

Acontece, comigo já aconteceu, não acontece mais. Uns meninos tiravam sarro de mim, falavam que eu era burro, idiota, só que eu ignorava. Aí eles pararam de falar porque não adiantava muito. Eu vejo muito eles empurrar as pessoas.

04. “Você já foi vítima de algum tipo de agressão ou provocação por parte de algum colega? Explique como foi isso.”

Já. Um menino ficou me empurrando. Aí eu empurrei ele e a gente começou a brigar.

05. “Que influência isso teve na sua vida?”

Não influenciava muito. Mas eu me sentia mal.

06. “Você já provocou, ameaçou ou agrediu algum colega seu? Explique como foi isso.”

Não que eu me lembre. Mas teve um menino que tava falando mal de mim e eu fui e falei mal dele. Mas eu só falei.

07. “Que influência isso teve na sua vida?”

Nenhuma.

08. “O professor (a) vê quando isso está acontecendo? Por quê ou por quê não? Como o professor (a) reage?”

Na sala de aula não tem nada. Mas quando acontece, eles mandam a pessoa parar senão ela vai sair, e manda fazer silêncio. Se não fizer, escreve o nome do menino no quadro e manda fazer cópias, tipo assim, de tantas em tantas páginas vai ter que copiar.

09. “Você já viu alguém ser vítima de algum tipo de agressão, alvo de fofocas, humilhações ou provocações? Que atitude tomou?”

Eu já vi os meninos implicando com a gente. A gente tava lá e chegava um e falava: “Esse menino é burro”. Chegava e falava. Excluído raramente tem. Quando eu vejo, mando o cara parar.

10. Em quais locais você acha que essas agressões acontecem com mais frequência?”

Na quadra.

11. “Você conversa com algum adulto quando você está com raiva da escola ou triste com ela?”

Converso com minha mãe e meu pai. Falo que um menino tá mexendo comigo.

12. “Quando as meninas querem ser más na sala, o que elas fazem?”

Começam a falar mal das pessoas.

13. “As amigas podem ser más umas com as outras? Como?E os homens?”

Às vezes sim: uma fica falando palavrão com a outra. Os meninos brigam ou falam mal da pessoa. Os mais comum é falar mal.

14. “Você sabe o que é bullying?”

Não.

15. “Quais os efeitos do bullying sobre você?”

Nenhum, nada.

16. “Na sua escola existe algum programa antibullying?”

Não tem nada, eu não conheço.

Os estudantes relataram que o ambiente na escola onde estudam é bom, mas que a ocorrência de brigas e rixas tornam a convivência entre os alunos um tanto quanto complicada, muitas vezes até violenta. Apenas uma aluna demonstrou o interesse em sair da escola devido às constantes agressões verbais que sofre.

Os conflitos no ambiente escolar são vistos como fatos normais, que na maioria das vezes são rapidamente resolvidos. No entanto, a ocorrência do *bullying* atrapalha o divertimento dos alunos no recreio, até mesmo para aqueles que se dizem apenas expectadores.

100% dos entrevistados, tanto meninos quanto meninas disseram já ter sido vítimas do *bullying*. Abaixo, os gráficos com as frequências separadas por sexo e porcentagem de ocorrências.

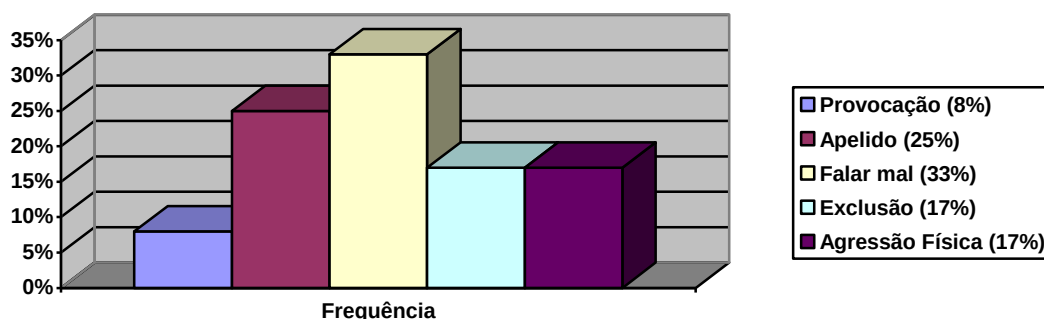


GRÁFICO 1 – Meninas Vítimas

Entre o grupo de meninas, percebe-se que a maior parte foi vítima de algum tipo de comentário maldoso, crítica ou fofoca negativa (falar mal: 33%), seguido da categoria Apelido (25%), ou seja, foram apelidadas de forma pejorativa (Gráfico 1). As agressões físicas mais relatadas entre as meninas foram os empurrões e boladas propositalis.

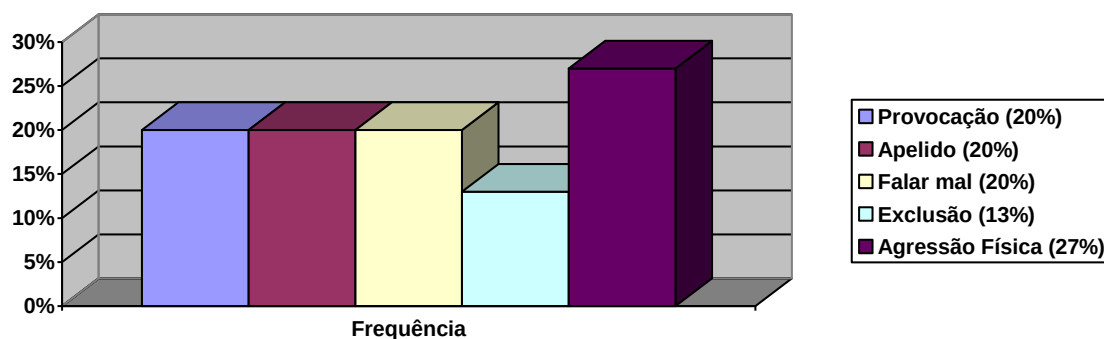


GRÁFICO 2 - Meninos Vítimas

No grupo dos meninos, o maior índice de vítimas sofreu agressão física (27%), incluindo-se nessa categoria socos, tapas, pontapés, boladas e empurrões (Gráfico 2). Em comparação com agressões verbais, as ocorrências de agressões físicas ficaram bem aquém do esperado, principalmente em se tratando do sexo masculino.

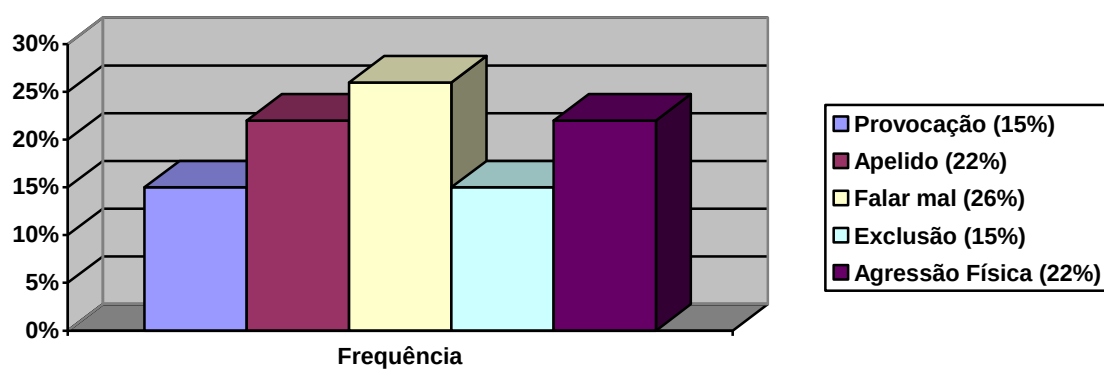


GRÁFICO 3 - Vítimas do *Bullying*: Total

No total (Gráfico 3), falar mal dos outros é a forma de *bullying* mais sofrida entre ambos os sexos (26%).

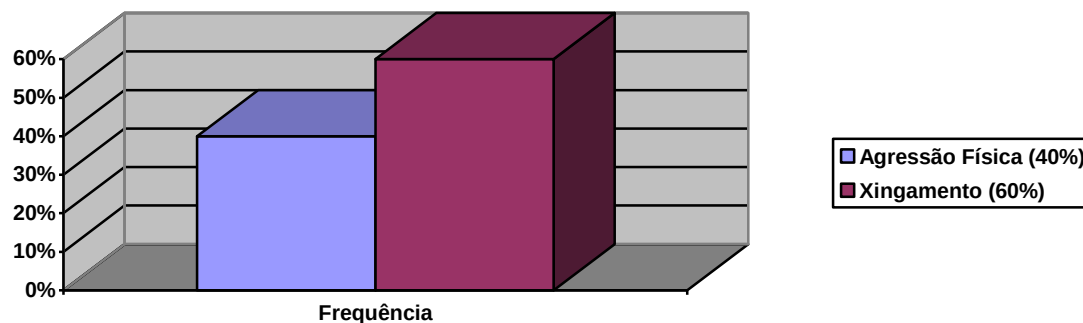


GRÁFICO 4 - Meninos Agressores

A pesquisa realizada pela ABRAPIA, entre os anos de 2002 e 2003, concluiu que o tipo de *bullying* mais comum é a prática de apelidar e debochar, predominando em mais de 50% dos relatos, em ambos os sexos. As meninas admitiram ser vítimas, mais freqüentemente, de apelidos e difamações (fofocas), enquanto que entre os meninos as agressões físicas e ameaças surgem logo após os apelidos. Essa pesquisa encontra-se disponível para consulta no site www.abrapia.org.br.

Em nossa pesquisa, as vítimas relataram que a influência das agressões foi bastante negativa, levando ao choro, muitas vezes até dentro de sala de aula, sentimento de menos-valia, complexo de inferioridade e até mesmo o isolamento do grupo.

O número de indivíduos que assumiu cometer agressões contra seus colegas foi menor, se comparado ao número de vítimas. No total de seis meninas, apenas uma se assumiu como agressora, tendo falado mal das colegas, contra cinco meninos (total de seis) que se assumiram como agressores.

Entre as agressões físicas mencionadas, estão socos, tapas e empurrões (Gráficos 4 e 5).

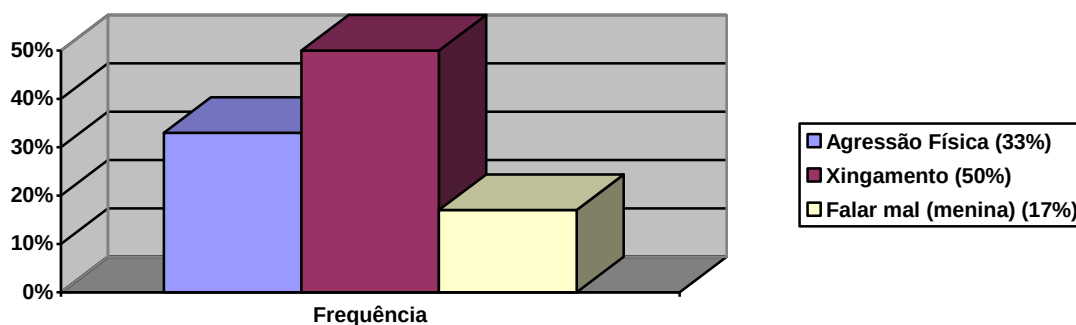


GRÁFICO 5 – Agressores: Total

Na pesquisa realizada pela ABRAPIA, entre 2002 e 2003, a prática de colocar apelidos, xingar ou rir dos colegas é citada em mais de 50% das respostas dos agressores, seguidas pelas agressões físicas e ameaças.

A influência das agressões que cometeram também foram negativas. Alguns alunos disseram que passaram a ser excluídos por outros alunos, as amizades se distanciaram. No entanto, a maior parte relatou que o fato de terem agredido alguém não influenciou suas vidas de maneira alguma, principalmente pelo fato de terem descontado uma agressão que sofreram anteriormente, no sentido de vingança.

Quanto à reação dos professores diante das agressões, cerca de 60% dos alunos acha que nem sempre eles tomam alguma atitude, apenas chamam a atenção.

100% dos alunos ouvidos na pesquisa disseram já ter testemunhado um ou vários episódios de *bullying* na escola. Em ambos os sexos, cerca de 50% dos alunos preferiu se omitir do fato para evitar represálias, enquanto a outra metade preferiu tentar apartar. Mas em vários casos, alguns entrevistados afirmaram que em algumas

circunstâncias se omitem e em algumas outras, quando a situação é favorável, tentam apartar a briga. Nos casos em que disseram querer promover a paz, disseram não achar justo ver um colega passar por humilhações e ninguém fazer nada.

Os locais mais freqüentes da prática do *bullying*, mencionados pelos entrevistados foram seis ao todo: na Internet, na sala de aula, nos corredores do colégio, no pátio, na quadra de esportes e na entrada / saída da escola.

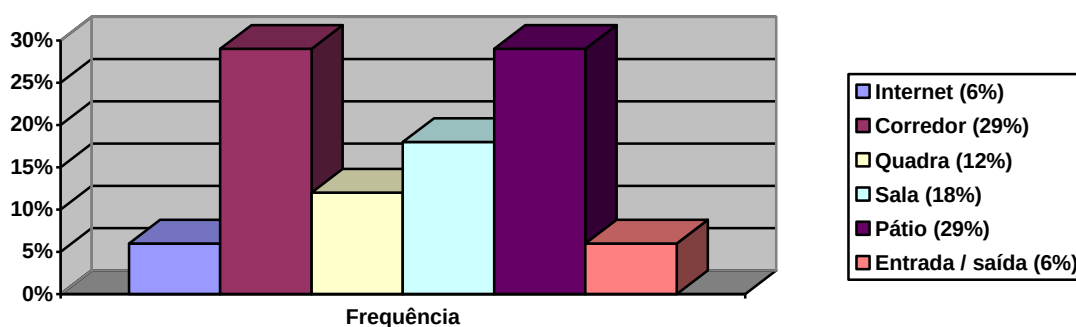


GRÁFICO 6 - Ocorrência do *Bullying*: Meninas

Para as meninas, o *bullying* é mais freqüente no pátio (29%) e nos corredores das escolas (29%) (Gráfico 6). Segundo os meninos, o fenômeno é mais comum nas quadras esportivas (30%) (Gráfico 7). Alguns alunos relataram que os indivíduos que são considerados bons em uma modalidade esportiva, se julgam no direito de escolher aqueles que poderão jogar e aqueles que serão excluídos dos jogos.

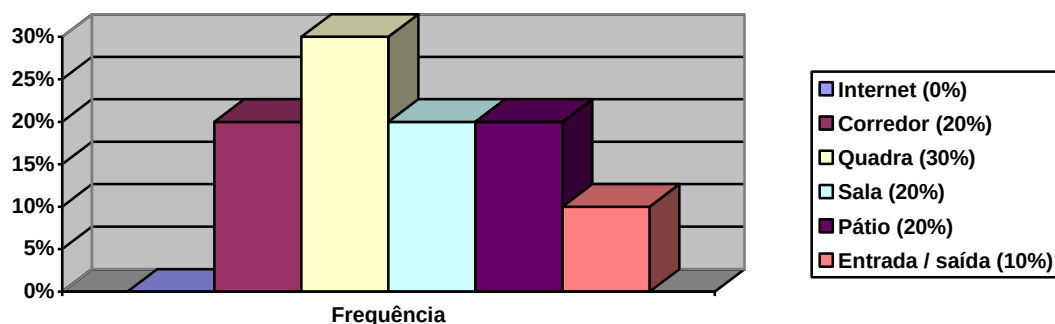


GRÁFICO 7 – Ocorrência do *Bullying*: meninos

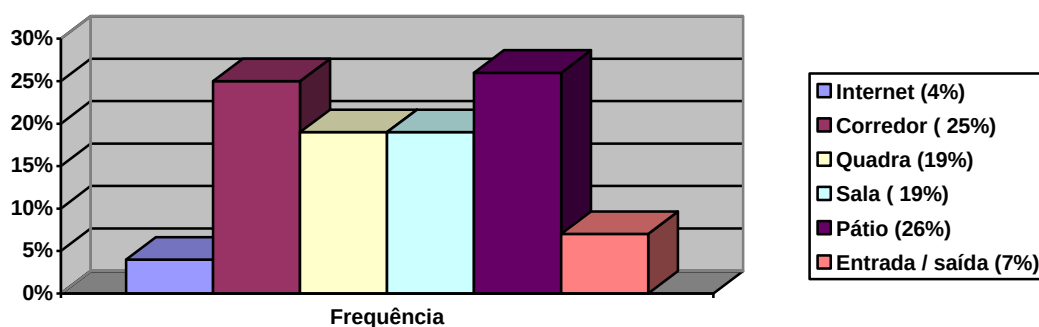


GRÁFICO 8 – Ocorrência do *Bullying*: Total

Na pesquisa realizada pela ABRAPIA entre 2002 e 2003, as salas de aula foram os locais citados como de maior incidência de *bullying*, atingindo 60% do total de respostas. Os outros dois locais mais citados foram o recreio (pátio e quadra) e o portão da escola, com 16% cada um.

Entre os doze indivíduos entrevistados, dez deles, sendo cinco meninas e cinco meninos, afirmaram que contam para os pais, principalmente para a mãe, quando não concordam com algo que está acontecendo na escola, ou quando são vítimas de *bullying*. Apenas um membro de cada sexo relatou que conta também para a orientadora pedagógica da escola.

Na pesquisa realizada pela ABRAPIA, entre 2002 e 2003, 41,6% dos alunos afirmaram não ter conversado com ninguém sobre o assunto, enquanto que 57,8% dizem ter falado com alguém. Desse total, 21,3% buscou auxílio com seus colegas, 15,6% com seus professores e 16,9%, indicando que o acesso a outros alunos prece ser um caminho mais acessível a esses jovens. No entanto, em nossa pesquisa, nenhum dos entrevistados relatou ter falado com algum colega sobre o assunto.

A grande maioria dos entrevistados concorda que há uma diferença na maneira como meninas e meninos podem ser maus uns com os outros. As meninas são consideradas mais fofoqueiras, tendo gosto pela maledicência e mania de espalhar boatos, enquanto que os meninos são tidos como os brigões: gostam de dar chutes, socos, pontapés e tapas. No quesito “dar apelidos”, os entrevistados consideram que ocorrem com frequência entre ambos os sexos.

Apenas 50% dos alunos (exatamente 50% das meninas e 50% dos meninos) disseram saber o que é *bullying*. Mas a maioria dos que responderam positivamente, disse que sabia apenas porque na aula de Português foi dado um texto cujo tema era a

prática do *bullying* no ambiente escolar. Apenas um aluno do sexo masculino disse ter assistido a uma reportagem na televisão sobre o assunto.

Infelizmente, apenas dois alunos (um de cada sexo) relatou que em sua escola há uma espécie de programa *antibullying*. No entanto, percebemos que na verdade isso não acontece na prática, porque esses alunos associaram o texto estudado em Português e o fato da coordenação da escola chamar a atenção dos alunos-problema à um programa *antibullying*.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alta incidência de *bullying* nas salas de aula indica que a adesão dos professores nas ações de prevenção é fundamental para a harmonia no ambiente escolar. No entanto, é necessário que lhes sejam garantidas boas condições de trabalho para o pleno exercício de sua autoridade.

A maioria dos estudos relata que a melhor estratégia para a redução e o controle do *bullying* nas escolas está ligada à intervenção precoce, imediata e efetiva, demonstrando aos agressores que seu comportamento é inaceitável dentro de nossa sociedade. Infelizmente, pudemos constatar que essa intervenção ainda não acontece na realidade brasileira.

A prevalência e a gravidade do *bullying* deveriam servir de objeto para novos estudos visando a formulação de políticas públicas no século XXI. Hoje em dia fala-se tanto em inclusão escolar que esse deveria ser mais um motivo para sua criação.

Em nossa pesquisa, concluímos que as influências culturais e sociais colaboram bastante na formação da personalidade dos indivíduos, mas sabemos que também é possível melhorar a qualidade de vida, tornando-os pessoas mais assertivas, felizes, seguras e produtivas. A mudança e a transformação serão possíveis se o terreno já estiver preparado para elas, principalmente se for estruturado no diálogo e compreensão. Por isso, a importância da intervenção e da união de pais, escola e comunidade. Se nossa sociedade não estiver preparada para lidar com um problema tão comum em todo o mundo, as chances de reduzir o problema da violência no contexto escolar serão mínimas. E mínimas também as chances de proteger nossas crianças de possíveis transtornos psiquiátricos futuros.

9. REFERÊNCIAS

ALMEIDA JR., A.R.; QUEDA, O. *Mídia e Trote: dramas de uma postura ambígua*. 2002. Disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/da240420023.htm>. Acesso em 08/02/2008.

_____. *Bullying escolar, trote universitário e assédio moral no trabalho: uma investigação sobre similaridades e diferenças*. 2008. Disponível em: <http://www.antitrote.org/artigos/?id=26>. Acesso em 01/02/2008.

AMADO, J.; FREIRE, I.P. *Indisciplina e violência na escola: compreender para prevenir*. Porto: Edições ASA, 2002.

BABBIE, Earl. *Métodos de Pesquisas de Survey*. Tradução de Guilherme Cezarino. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

BARCELLOS, C. *Vítimas do silêncio*. Disponível em: http://www.dianaoabullying.com.br/artigos/artigo_5_carlos.htm. Acesso em 04/07/2006.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo, SP: Edições 70, 1979.

BEAUDOIN, M. N. *Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola* / Marie-Nathalie Beaudoin, Maureen Taylor; tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BELL, J. *Doing your research project: a guide for the first-time researchers in education and social science*. 2. reimp. Milton Keynes, England: Open University Press, 1989. 145p

CALLEGARI, J. *Quando a brincadeira perde a graça*. Revista Crescer, Ed. Globo, n.161, p.68-70, abril, 2007.

CASTRO, M. G. *Violências, juventudes e educação: notas sobre o estado do conhecimento*. In: Revista Brasileira de Estudos de População, v.19, no.1, jan/jun, 2002.

CHRISPINO, Álvaro. *Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação*. Ensaio: Aval.Pol.Públ.Educ., Rio de Janeiro, v.15, n.54, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010440362007000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 Jan 2008.

COUTO, M.V.F.P; ARNOLDI, M.A.G.C. *A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismo para validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DADOON, R. *A violência: ensaio acerca do "Homo violens"*. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

ECO, H. *O conceito de intolerância*. In: UNESCO - A Intolerância. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

FANTE, C. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

_____. *Brincadeiras Perversas*. Mente & Cérebro, ano XV, no.181, p.74-79. São Paulo: Duetto Editora, fev. 2008.

FIDEL, R. *The case study method: a case study*. In: GLAZIER, Jack D. & POWELL, Ronald R. *Qualitative research in information management*. Englewood, CO: Libraries Unlimited, 1992. 238p. p.37-50.

FRANÇA, J. L. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 7ª.ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

GALVÃO, I. *Cenas do Cotidiano Escolar: conflito sim, violência não*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

GIROUX, H. *Representations of violence, popular culture and demonization of youth*, In Stephanie Urso Spina. (ed.) Smoke and Mirrors. The hidden context of violence in schools and society. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, Inc, Lahnham, 2000.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

GOLDENBERG, P. *O clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde* / Organizado por Paulete Goldenberg, Regina Maria Giffoni Marsiglia, Mara Helena de Andréa Gomes. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2003.

GRIFFIN, R.; GROSS, A. *Childhood Bullying: current empirical findings and future directions for research*. *Aggression and Violent Behavior*, 9, 379-400, 2004.

HAMEL, J.; DUFOUR, S.; FORTIN, D. *Case study methods*. Newbury Park, CA: Sage, 1993. 77p.

HARTLEY, J.F. *Case studies in organizational research*. In: CASSELL, Catherine & SYMON, Gillian (Ed.). *Qualitative methods in organizational research: a practical guide*. London: Sage, 1994. 253p. p. 208-229.

HIRIGOYEN, M.F. *Assédio Moral: a violência perversa no cotidiano*. 3ª. Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

JIMENEZ, B.M. et al . *Gender differences in workplace bullying: a study in a spanish sample*. Psicol. estud., Maringá, v.10, no. 1, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722005000100002&lng=p&t&nrm=iso. Acesso em: 25 Jan 2008.

JOSÉ, E.A.; COELHO, T.M. *Problemas de aprendizagem*. São Paulo: Ática, 2002.

JUNG, C.G. *O desenvolvimento da personalidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

LA TAILLE, Y, et al. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

____. *Vergonha, a ferida moral*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LEMOS, I. *Novas tecnologias, pesquisa e subjetividade: a reconquista da memória*. Revista Plural, ano 1, no.1. Belo Horizonte: Faculdade de Ciências Humanas – FUMEC, 1990.

LIMA, R. “*Bullying: uma violência psicológica não só contra crianças*”. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/043/43lima.htm>. Acesso em: 04/07/2006.

LIPPI, J.R. *Tentativa de suicídio associada à violência física, psicológica e sexual contra a criança e o adolescente*. Tese de doutoramento. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2003.

LOCONTE, W., et al. *Violência Urbana*. São Paulo: Atual, 1999.

LOPES NETO, A.A.. *Bullying: aggressive behavior among students*. J. Pediatr. (RJ), Nov.2005, vol.81, no.5, suppl, p.164-172.

MACHADO, D.V. *Não é fácil ser um pré-adolescente!* Revista Nova Escola, São Paulo, ano 2, no.11, p.16-18, abr. 1987.

MAFFESOLI, M. *A Violência Totalitária: ensaio de antropologia política*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MAQUIAVEL, N. *O Príncipe* [trad. Lívio Xabier]. São Paulo: Nova Cultural, 4ª. Ed (Col. Os Pensadores), 1525/1987.

MASETTO, M. T., MORAN, J. M, BEHRENS, M. A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papirus, 2000.

NERISSA, S.B., et al. *Childhood bullying involvement and exposure to intimate partner violence*. Pediatrics 2006; 118:e235-e242. DOI:10.1542/peds.2005-2509. Disponível em: <http://pediatrics.aappublications.org/cgi/content/full/118/2/e235>. Acesso em 31/07/2007.

OLIVEIRA, A. S.; ANTONIO, P. S. *Sentimentos do adolescente relacionados ao fenômeno bullying: possibilidades para a assistência de enfermagem nesse contexto*. Rev. Eletr. Enf., abr. 2006, vol.8, no.1, p.30-41. ISSN 1518-1944.

OLWEUS, D. *Aggression in the schools: Bullies and whipping boys*. Washington: Hemisphere, 1978.

ORTEGA Y GASSET, J. *Obras Completas*. Madrid: Revista de Occidente, v. 4, 5, 7, 1947.

ORTEGA, R. R. *Programas educacionais de prevenção da violência escolar na Espanha: o modelo Sevilha Antiviolença Escolar (SAVE)*. In: E. Debarieux, K. Revolte, C. Blaya, E. Royer, R. Ortega, H. Cowlie, F. Pina & M. Abranovay. *Desafios e alternativas: Violência nas Escolas*. Brasília: Ed. UNESCO, pp. 79-110, 2003.

PALÁCIOS, M., REGO, S. *Bullying: mais uma epidemia invisível?* Revista Brasileira de Educação Médica (RJ), vol.30, no.1., p.3-5, jan/abr.2006 . Disponível em <http://www.abem-educmed.org.br/rbem/index.htm>. Acesso em 04/07/2006.

PERRY, D., KUSEL, S., & PERRY, L. *Victims of peer aggression*. *Developmental Psychology*, 24 (6), 807-814, 1988.

PARRAT, S., TRYPHON, A. *Sobre a Pedagogia – Textos Inéditos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

RODRIGO, L.M. *Maquiavel – Educação e Cidadania*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SALMIVALLI, C., KARHUNEN, J. & LAGERSPETZ, K. *How do the victims respond to bullying?* *Aggressive Behavior*, 22 (2), 99-109, 1996.

SEGREDO, N.C., et al. *Agresión entre pares (Bullying) en un centro educativo de Montevideo: estudio de las frecuencias de los estudiantes de mayor riesgo*. Rev. Méd. Uruguai: Vol.22, No.2:143-151, 2006.

SEIXAS, S.R. *Violência escolar: metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas*. *Análise Psicológica*, abr. 2005, vol.23, no.2, p.97-110. ISSN 0870-8231.

SIMÃO, A.V; FREIRE, I. & FERREIRA, A.S. *Maus tratos entre pares na escola – um estudo contextualizado*. Atas do Congresso Ibero-Americano sobre Violências nas Escolas, realizado em Brasília, Brasil, 2004.

SIMMONS, R. *Garota fora do jogo: a cultura oculta a agressão entre meninas*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2004.

TRAIN, A. *Ajudando a criança agressiva: como lidar com crianças difíceis*. Campinas, SP: Papirus, 1997.

WASELFISZ, J. *Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília*. Brasília: UNESCO e Cortez, 1998.

WHITNEY, I., SMITH, P.K. *A survey of the nature and extent of bullying in junior/middle and secondary schools*. Educational Research, vol.35, no.1, pp.3-25, 1993.

ZAGURY, T. *O professor refém: para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

ZALUAR, A. *Cidadãos não vão ao paraíso*. Ed. Escuta: Campinas, 1994.

APÊNDICE 1**Carta de pedido de autorização para o diretor da escola**

Prezado(a) Sr(a). Diretor(a)

Venho através desta, pedir vossa autorização para a realização de uma pesquisa nesta escola. O objetivo da pesquisa⁶ é mostrar a realidade e a gravidade do fenômeno *Bullying*, presente no cotidiano das escolas e que tem sido tema de interesse de pesquisadores da área de Educação e Saúde Mental. O termo “*Bullying*” é de origem inglesa, e adotado em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar um indivíduo e colocá-lo sob tensão. É utilizado para caracterizar o fenômeno da violência entre escolares, desencadeada de forma repetida contra uma mesma vítima ao longo do tempo e dentro de um desequilíbrio de poder. Espera-se que a realização dessa pesquisa possa contribuir no entendimento e prevenção do fenômeno.

A pesquisa terá como metodologia conhecer o perfil dos alunos que apresentam características comportamentais do fenômeno, através da ficha de identificação dos mesmos arquivados na escola, e na realização de entrevistas com os seguintes segmentos da escola: professores, pais de alunos e alunos que a escola indicar.

Os participantes dessa pesquisa serão protegidos através de sigilo absoluto, não sendo o aluno exposto a qualquer risco de que sua identidade seja divulgada. Os

⁶ Pesquisadora: Maria Luiza Albuquerque Corrêa (31) 8785-0040 - E-mail: mlcorrea@hotmail.com
Orientador: Prof. Dr. Sebastião Rogério Góis Moreira (31) 9645-2365 - E-mail: moreira.bh@terra.com.br

participantes serão entrevistados pela pesquisadora individualmente, em ambiente reservado, dentro da escola, em cronograma definido anteriormente pela direção ou representante da mesma para que não interfira no bom andamento do cotidiano escolar. As entrevistas serão gravadas e transcritas posteriormente, sendo seus dados utilizados somente para fins de pesquisa científica, e incineradas após 5 anos da realização da mesma.

A pesquisa faz parte da dissertação de mestrado em Educação intitulada: **“FENÔMENO BULLYING: Características das vítimas e agressores em escolas particulares de Belo Horizonte”** para a UNIPAC (Universidade Presidente Antônio Carlos, Barbacena – MG), podendo ser recusada a qualquer momento pelo participante e retirado o consentimento sem penalização. Nenhuma forma de ressarcimento ou indenização faz parte desse consentimento uma vez que é de livre e espontânea vontade a sua participação.

Diretor (a)

Pesquisador

Data: ____ / ____ / ____

APÊNDICE 2

Termo de consentimento livre e esclarecido aos professores

Prezado(a) Sr(a). Professor(a)

O objetivo desta pesquisa⁷ é mostrar a realidade e a gravidade do fenômeno *Bullying*, presente no cotidiano das escolas e que tem sido tema de interesse de pesquisadores da área de Educação e Saúde Mental. O termo “*Bullying*” é de origem inglesa, e adotado em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar um indivíduo e colocá-lo sob tensão. É utilizado para caracterizar o fenômeno da violência entre escolares, desencadeada de forma repetida contra uma mesma vítima ao longo do tempo e dentro de um desequilíbrio de poder. Espera-se que a realização dessa pesquisa possa contribuir no entendimento e prevenção do fenômeno.

A pesquisa terá como metodologia conhecer o perfil dos alunos que apresentam características comportamentais do fenômeno, através da ficha de identificação dos mesmos arquivados na escola, e na realização de entrevistas com os seguintes segmentos da escola: professores, pais de alunos e alunos que a escola indicar.

⁷ Pesquisadora: Maria Luiza Albuquerque Corrêa (31) 8785-0040 - E-mail: mlcorrea@hotmail.com
Orientador: Prof. Dr. Sebastião Rogério Góis Moreira (31) 9645-2365 - E-mail: moreira.bh@terra.com.br

Os participantes dessa pesquisa serão protegidos através de sigilo absoluto, não sendo o aluno exposto a qualquer risco de que sua identidade seja divulgada. Os participantes serão entrevistados pela pesquisadora individualmente, em ambiente reservado, dentro da escola, em cronograma definido anteriormente pela direção ou representante da mesma para que não interfira no bom andamento do cotidiano escolar. As entrevistas serão gravadas e transcritas posteriormente, sendo seus dados utilizados somente para fins de pesquisa científica, e incineradas após 5 anos da realização da mesma.

A pesquisa faz parte da dissertação de mestrado em Educação intitulada: **“FENÔMENO BULLYING: Características das vítimas e agressores em escolas particulares de Belo Horizonte”** para a UNIPAC (Universidade Presidente Antônio Carlos, Barbacena – MG), podendo ser recusada a qualquer momento pelo participante e retirado o consentimento sem penalização. Nenhuma forma de ressarcimento ou indenização faz parte desse consentimento uma vez que é de livre e espontânea vontade a sua participação.

Professor (a)

Pesquisador

Data: ____ / ____ / ____

APÊNDICE 3

Termo de consentimento livre e esclarecido aos pais ou responsáveis legais

Prezado(a) Sr(a).

O objetivo desta pesquisa⁸ é mostrar a realidade e a gravidade do fenômeno *Bullying*, presente no cotidiano das escolas e que tem sido tema de interesse de pesquisadores da área de Educação e Saúde Mental. O termo “*Bullying*” é de origem inglesa, e adotado em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar um indivíduo e colocá-lo sob tensão. É utilizado para caracterizar o fenômeno da violência entre escolares, desencadeada de forma repetida contra uma mesma vítima ao longo do tempo e dentro de um desequilíbrio de poder. Espera-se que a realização dessa pesquisa possa contribuir no entendimento e prevenção do fenômeno.

A pesquisa terá como metodologia conhecer o perfil dos alunos que apresentam características comportamentais do fenômeno, através da ficha de identificação dos mesmos arquivados na escola, e na realização de entrevistas com os seguintes segmentos da escola: professores, pais de alunos e alunos que a escola indicar.

Os participantes dessa pesquisa serão protegidos através de sigilo absoluto, não sendo o aluno exposto a qualquer risco de que sua identidade seja divulgada. Os

⁸ Pesquisadora: Maria Luiza Albuquerque Corrêa (31) 8785-0040 - E-mail: mlcorrea@hotmail.com
Orientador: Prof. Dr. Sebastião Rogério Góis Moreira (31) 9645-2365 - E-mail: moreira.bh@terra.com.br

participantes serão entrevistados pela pesquisadora individualmente, em ambiente reservado, dentro da escola, em cronograma definido anteriormente pela direção ou representante da mesma para que não interfira no bom andamento do cotidiano escolar. As entrevistas serão gravadas e transcritas posteriormente, sendo seus dados utilizados somente para fins de pesquisa científica, e incineradas após 5 anos da realização da mesma.

A pesquisa faz parte da dissertação de mestrado em Educação intitulada: **“FENÔMENO BULLYING: Características das vítimas e agressores em escolas particulares de Belo Horizonte”** para a UNIPAC (Universidade Presidente Antônio Carlos, Barbacena – MG), podendo ser recusada a qualquer momento pelo participante e retirado o consentimento sem penalização. Nenhuma forma de ressarcimento ou indenização faz parte desse consentimento uma vez que é de livre e espontânea vontade a sua participação.

Pai / Mãe ou responsável legal

Pesquisador

Data: ____ / ____ / ____

APÊNDICE 4

Roteiro de entrevista semi-estruturada com o aluno participante

OBS.: Será realizado um estudo piloto com 2 alunos de escolas particulares, com perfil semelhante aos participantes da pesquisa, sendo um do sexo feminino e um do sexo masculino, com idades entre 11 e 12 anos, para que se observe a consistência do instrumento.

Questões:

01. *“Como é o ambiente da sua escola?”*

02. *“Como é o relacionamento entre seus colegas?”*

03. *“Alguns alunos dizem que as provocações, a raiva ou a irritação atrapalham o divertimento deles no recreio. Isso acontece com alguém ou com você na sua turma?”*

04. *“Você já foi vítima de algum tipo de agressão ou provocação por parte de algum colega? Explique como foi isso.”*

05. *“Que influência isso teve na sua vida?”*

06. *“Você já provocou, ameaçou ou agrediu algum colega seu? Explique como foi isso.”*

07. *“ Que influência isso teve na sua vida? ”*
08. *“O professor (a) vê quando isso está acontecendo? Por quê ou por quê não? Como o professor (a) reage?”*
09. *“Você já viu alguém ser vítima de algum tipo de agressão, alvo de fofocas, humilhações ou provocações? Que atitude tomou?”*
10. *Em quais locais você acha que essas agressões acontecem com mais frequência?”*
11. *“Você conversa com algum adulto quando você está com raiva da escola ou triste com ela?”*
12. *“ Quando as meninas querem ser más na sala, o que elas fazem?”*
13. *“As amigas podem ser más umas com as outras? Como?E os homens?”*
14. *“Você sabe o que é bullying?”*
15. *“ Quais os efeitos do bullying sobre você?”*
16. *“Na sua escola existe algum programa antibullying?”*

APÊNDICE 5**PROJETO DE LEI Nº 350, DE 2007**

Fica o Poder Executivo autorizado a instituir o Programa de Combate ao *Bullying*, de ação interdisciplinar e de participação comunitária, nas escolas públicas e privadas do Estado de São Paulo.

A ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO DECRETA:

Artigo 1º - Fica o Poder Executivo autorizado a instituir o Programa de Combate ao *Bullying*, de ação interdisciplinar e de participação comunitária, nas escolas públicas e privadas, no Estado de São Paulo.

Parágrafo único - Entende-se por *bullying* atitudes de violência física ou psicológica, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, praticadas por um indivíduo (*bully*) ou grupos de indivíduos, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

Artigo 2º - A violência física ou psicológica pode ser evidenciada em atos de intimidação, humilhação e discriminação, entre os quais:

- I) Insultos pessoais;
- II) Comentários pejorativos;
- III) Ataques físicos;
- IV) Grafitagens depreciativas;
- V) Expressões ameaçadoras e preconceituosas;
- VI) Isolamento social;
- VII) Ameaças;
- VIII) Pilhérias.

Artigo 3º - O *bullying* pode ser classificado em três tipos, conforme as ações praticadas:

- I) Sexual: assediar, induzir e/ou abusar;
- II) Exclusão social: ignorar, isolar e excluir;
- III) Psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, infernizar, tyrannizar, chantagear e manipular.

Artigo 4º - Para a implementação deste programa, a unidade escolar criará uma equipe multidisciplinar, com a participação de docentes, alunos, pais e voluntários, para a promoção de atividades didáticas, informativas, de orientação e prevenção.

Artigo 5º - São objetivos do programa:

- I- Prevenir e combater a prática de *bullying* nas escolas;
- II- Capacitar docentes e equipe pedagógica para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema;
- III - Incluir, no Regimento Escolar, após ampla discussão no Conselho de Escola, regras normativas contra o *bullying*;
- IV- Esclarecer sobre os aspectos éticos e legais que envolvem o *bullying*;
- V- Observar, analisar e identificar eventuais praticantes e vítimas de *bullying* nas escolas;
- VI- Discernir, de forma clara e objetiva, o que é brincadeira e o que é *bullying*;
- VII- Desenvolver campanhas educativas, informativas e de conscientização com a utilização de cartazes e de recursos de áudio e áudio-visual;
- VIII- Valorizar as individualidades, canalizando as diferenças para a melhoria da auto-estima dos estudantes;
- IX- Integrar a comunidade, as organizações da sociedade e os meios de comunicação nas ações multidisciplinares de combate ao *bullying*;
- X- Coibir atos de agressão, discriminação, humilhação e qualquer outro comportamento de intimidação, constrangimento ou violência;
- XI- Realizar debates e reflexões a respeito do assunto, com ensinamentos que visem a convivência harmônica na escola;
- XII- Promover um ambiente escolar seguro e sadio, incentivando a tolerância e o respeito mútuo;
- XIII- Propor dinâmicas de integração entre alunos e professores;
- XIV- Estimular a amizade, a solidariedade, a cooperação e o companheirismo no ambiente escolar;
- XV- Orientar pais e familiares sobre como proceder diante da prática de *bullying*;
- XVI - Auxiliar vítimas e agressores.

Artigo 6º - Compete à unidade escolar aprovar um plano de ações, no Calendário da Escola, para a implantação das medidas previstas no programa.

Artigo 7º - Fica autorizada a realização de convênios e parcerias para a garantia do cumprimento dos objetivos do programa.

Artigo 8º - A escola poderá encaminhar vítimas e agressores aos serviços de assistência médica, social, psicológica e jurídica, que poderão ser oferecidos por meio de parcerias e convênios.

Artigo 9º - O Poder Executivo regulamentará esta lei no prazo de 90 (noventa) dias a contar da data da sua publicação.

Artigo 10 - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICATIVA

O *bullying*, palavra de origem inglesa, significa tyrannizar, ameaçar, oprimir, amedrontar e intimidar. A prática já se tornou comum entre os adolescentes. Um problema que começa a ser discutido com mais intensidade diante do aumento da violência escolar.

A preocupação com o *bullying* é um fenômeno mundial. Pesquisa feita em Portugal, com 7 mil alunos, constatou que 1 em cada 5 alunos já foi vítima desse tipo de agressão. O estudo mostrou que os locais mais comuns de violência são os pátios de recreio, em 78% dos casos, seguidos dos corredores (31,5%).

Na Espanha, o nível de incidência de *bullying* já chega a 20% entre os alunos. O percentual assusta as autoridades espanholas, que já desenvolvem ações para coibir a prática.

A Grã Bretanha também está apreensiva com a maior incidência de ocorrências. Foi apurado, em pesquisa, que 37% dos alunos do primeiro grau das escolas britânicas admitiram que sofrem *bullying* pelo menos uma vez por semana.

O tema desperta o interesse de pesquisadores dos Estados Unidos, onde o fenômeno de violência foge do controle.

Estima-se que até 35% das crianças em idade escolar estão envolvidas em alguma forma de agressão e de violência na escola.

Em Colorado (EUA), dois adolescentes do ensino médio mataram 13 pessoas e deixaram dezenas de feridos, em um repentino ataque com arma de fogo. Após o ato, cometeram suicídio. Os agressores sofriam constantes humilhações dos colegas de escola.

No Brasil, não há pesquisas recentes sobre o *bullying*, muito embora seja evidente o aumento do número de agressões e atos de discriminação e humilhação em ambiente escolar.

Estudo feito pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (Abrapia), em 2002, no Rio de Janeiro, com 5875 estudantes de 5ª a 8ª séries, de onze escolas fluminenses, revelou que 40,5% dos entrevistados confessaram o envolvimento direto em atos de *bullying*.

Em São Paulo, faltam estatísticas oficiais sobre esse tipo de agressão. Porém, diante da maior incidência de casos, algumas escolas paulistas desenvolvem, isoladamente, trabalhos de orientação sobre o assunto.

Como consequência do agravamento das ocorrências de *bullying*, pais de aluno ameaçam processar a escola, acusando professores e diretores de falta de supervisão. Principalmente em atos de violação dos direitos civis e de discriminação racial ou de assédio moral.

Nas ações, os pais requerem indenizações por danos patrimoniais e morais. A responsabilidade da escola é objetiva, ou seja, não precisa provar a intenção, basta a comprovação da omissão.

O *bullying* é uma forma de agressão que afeta a alma das pessoas. Pode provocar, nas vítimas, um sentimento de isolamento.

Outros efeitos são a redução do rendimento escolar e atos de violência contra e si e terceiros.

Em 2004, um aluno de 18 anos de uma escola de Taiúva (SP) feriu oito pessoas com disparos de um revólver calibre 38, suicidando-se em seguida. O jovem era obeso e, por isso, vítima constante de apelidos humilhantes. Alvo de gargalhadas e sussurros pelos corredores.

O modo como os adolescentes agem em sala de aula, com a colocação de apelidos nos seus colegas, pode contribuir para que pessoas agredidas não atinjam plenamente o seu desenvolvimento educacional. São atitudes comportamentais que provocam fissuras que podem durar para a vida toda.

Criar um estigma ou um rótulo sobre as pessoas é como pré conceituá-las, ou seja, praticar o *bullying*. Além de ser uma agressão moral, é uma atitude de humilhação que pode deixar seqüelas emocionais à vítima. Outros exemplos são os comentários pejorativos sobre peso, altura, cor da pele, tipo de cabelo, gosto musical, entre outros.

A instituição de programa de combate ao *bullying* nas escolas vai permitir o desenvolvimento de ações de solidariedade e de resgate de valores de cidadania, tolerância, respeito mútuo entre alunos e docentes. Estimular e valorizar as individualidades do aluno. A iniciativa pretende ainda potencializar as eventuais diferenças, canalizando-as para aspectos positivos que resultem na melhoria da auto-estima do estudante.

Sala das Sessões, em 18-4-2007

Paulo Alexandre Barbosa - PSDB

